





**Assembleia Legislativa
do Estado da Bahia**

Mesa Diretora:

Marcelo Nilo
Presidente

Yulo Oiticica
1ª Vice-Presidência

Sandro Régis
2ª Vice-Presidência

Nelson Leal
3ª Vice-Presidência

Paulo Azi
1ª Secretaria

Rogério Andrade
2ª Secretaria

Fabício Falcão
3ª Secretaria

Fátima Nunes
4ª Secretaria

Aderbal Caldas
Bira Corôa

Carlos Geilson
Leur Lomanto Júnior
Maria Luiza Laudano
Suplentes

Paulo Bina
Chefe da Assessoria de Comunicação Social

Délio Pinheiro
Assessor para Assuntos de Cultura

Ofún

Tradição Oral

Maria Stella de Azevedo Santos

Tradição Escrita

Graziela Domini Peixoto

QDU ÀDÁJQ



Salvador • Bahia • 2013

Pèlẹ̀ to ọ̀wọ̀ ọ̀mọ̀ èku baba wá

Baba ati iyá mi, ki tobi mi, ló jọ, gbà mi efiedeno

Iyáloríṣa Ọ̀ba Biyi gbà mi efiedeno

Iyáloríṣa Olufan Deiyi gbà mi efiedeno

Iyáloríṣa Ọ̀sun Miwà gbà mi efiedeno

Iyáloríṣa Iwin Tòna gbà mi efiedeno

Awon Esa ki ẹ̀lèsè Olorun, gbà mi efiedeno

Awon ẹ̀gun ki ẹ̀lèsè Olorun, gbà mi efiedeno

Èṣu Bòni Bodè yágo

Ògún Akoro gbà mi o

Ọ̀baluaye gbà mi o

Ọ̀dẹ̀ Arolé gbà mi o

Iyá Lodò Ìdè gbà mi o

Iyá Mesān Ọ̀run gbà mi o

Iyá Tāràgba Omi gbà mi o

Ọ̀ba Koso gbà mi o

Baba Olofon ati Oṣàgiyàn gbà mi o

Ọ̀rúnmilà gbà mi o

Peço ao meu criador, **Olorun**, que, com compaixão, respeito e força pura, coloque em ordem a minha espiritualidade pois sou sua filha.

Meu pai e minha mãe, que me deram nascimento e educaram, mas que já se foram proteja-me, tenha paciência.

Iyáloríṣa Óba Biyi proteja-me, tenha paciência.

Iyáloríṣa Olufan Deiyi proteja-me, tenha paciência.

Iyáloríṣa Òṣun Miwà proteja-me, tenha paciência.

Iyáloríṣa Iwin Tòna proteja-me, tenha paciência.

Todos os **Esa** que são servos de **Olorun** protejam-me, tenha paciência.

Todos os ancestrais que são servos de **Olorun** protejam-me, tenha paciência.

Peço licença a **Èṣu**, Aquele que ocupa e protege a porta da cidade.

Peço a **Ògún**, Aquele que usa capacete, receba-me e proteja-me.

Ọbaluaye, Senhor da Terra, receba-me e proteja-me.

Òṣósi, Aquele que surge quando é chamado através do som, receba-me e proteja-me.

Òṣun, Mãe Senhora do Rio, que é dona do bracelete de amarração, receba-me e proteja-me.

Yansān, Mãe das nove dimensões, receba-me e proteja-me.

Mãe das águas, que é amadurecida e fala francamente, receba-me e proteja-me.

Ṣàngó, Rei de **Koso**, receba-me e proteja-me.

Pai **Olofon** e **Oṣàgiyàn**, receba-me e proteja-me.

Òrúnmìlà receba-me e proteja-me.

■ Sumário

Introdução: Coleção Ọdu Àdájọ	9
A Coleção Ọdu Àdájọ como ferramenta	13
Proposta de Leitura da Coleção Ọdu Àdájọ	15
Àkọ̀ṣo – Prefácio	17
Ọfun Méjì : Resumo	19
Instrumento	25
Gênero	28
Elemento	30
Ètítẹ̀ Alẹ̀ = Sinais de Ifá	33
Ìwọ̀-Ọrun = Ponto Cardeal	34
Wájì = Cor	37
Ajọba = Regência	40
Ara Ènià = Corpo Humano	41
Itúmọ̀ Orúko = Significado do Nome	42
Kiki = Saudação	44
Ìtan-Àtowodowo = Fecundação	45
Ìtan de 1 a 28	46
Èda-Òkúta = Reino Mineral	63
Èdá-Ewéko = Reino Vegetal	66
Èdá-Ẹlẹ̀mi = Reino Animal	76

Ìjọba Aráiyè = Reino Hominal.....	89
Ìjọba Ọrun = Reino Divinal	92
Sentenças	98
Àfọṣẹ = Relato do Jogo	100
Ẽwò = Interdito	103
Comportamentos Adequados	104
Elementos de Ẹbọ.....	106
Colocação de Ẹbọ.....	108
Nomes a serem chamados	109
Ọfọ = Encantamentos	111
Simbologia.....	114
Fontes Bibliográficas	125

■ Introdução

A Coleção **Ọdu Àdájọ** tem como objetivo primordial contribuir para que a religião trazida pelo povo africano para o Brasil seja mais bem compreendida e, assim, possa ser mais respeitada. O preconceito é fruto do desconhecimento e gera conflitos que interferem na vida individual e coletiva. Explanando a filosofia da religião dos **oríša**, sem precisar devassar seus mistérios – os quais interessam apenas a seus sacerdotes, por serem eles os responsáveis pela execução dos rituais –, pretende-se dar uma contribuição no sentido de ajudar para que a distância entre as pessoas, decorrente de desavenças religiosas, possa tornar-se cada dia mais insignificante. Essa coleção se destina, portanto, a qualquer pessoa que busque ter uma visão mais ampliada da existência, aos estudiosos de culturas diversas e, principalmente, aos iniciados da religião que é conhecida no Brasil pelo nome de candomblé.

É da natureza humana o hábito de tentar planejar a vida, o que termina por fazer com que o homem busque formas de penetrar no desconhecido futuro. Uma das formas muito utilizada é a adivinhação, que consiste na tentativa de predizer o que está por vir. O povo africano, não fugindo a essa regra, também tenta desvendar o que está encoberto através da interpretação dos muitos sistemas oraculares complexos que possui. Por terem esses oráculos origem divina, optou-se por chamá-los de sistemas divinatórios, ao invés de adivinatórios. O sistema divinatório mais completo do referido povo é o Corpo de **Ọdu** de **Ifá**, que é um conjunto culturalmente codificado, que permite a obtenção de revelações sobre importantes situações consideradas vitais, como: doenças e morte; condição social, profissional, afetiva e econômica;

calamidades e perdas em geral. As respostas reveladas que o sistema divinatório dá ao consulente têm como objetivo contribuir para que este adquira uma qualidade de vida capaz de lhe proporcionar a longevidade necessária ao cumprimento da missão que a ele foi confiada pelos seres superiores. Acredita-se que a felicidade vem da paz e que esta só é conseguida quando a consciência pode dizer: missão cumprida. O conhecido “povo-de-santo” absorveu a crença africana que considera o mundo como sendo permanentemente influenciado pela força dos ancestrais e das várias divindades conhecidas como **oríṣa**, as quais são comandadas pelo Deus Supremo – **Olorun /Olódúmaré**.

O Sistema Divinatório de **Ifá**, que foi entregue ao **oríṣa Ọrúnmìlà** pelo próprio **Olorun**, é considerado um oráculo pelo fato de as respostas obtidas para as perguntas feitas serem sempre inspiradas pelos deuses consultados. **Ọrúnmìlà** é a divindade, enquanto **Ifá** pode ser tanto a divindade, quanto o sistema divinatório a Ele associado. É ao Corpo de **Ọdu** inserido no referido sistema que os **babalawo** – sacerdotes guardiões dos mistérios – reportam-se para orientar as pessoas que os procuram. Os epítetos de **Ọrúnmìlà** fornecem os dados necessários para a compreensão deste **oríṣa: Gbáiyé-Gbọrun** — Aquele que vive tanto no **Ọrun** como no **Aiyé** e, assim, pode servir de intermediário entre os homens e o deus supremo; **Ọgbón-ìmọ** – Aquele que representa a sabedoria e o conhecimento; **Èlẹ̀bẹ̀ Ìpilẹ̀** – Advogado, desde a origem, do destino dos homens. Sobre **Ọrúnmìlà** é dito: **oKiki pa ọjó iku dà** = confunde a morte e consegue alterar sua data. **Ọrúnmìlà** é, assim, a divindade oracular que pode orientar os sacrifícios, oferendas e reformas comportamentais necessárias para modificar o que pode ser modificado no destino de cada um, a fim de que acontecimentos infelizes possam ser evitados ou retificados.

A Coleção **Ọdu Àdájọ** tem por base o mais importante sistema divinatório do povo **yorubá**, o Jogo de **Ifá**, que deu origem ao **Mérìndinlogun**, o conhecido Jogo de Búzios, oráculo africano mais utilizado no Brasil. No início dos tempos, os oráculos africanos só foram ensinados por **Ọrúnmìlà** a Seus discípulos, os quais eram apenas do sexo masculino. Um dia, porém, **Ọsun** cismou que gostaria também de ser divinadora. **Ọrúnmìlà** negou o pedido da deusa, veementemente. **Ọsun**, que não é de se deixar convencer tão facilmente, apelou para o melhor amigo de **Ọrúnmìlà**, **Èṣu**, que não se dispôs

a trair o amigo. Inconformada, e sendo uma poderosa feiticeira, a dona dos rios preparou uma porção mágica, conseguindo fazer com que **Èṣu** promettesse que Lhe ensinaria a fazer uso de oráculos. Quando o efeito da porção passou, **Èṣu** ficou arrasado, mas era tarde, Ele já tinha feito a promessa. **Èṣu** só teve tempo de trocar a posição dos **oḍus**, tentando com isto convencer a **Òrúnmìlà** de que não tinha caído na armadilha preparada por **Òṣun**, pois o oráculo transmitido estava todo confuso, com os **oḍu** todos trocados de posição. É por essa razão que o **oḍu Ófun Méjì**, por exemplo, encontra-se na décima sexta posição em **Ifá** e na décima posição no **Mérìndinlogun**, onde é conhecido pelo mesmo nome; já o **oḍu Eṣonile Méjì** se encontra na primeira posição em **Ifá**, onde é chamado de **Eṣi-Ogbé**, e na oitava posição no **Mérìndinlogun**. Surgia, assim, o **Mérìndinlogun**, o Jogo de Búzios, que **Òṣun**, conseqüentemente as mulheres, “ganhou” o direito de manusear. Afinal, o rio e a vida correm para frente.

■ A Coleção Ọdu Àdájọ como ferramenta

A busca pela ampliação do conhecimento deve ter como interesse principal o aprimoramento pessoal, visando uma amplificação das capacidades enquanto ser humano. A Coleção Ọdu Àdájọ pretende ser composta por dezesseis volumes, que correspondem aos dezesseis ọdu. A edição de cada volume segue a ordem de chegada dos ọdu de acordo com o Sistema de Ifá, pois só assim a relação entre os ọdu pode ser bem entendida. A nomenclatura utilizada, no entanto, é a do Méré̀ndinlogun, uma vez que esta é mais conhecida pelos brasileiros. Ficando, portanto, os volumes dispostos da seguinte maneira:

Volume 1 – Ọfun Méjì (ọdu nº 16 em Ifá, onde é chamado também de Ọfun, que corresponde no Méré̀ndinlogun ao nº 10).

Volume 2 – Ejìlẹ́ Méjì (ọdu nº 1 em Ifá, onde é chamado de Ejì-Ogbé Méjì, que corresponde no Méré̀ndinlogun ao nº 8).

Volume 3 – Ejìlẹ́gbòn Méjì (ọdu nº 2 em Ifá, onde é chamado de Ọyẹ̀kú Méjì, que corresponde no Méré̀ndinlogun ao nº 13).

Volume 4 – Èjìlẹ́bọ̀rà Méjì (ọdu nº 3 em Ifá, onde é chamado de Ìwọ̀rín Méjì, que corresponde no Méré̀ndinlogun ao nº 12).

Volume 5 – Odi Méjì (ọdu nº 4 em Ifá, onde é chamado também de Odi Méjì, que corresponde no Méré̀ndinlogun ao nº 7).

Volume 6 – Irọ̀sún Méjì (ọdu nº 5 em Ifá, onde é chamado também de Irọ̀sún Méjì, que corresponde no Méré̀ndinlogun ao nº 4).

Volume 7 – Owárin Méjì (ọdu nº 6 em Ifá, onde é chamado de Ọwòrì Méjì, que corresponde no Méré̀ndinlogun ao nº 11).

Volume 8 – Ọbarà Méjì (ọdu nº 7 em Ifá, onde é chamado também de Ọbarà Méjì, que corresponde no Mèrìndinlogun ao nº 6).

Volume 9 – Ọkánrà Méjì (ọdu nº 8 em Ifá, onde é chamado também de Ọkárán Méjì, que corresponde no Mèrìndinlogun ao nº 1).

Volume 10 – Èta Ògúndà Méjì (ọdu nº 9 em Ifá, onde é chamado também de Ògúndà Méjì, que corresponde no Mèrìndinlogun ao nº 3).

Volume 11 – Ọsa Méjì (ọdu nº 10 em Ifá, onde é chamado também de Ọsa Méjì, que corresponde no Mèrìndinlogun ao nº 9).

Volume 12 – Ikà Méjì (ọdu nº 11 em Ifá, onde é chamado também de Ikà Méjì, que corresponde no Mèrìndinlogun ao nº 14).

Volume 13 – Èjì Ọkó Méjì (ọdu nº 12 em Ifá, onde é chamado de Ọtùropón Méjì, que corresponde no Mèrìndinlogun ao nº 2).

Volume 14 – Aláfia Méjì (ọdu nº 13 em Ifá, onde é chamado de Ọtùwà Méjì, que corresponde no Mèrìndinlogun ao nº 16).

Volume 15 – Ógbéogúndá Méjì (ọdu nº 14 em Ifá, onde é chamado de Iretè Méjì, que corresponde no Mèrìndinlogun ao nº 15).

Volume 16 – Ọşè Méjì (ọdu nº 15 em Ifá, onde é chamado também de Ọşè Méjì, que corresponde no Mèrìndinlogun ao nº 5).

■ Proposta de leitura da Coleção Ọdu Àdájọ

Sugere-se que a coleção seja lida por inteiro – de maneira superficial ou profunda, a depender do interesse do leitor –, pois assim se tem uma visão global do Sistema Oracular de **Ifá**, do qual foi gerado o **Mèrìndinlogun**. O volume de maior interesse do leitor deve ter uma dedicação especial, com uma primeira leitura completa, a fim de que o **ọdu** seja entendido por inteiro, e depois se transforme em uma espécie de livro de cabeceira. Não só esse volume, mas a obra completa fica como fonte de consulta, para quando necessário. O fato de todas as palavras em **yorubá** terem sido colocadas com a grafia correta é uma forma de preservar a língua. As palavras em **yorubá** não têm plural, esta é a razão que faz com que o leitor encontre no texto, por exemplo: os **ẹbọ**, os **oríṣa**. Para que o leitor vá aprendendo, gradativamente, a língua “religiosa” usada no candomblé de nação **ketu**, é bom entender um pouco sobre a pronúncia de alguns sinais: ẹ (é); ọ (ó); ṣ (x).

Como o conteúdo da coleção, em sua grande parte, derivou da oralidade, foi utilizada uma bibliografia mínima. É em razão do uso desse tipo de transmissão de conhecimento que são encontradas divergências de pronúncia e tradução dos **orin** (cântico), **adúrà** (rezas), **ọfọ** (feitiço), entre os terreiros/templos de candomblé. O fato de uma comunidade religiosa de culto aos **oríṣa** cantar uma música de um jeito e a outra comunidade cantar de forma diferente não quer dizer que uma esteja correta e a outra não, mas é importante que se busque sempre, e de maneira mais límpida possível, pronunciar o **yorubá** corretamente, assim como entender o que é dito de forma condizente com os fundamentos, e não aleatoriamente.

Aconselha-se que os **ẹbọ** identificados na coleção só sejam realizados por iniciados, principalmente por aqueles que tenham “caminho” para executar este

tipo de ritual. Nunca, em hipótese nenhuma, deve ser feito por não iniciados, uma vez que os corpos destes não foram devidamente preparados para manipular energias mágicas, isto é, não possuem o **àṣẹ** (energia) necessário para a realização desse preceito; como também não possuem conhecimentos que impeçam de que graves erros sejam cometidos. Realizar tarefas que não foram solicitadas ou indicadas, só serve para atrapalhar o destino daquele que se permite fazer o que não é preciso que ele faça.

■ Àkóşo – Prefácio

Ser iniciada aos catorze anos de idade, fez com que eu tivesse a vantagem da inocência. Sem saber da responsabilidade que me esperava, eu brincava de caçador. Afinal, fui consagrada para o **oríşá Ọşósi** – a divindade caçadora. Na minha mocidade, pude conciliar a profissão com a religião, cuidando do ser humano como enfermeira sanitaria durante trinta e cinco anos, quando me aposentei, ao tempo em que servia também aos deuses. Curiosamente, alguns mais velhos insistiam em me repassar os conhecimentos que possuíam sobre os fundamentos do candomblé. Em uma época em que nossa tradição era transmitida apenas oralmente, Bida de **Iyemonjá**, por exemplo, contrariava o costume e de maneira obstinada mandava que eu anotasse nossas conversas. Muito tímida e respeitosa, não era fácil fazer o que ela mandava. Com o passar do tempo, entendi que os mais velhos queriam munir-me de conhecimentos, pois cada dia eu recebia mais informações. Só em dezenove de março de mil novecentos e setenta e sete, quando fui escolhida **iyáloríşá** do terreiro de candomblé onde fui iniciada – o **Ilé Àşę Opo Afonjá**, na Bahia –, é que pude enfim compreender o porquê de toda aquela atenção para comigo.

Nos anos que se seguiram, não apenas os mais velhos, mas também pessoas mais novas me enviavam importantes materiais de pesquisa sobre a religião que nos foi legada pelos africanos. As minhas atividades como **iyáloríşá** são muitas e nunca me permitiram organizar tudo que eu recebia por revelação divina ou por gentileza dos homens, o que muito me preocupava. Pela graça do próprio **oríşá**, iniciei alguém possuidora das características essenciais para executar a tarefa de selecionar e estruturar o rico material que colecionei durante toda uma vida. Como filha de **Iyemonjá**, **Iyá Ibèrè** possuía a concentração necessária para realizar trabalho tão minucioso. Meu objetivo primeiro era apenas o de não deixar perder essa valiosa herança de nossos ancestrais. Entretanto, a chegada da *internet* me obrigou a refletir se ainda seria possível manter em segredo

absoluto os mistérios que envolvem essa religião iniciática. Até porque esse importante meio de comunicação muitas vezes é utilizado de forma simplista, que termina por vulgarizar assuntos de extrema profundidade. Assim foi que optei por fazer uso da tradição escrita para, respeitosamente, oferecer a riqueza da filosofia **yorubá**, que nos foi transmitida pela tradição oral – **ìpita**, sem, no entanto, expor fundamentos que não são de interesse de todos. Como iniciada que sou, tenho a tendência de resguardar os mistérios, evitando retirar os véus que os encobrem. Por isso, não foi uma decisão nada fácil editar a coleção que agora entrego ao público. A ousadia veio da necessidade, mas a coragem veio da permissão dos **oríša**. Diante da modernidade, essa ficou sendo minha única alternativa de evitar deturpações da essência de uma religião milenar. Quero deixar claro que o que aqui transmito tem como base o candomblé como é professado no **Ilé Àṣẹ Opo Afonjá**, na Bahia. Se a mim os deuses deram a tarefa de receber e guardar os conhecimentos registrados nesta coleção, para minha filha **Ibèrè** a tarefa dada foi não só a de organizar, aprofundar e registrar de maneira escrita os conhecimentos, mas também a de garimpar pessoas que pudessem colaborar conosco. Fica, então, minha gratidão ao empenho de **Olúàládé** – José de Ribamar Feitosa Daniel; **Òba Tóbiwá** – Ângela Botelho e **Nipaiṣẹ** – Rose Vermelho.

■ Ófun Méjì

Ófun Méjì é o 16º **odu** na ordem de chegada ao **Áiyè**, no Sistema Oracular de **Ifá**, onde é conhecido pelo mesmo nome; enquanto que é o 10º **odu** no **Mèrìndinlogun** – Jogo de Búzios. Dezesesseis é um importantíssimo número para o candomblé. É, por exemplo, a quantidade de búzios usada para divinação; é o número dos principais **odu**... Sobre o número **dezesesseis** é dito: “Este número, quadrado de quatro, indica a realização da força material. Enquanto tal, toma também uma significação moral perigosa, a de uma exaltação do orgulho, de uma vontade de poder sem controle... Se, por outro lado, considerarmos que é o dobro de oito, ele se torna a multiplicação, para o ser, dos ciclos de vicissitude e de renascimento... o que tão pouco vem a ser uma situação de completa tranquilidade” (CHEVALIER, p. 335). O número **dez**, por sua vez, é símbolo da unidade universal em movimento, de onde surge a criação. Ele comporta em si a soma dos quatro primeiros números, o que lhe confere “um sentido de totalidade, de conclusão. O sentido de volta à unidade. Simbolizando, embora, um conjunto, **10** tem conotação de dualismo fundamental, princípio do movimento. Não é de surpreender, nessas condições, que o dez possa exprimir do mesmo modo a morte e a vida, sua alternância, sua coexistência...” (CHEVALIER, p. 334). **Ófun Méjì** é, portanto, um **odu** de extrema complexidade, que como símbolo da síntese universal, carrega em Si a responsabilidade pela “Criação” e por todo tipo de criação, que acontece por oposição ou complementação dos opostos, enfim, através de permanente movimento.

“A criação simboliza o fim do caos, pelo advento, no universo, de uma certa forma, de uma ordem, de uma hierarquia... Segundo as diversas cosmogonias... a obra do criador precede o caos ou lhe sucede. O caos não passa

de uma primeira fase: uma massa elementar e indiferenciada que o espírito penetra, dando-lhe forma... O ato de criação, no seu sentido lato, é a energia, que organiza os primeiros dados, informes... Depois do ato criador, duas forças são geralmente percebidas como distintas: uma, imanente da matéria, que é a própria matéria, participando da energia criadora e tendendo espontaneamente a formas sempre diferenciadas; a outra, transcendente, a energia criadora que continua sua obra e sustenta essa obra de existência – pois o mundo foi concebido como uma criação contínua” (CHEVALIER, p. 300-301).

Ófun Méjì é o **odu** da unidade e, por isto, tem como instrumento a Cabaça-da-Existência, correspondente ao Ovo Cósmico de outras Tradições, que comporta tudo o que foi ou que há de ser criado através do movimento dos diversos pares de opostos: masculino/feminino, positivo/negativo, ação/reposo, luz/trevas, preto/branco, macho/fêmea, vida/morte. **Ófun Méjì** – **odu** representado por **Qbátálà** – comanda a vida através de Seu “filho” **Ejì-Ogbé/Ejònile**, **odu** relacionado a **Oṣàlá**; e comanda a morte através de **Ọyèkú/Ejìlògbòn**, **odu** relacionado a **Odùdúwá**. **Oṣàlá** e **Odùdúwá** quando em estado de união formam o par cósmico primordial. A relação entre esses dois **oríṣa** “contém ao mesmo tempo as ideias de movimento, de continuidade, de autofecundação e, em consequência, de eterno retorno” (ver Simbologia – **Àilópin Àbò**) (CHEVALIER, p. 922). **Ófun Méjì** rege o movimento que conduz a criatura ao Criador, retornando ela, assim, à Unidade Primeira.

O **odu Ófun Méjì** foi criado pelo **Èmí** de **Olorun**, isto é, pelo Sopro de Deus Supremo (ver Simbologia – **Fũ**). Criado **Ófun Méjì**, Ele deu nascimento a **Ejì-Ogbé** – **odu** em Ifá nº 1, que corresponde no **Mérìndinlogun** ao nº 8, onde é conhecido pelo nome de **Ejònile** – e a **Ọyèkú** – **odu** em Ifá nº 2, que corresponde no **Mérìndinlogun** ao nº 13, onde é conhecido pelo nome de **Ejìlògbòn**. Considerado hermafrodita, **Ófun Méjì** é pai e mãe dos dois **odu** acima citados. Apresenta, entretanto, muito mais semelhança com **Ejònile**, tanto que quando **Ófun** ou **Ejònile** aparecem no jogo divinatório, o sacerdote deve levantar-se três vezes e reverenciá-los exclamando **Ẹ̀pà Baba!** Expressão que foi utilizada por **Ófun Méjì**, no momento em que

encontrou uma divinadora leprosa (**itan 1 e 6**), quando Ele ainda estava no **Òrun**, onde era conhecido pelo nome **Òragún** ou **Orogun**. **Ẹ̀pà Baba** é uma exclamação através da qual se pede clemência ao Grande Pai – **Oṣàlá**, em virtude de algum medo que se esteja sentindo.

A complexidade amedrontadora de **Ófun Méji** é também relatada através de um **itan** do **odu Eḡonile**: **Òrúnmìlà** buscava uma jovem chamada Sabedoria e com a ajuda de **Èṣu** encontrou o castelo onde ela morava. Ele precisaria abrir várias portas para que em cada uma delas encontrasse o ser guardião do cômodo, que era na verdade um dos dezesseis **odu**. **Èṣu** disse a **Òrúnmìlà** que a décima sexta porta seria o último obstáculo que deveria transpor para encontrar a musa que Ele tanto queria. Lá estaria **Ófun Méji**, o mais velho e o mais terrível dos dezesseis gênios guardiões, que deixa aterrorizado todos que O encontram. Por medo, e para aplacar Sua ira, **Òrúnmìlà** deveria saudá-Lo dizendo: **Ẹ̀pà Baba!** Por respeito, não deveria encará-Lo de frente, pois é **Ófun Méji** pai e mãe de todos os outros gênios, que Nele habitam e que Dele se dissociam apenas de forma ilusória. **Èṣu** explicou para **Òrúnmìlà** que ao conhecer esse complexo **odu** Ele tomaria para Si a bela donzela Sabedoria, e que esta Lhe daria a chave que guarda os segredos do universo, pois **Ófun Méji** é o Senhor da Criação, conseqüentemente, o Senhor dos Mistérios, que precisou por isto fazer surgir o juramento e as sociedades secretas (**itan 8**). A partir de então, **Òrúnmìlà** também se tornou o Senhor dos Segredos – **Olowo**, pois **Ófun Méji** Lhe capacitou para ajudar os homens a desvendarem os mistérios de suas próprias vidas. **Òrúnmìlà** aprendeu a manusear o Oráculo de **Ifá** através de **Ófun**, que Lhe orientou a não guardar o dinheiro ganho com o oráculo e nem deixá-lo de herança. **Ófun Méji** é **odu** que cobra, de maneira intensa, seriedade e compromisso com a própria vida espiritual.

Ófun Méji é o **odu** que, junto com **Eḡonile**, revelou os acontecimentos que ocorreriam na “Peregrinação de **Oṣàlá**”, a qual deu origem ao ritual conhecido como **Omi Oṣàlá**. Rege todos os mistérios, inclusive o que se refere à ressuscitação dos mortos, que o **odu Oṣẹ̀ Méji** adquiriu Dele, através de uma relação incestuosa. **Ófun Méji** gerou todos os **odu** e foi gerado pelo **Èmí** – o Sopro Criador – de **Olorun**. Por isso se diz que é através de **Ófun Méji** que o homem se comunica diretamente com o deus supremo. **Ófun Méji** é atmosfera, ar, firmamento. **Ófun** é **Ófūrufú**. É **àgba**, tendo, portanto, sob Sua regência tudo o que já está manifestado no universo, mas

também o que ainda está por manifestar. Foi Ele quem gerou todos os ọdu e não apenas Eḡḡonile e Eḡḡilògbòn. Ọfun Méji é o Grande Pai – Oṣàlá – e ao mesmo tempo a Grande Mãe – Odùdúwá. Ọbàtálà é um nome muito utilizado quando a intenção é referir-se a Oṣàlá, mas, na verdade, esta é a denominação dada às duas principais divindades funfun – Oṣàlá/Odùdúwá – quando Elas ainda se encontravam unidas no Ọrun, antes da criação do Áiyè. Essa é razão de Ọbàtálà ser representado por um casal de pombos brancos. Literalmente, a palavra Ọbàtálà significa Algodão Alvejado que Germina. Ọfun Méji é Dídá – o ọdu da “Criação”.

No Ọrun, Odùdúwá unida a Oṣàlá formavam um só oríṣa – Ọbàtálà –, símbolo do casal mítico primordial, propulsor da “Criação”, existente nas cosmogonias de diferentes culturas. O ọdu Ọtùropón/Èji Ọkó se une ao ọdu Ọwòrì/Owárìn para formar o omọ ọdu Ọtùropón-Ọwòrì, que relata a história mítica sobre a Criação do Mundo (Ìtànìgbà-ndá-àiyé), segundo a cosmogonia yorubá:

No principio de tudo, quando não havia separação entre o que está em cima e o que está embaixo, cuja representação maior é o que normalmente se costuma chamar de Céu e Terra, Oṣàlá e Odùdúwá viviam juntos dentro da Cabaça-da-Existência (Igbá Iwa), também conhecida como Cabaça-dos-Destinos (Igbádu). Oṣàlá e Odùdúwá viviam muito apertados naquele local, tendo que dormir um em cima do outro. O que determinava quem dormiria por cima ou por baixo era os sete anéis que Eles possuíam. Oṣàlá sempre conseguia colocar quatro anéis e por isto tinha o privilégio de ficar por cima. Odùdúwá se conformou com aquela situação por muito tempo, mas um dia Ela disse que usaria os quatro anéis. Oṣàlá não aceitou e a luta entre o casal/irmão foi tão grande que a Cabaça se rompeu em duas metades, ficando Oṣàlá na parte superior e Odùdúwá na parte inferior. Estava rompida a união do Grande casal (ver Instrumento).

O casal já não podia viver junto no mesmo local e, assim, Olorun resolveu criar a Terra. O oráculo de Ifá foi consultado e o primeiro a se apresentar foi Ọfun Méji, o ọdu hermafrodita representado por Ọbàtálà – Oṣàlá/Odùdúwá. Em seguida se apresentou Eḡḡi-Ogbé/Eḡḡonile Méji – o ọdu da vida, representado por Oṣàlá. Logo depois surgiu Ọyèkú/Eḡḡilògbòn – o ọdu da morte, que é comandado por Odùdúwá. Tudo indicava que a missão seria coroada com êxito, mas para que Èṣu ajudasse no cumprimento

da missão, Ele precisaria receber Sua oferenda. Assim a Lei Universal da Troca seria respeitada. A união entre **Oṣàlá** e **Odùdúwá** estava rompida, o que impossibilitou **Òfun Méjì** de sair do **Òrun** para criar a Terra. Como **Ejònile Méjì** foi o segundo **òdu** a se apresentar, **Olorun** confiou a **Oṣàlá** aquela tão grandiosa tarefa. A divindade suprema entregou a **Oṣàlá** a Cabaça-da-Existência, contendo nela o germe de tudo que há no mundo e Lhe lembrou a necessidade de oferecer a **Èṣu**. **Oṣàlá** não obedeceu à recomendação de dar oferenda a **Èṣu**. Ele não aceitou submeter-se ao **oríṣa** símbolo da existência diferenciada, o princípio dinâmico de propulsão, mobilização, transformação e crescimento que conduz à criação. **Oṣàlá** se esqueceu da importância de **Èṣu Yangí** – **Èṣu Àgba**, a primeira matéria criada, formada de água e terra. **Èṣu** da Laterita Vermelha, um rochedo avermelhado (laterita) que ganhou vida ao receber o “Hálito” de **Olorun**. A primeira matéria que daria forma a todas as outras subsequentes, inclusive daria forma à humanidade.

A teimosia e falta de humildade de **Oṣàlá** Lhe causaram grandes problemas. **Olorun** tinha dito a **Oṣàlá** que durante Sua missão Ele estava proibido de ingerir vinho-de-palma (**ẹmu**), uma bebida fermentada que possui alto teor alcoólico. O suprimento de água que **Oṣàlá** levou para Sua viagem acabou e Ele ficou com uma sede insuportável (**òhàhà** = sede excessiva, palavra que também indica excesso de ansiedade), o que fez com que Ele bebesse a seiva do tronco do dendezeiro (**òpè**) que **Èṣu**, cumprindo Sua tarefa da fazer com que não fossem negligenciadas as ordens de **Ifá**, tinha colocado em Seu caminho. **Oṣàlá** tomou uma bebedeira (**àmupara**) e Sua importante missão foi, então, transferida para **Odùdúwá** – Sua contraparte feminina. Ela não tardou em buscar as orientações de **Ifá**, que Lhe falou através do **òdu Òyèkú/Ejìlògbòn**, o qual se refere à morte, aos finais de ciclo, à noite... Em mais duas jogadas surgiram **Ìwọrín/Èjìlasebọrà** e **Odì/Odì** (**òdu** que demonstra o jugo da matéria sobre o espírito, na Terra). Enquanto **Oṣàlá** saiu para Sua missão vestido totalmente de branco, homenageando **Ejì-Ogbé/Ejònile**, Sua irmã/esposa – **Odùdúwá** –, ao contrário, trocou Suas vestes brancas por outras totalmente pretas, tendo em vista que a cor branca nas vestes não Lhe parecia a mais propícia diante da dificuldade da missão a ser empreendida. A Terra não foi, então, criada pelo **òdu** da vida – **Ejì-Ogbé/Ejònile** – e sim pelo **òdu** da morte – **Òyèkú/Ejìlògbòn** – que faz com que tudo que existe no mundo, obrigatoriamente, um dia pereça.

■ Instrumento

O instrumento do **odu Ọfun Méjì** é **Igbá** = CABAÇA, “...imagem do corpo inteiro do homem e do mundo em seu conjunto” (CHEVALIER, p. 151). Principalmente cabaças grandes e inteiras que representam a Cabaça-da-Existência (**Igbá Iwa**) entregue a **Odùdúwà** para criar a Terra e tudo que nela habita, com excessão do homem que foi moldado pela Sua contraparte masculina – **Oṣàlá** – e que ganhou vida quando recebeu o Sopro de **Olorun**. A Cabaça-da-Existência é também conhecida como Cabaça-dos-Destinos (**Igbá-bádu**), onde “moram” os dezesseis **odu**. Eles possuem energias específicas, advindas das entidades representativas de cada um deles, as quais são extremamente misteriosas e, por isto, são “controladas” por o (ou os) **oríṣa** que dirige cada **odu**. O **oríṣa** vinculado ao **odu Ọfun Méjì** é **Ọbàtálà** e sua função é indecifrável como a própria Existência Divina.

A cabaça, na filosofia e religiosidade do povo **yorubá**, simboliza o universo. Para os africanos, e outros povos que cultuam a tradição vinda de África, a cabaça-de-pescoço representa o universo quando o **Ọrun** e o **Àiyé**, nos primórdios dos tempos, ainda estavam interligados. Simboliza, por isso, a união de todos os pares de opostos, enfim, a unidade primeira que guarda em si o germe de toda criação. A Cabaça-da-Existência, **Igbá-Iwa**, salvaguarda dentro dela quatro pequenas cabaças, representativas do espaço, dos quatro cantos do mundo, dos quatro pontos cardeais, conseqüentemente, dos quatro elementos fundamentais para a existência: ar, fogo, água e terra. É também chamada de Cabaça-dos-Destinos porque nela moram os dezesseis **odu**, “vivendo” em grupo de quatro nas quatro cabacinhas, divididos de acordo com os elementos (ar, fogo, água e terra) que foram criados e por isto é conhecida

como **Igbádu** – cabaça onde estão guardados todos os destinos (**ọdu**). A Cabaça-da-Existência é conhecida ainda por **Igbá Àjé** – Cabaça Grande da Feiticeira –, uma referência a **Odùdúwà** (ver **Ìtànìgbà-ndá-Àiyé**).

A simbólica da Cabaça-da-Existência é a mesma do Ovo Cósmico e do Atanor Alquímico. Os bambaras, um povo africano, diz que a cabaça é “símbolo do ovo cósmico, da gestação, do útero em que se elabora a vida. Os bambaras chamam ao cordão umbilical a corda da cabaça da criança” (CHEVALIER, p. 151). O simbolismo da cabaça, enquanto recipiente que guarda o germe de toda “Criação”, está para algumas tradições, entre elas a **yorubá**, como o Ovo Cósmico está para a cosmogonia de outros povos: “O ovo, considerado como aquele que contém o germe e a partir do qual se desenvolverá a manifestação, é um símbolo universal e explica-se por si mesmo. O nascimento do mundo a partir de um ovo é uma ideia comum a celtas, gregos, egípcios, fenícios, cananeus... às populações da Sibéria e da Indonésia e muitas outras ainda” (CHEVALIER, p. 672). A cabaça também é comparada ao atanor dos alquimistas, “símbolo do cadinho de transmutações físicas, morais ou místicas... A fundição dos ingredientes no cadinho simboliza... o retorno à indiferenciação primordial, exprimindo-se como sendo um retorno à matriz, ao estado embrionário. A abertura superior do atanor está assimilada à perfuração simbólica existente no cimo da cabeça, por onde se efetua a saída do cosmo, e por onde escapa... o embrião em seu processo de retorno ao vazio” (CHEVALIER, p. 96).

Como dá para perceber ao se ler o exposto acima, a cabaça é um objeto cujo simbolismo traduz fundamentos só alcançados por quem dedica sua vida ao reencontro com o divino. Quando a cabaça-de-pescoço está cortada horizontalmente, ela representa a separação do **Ọrun** e do **Àiyé** e é chamada de **Igbá**: palavra **yorubá** que é traduzida literalmente como cabaça cortada ao meio. A parte pontuda, superior, da cabaça representa o **Ọrun** – o masculino; a parte arredondada, inferior, representa o **Àiyé** – o feminino. A união das duas partes sugere a unidade, o universo em equilíbrio.

O iniciado no candomblé sabe que é em seu **Igbá** que está guardada sua essência divina, a qual encerra em si seu destino pessoal, seu **ọdu**, juntamente com o dom vinculado a ele, o qual deverá ser usado com sabedoria pelo iniciado, para que assim possa a criatura assemelhar-se ao Criador. A cabaça, **Igbá**, dos sacerdotes do candomblé dos tempos atuais, foi substituída por uma porcelana redonda com tampa, em virtude da maior durabilidade desta.

A cabaça-de-pescoço é o fruto de uma espécie de trepadeira da família das Cucurbitaceae, cujo nome científico é *Lagenaria vulgaris*. No candomblé esse fruto é usado como vasilha em um momento ritualístico muito importante: o banho iniciático de purificação. É também utilizado na substituição dos atabaques nos rituais fúnebres. Já a cabaça-sem-pescoço é o fruto de uma árvore da família Bignoniaceae, cujo nome científico é *Crescentia cujete*. Tem grande valor para o candomblé no ritual de “Entrega da Cuia”, que é uma forma simbólica de autorizar novos sacerdotes a abrirem suas “Casas”; e no ritual denominado **Ìpadé**, momento de reunião entre os diferentes seres espirituais e nós, humanos, compreendidos como seres materiais. O fruto das diferentes espécies de cabaceiras pode “tomar diferentes formas, inteira ou cortada, para diversas finalidades: **Igbájẹ** – para lavar roupas; **àdo** ou **ató** para guardar pós e remédios; **ahá** – em formato de copo para beber; **pòkó** – em formato de prato; **kòtò** – em formato de vasilha, cuja tampa possui um furo para servir de funil; **akènbè** – em formato de garrafa; **akèrègbè** – em formato de pote; **alugbá** – cabaça inteira usada como instrumento musical; **şéré = şékéré** – em formato de chocalho” (BENISTE, p. 351).

■ Gênero

Tòkònrin (masculino)

O **òdu Òfun Méjì** é hermafrodita, mas é visto como **tòkònrin** pelo fato de Ele ser formado por AR sobre AR – elemento masculino.

Diz Mãe Stella: “A magia é lógica”. A quinta **Ìyáloriṣa** do tradicional terreiro de candomblé **Ilé Àṣẹ̀ Opo Afonjá** assim fala porque conhece a complexidade e a coerência do sistema de ordenação de mundo desta religião. “No pensamento africano, de maneira geral, a sexualidade e as relações por elas supostas, a maneira pela qual elas se definem simbólica e praticamente, as naturezas dos dinamismos sociais elementares, dos quais elas são o ponto de origem, macho e fêmea, ficam sendo a base lógica dos sistemas de classificação” (BARROS. p. 1993). Macho e fêmea formam um par, de oposição e complementariedade, que permeia todo o referido sistema. Ele é encontrado nas divindades do panteão **yorubá**, onde os **oríṣa** são considerados masculinos (**òkònrin**) e femininos (**oborin**), dependendo das características que possuem. As plantas também são classificadas como: **ewé apá òtun** (folhas do lado direito) e **ewé apá osín** (folhas do lado esquerdo), querendo dizer que elas possuem características consideradas masculinas (**gùn/excitantes**) ou femininas (**èrọ/calmantes**). A maioria das tradições, inclusive a **yorubá**, relaciona o lado direito ao gênero masculino e o lado esquerdo ao gênero feminino. Elbein dos Santos, em seu livro *Os Nago e a Morte*, diz: “Ambas as categorias são igualmente importantes e suas funções têm valores equivalentes e complementares. Assim, por exemplo, um indivíduo está constituído de elementos da direita, herdados de seu pai, e de seus ancestrais masculinos, e de elementos de esquerda, herdados de sua mãe e de seus ancestrais femininos”.

Quando se fala em gênero de **ọdu**, compreende-se que é de maneira ampla. O masculino e o feminino não são vistos enquanto expressões da sexualidade individual, e sim como representantes de aspectos necessários para que se alcance o movimento e a unidade, tanto no micro como no macrocosmo. O Oráculo de **Ifá** trazido pelos africanos para o Brasil, do qual derivou o **Mérìndinlogun**, é composto por dezesseis **ọdu** principais, sendo considerados oito masculinos e oito femininos, que se completam entre si.

Um desses **ọdu** — **Ọfun Méjì**, no entanto, não deveria entrar nessa classificação, uma vez que Ele é tido como **ọdu** hermafrodita – o Grande Pai e a Grande Mãe de todos **ọdu**. Reafirmando o que já foi dito e repetido, em **Ifá**, **Ọfun Méjì** é considerado o décimo sexto **ọdu**, demonstrando que é o último na ordem de chegada ao **Àiyé**, apesar de ter sido o primeiro a ser gerado no **Ọrun**. **Ọfun Méjì** é considerado pai de todos os **ọdu**, principalmente pela forte relação que tem com **Oṣàlá**; e a Grande Mãe, por sua relação com o poder de “Criação” de **Odùdúwà**. Na verdade, **Ọfun Méjì** é mãe e pai ao mesmo tempo, pois é hermafrodita como o animal que O representa – o **ìgbín** (ver **Èdà-Èlémi**), animal que possui testículos e ovários.

■ Elemento

Afěfẹ = AR

Para muitas culturas, os quatro elementos – ar, fogo, água e terra – são fundamentais no que diz respeito à criação do planeta e dos seres que nele habitam. A tradição **yorubá** não foge a essa regra. Para ela, cada divindade está relacionada a um elemento. A antiga semana **yorubá** era composta por cinco dias: um dia para cada elemento e suas respectivas divindades, sendo que o quinto dia ficava destinado ao repouso. No que diz respeito aos deuses **ọdu**, cada grupo de quatro está interligado a cada um dos elementos, os quais interagem entre si.

Ọfun Méjì é o único **ọdu** que é considerado hermafrodita, mas Seu elemento – o ar – é masculino e ativo, assim como o fogo, o elemento de **Ẹjọnile**, dois **ọdu** que são intimamente ligados. O fogo só existe na presença do gás oxigênio (ar), assim como **Ẹjọnile** só passou a existir depois que **Ọfun** O “liberou”. O ar e o fogo são tão interligados que a cosmogonia de algumas tradições tem o fogo como a origem de tudo; enquanto outras, como a cosmogonia **yorubá**, veem o elemento ar como o princípio criativo da Grande Criação, entendendo que é o ar concentrado que faz surgir o calor, o fogo, e com ele todas as formas de vida.

Dizem ser o ar comprimido, que adquirido de maneira adequada pelo ser humano e “estocado” nos seus diversos corpos, a fonte de energia necessária para que se tenha poder criativo, que é o que faz com que o homem se assemelhe a Deus. Possuindo uma parcela do deus supremo, o homem pode a Ele assemelhar-se. Afinal, todo ser vivo foi pelo “Ar Divino” vivificado, não conseguindo, assim, sem Ele viver. Sem deus o homem não vive, assim como não vive sem o ar para respirar. O elemento de **Ọfun Méjì** é, portanto, o ar vinculado à **Olorun**, pois este **ọdu** foi fecundado pelo **àṣẹ** de **Ọrúnmilà** e pelo **Ẹmí**

de Deus Supremo, que é o Sopro da Vida: a Respiração Divina que vivifica o espírito, dando movimento ao que ainda se encontra em estado inanimado. O Sopro Divino pode ser chamado pelo nome **yorubá Ófūrufú**, palavra que também significa atmosfera: a fina camada de gases que protege a Terra e toda vida nela existente, pois absorvendo a radiação ultravioleta evita que a temperatura chegue a condições insuportáveis. O **Ẹmí** de Deus Supremo é, portanto, criador e protetor da vida, como o **àlà** (importante símbolo de **Oṣàlá**), sobre o qual é dito: “Oxalá..., que mantém a proteção vital, individual e coletiva, representada pelo Alá (pano branco que simboliza a atmosfera). O **alá** está associado a essa massa invisível de ar que está suspensa como um grande pano aberto acima de todas as cabeças dos indivíduos nascidos. O Alá preserva a existência dos vivos e ao fechar-se sobre alguém significa a morte do corpo, perda do calor vital, nascimento de **Orí**, no **Orún**” (RODRIGUÉ, p. 78).

“O elemento ar é simbolicamente associado ao vento, ao sopro... é o sopro vital, o sopro cósmico, e identifica-se com o verbo que é, ele próprio, sopro” (CHEVALIER, p. 68). Percebe-se que ao elemento ar, as diferentes tradições relacionam importantes ideias como: verbo de deus, vento e espaço.

Verbo – “A noção de palavra fecundadora, de verbo que traz o germe da criação, colocado no despontar desta última, como a primeira manifestação divina, antes que qualquer coisa tenha tomado forma, se encontra nas concepções cosmogônicas de muitos povos. É o caso da África negra...” (CHEVALIER, p. 679)

Vento (**afěfě**) – Ar dinamizado, que é...sinônimo do sopro e, por conseguinte, do Espírito, do influxo espiritual de origem celeste. Nas tradições bíblicas, os ventos são os sopros de Deus. O sopro de Deus ordenou o caos primitivo; animou o primeiro homem” (CHEVALIER, p. 935-936). Também nas tradições **yorubá**, o homem, que foi moldado com barro por **Oṣàlá**, só ganhou vida após receber, no ouvido, o sopro divino de **Olorun**. O vento relacionado ao **ọdu Ọfun Méjì** é a suave brisa que representa a Divindade Maior, mas também o vento tempestuoso de **Ọya, oríṣa** que devido à sua agitação simboliza instabilidade, inconstância, movimento.

“Odudua derramou sobre a palma da mão, estendida, o pó branco... e soprou-o com força em direção ao vazio. O pó... transformou-se em um pombo branco... A bela ave voou

trevas a dentro e por onde passava espalhava o pó branco... Imediatamente surgiu no espaço uma suave brisa que, aumentando de intensidade, transformou-se em forte ventania, formando um turbilhão que se chocava furiosamente com as trevas... tomando-a e substituindo-a por luz... Estava criado o elemento ar, e com ele nascera a luz... Odudua ordenou: - Oiyá, comanda o vento, cavalga-o e domina-o para que possa servir fielmente aos nossos planos" (OXALÁ, p. 44-45).

O Espaço "... é não somente o lugar dos possíveis – e, nesse caso sentido, simboliza o caos das origens –, mas também o das realizações – nesse caso, simboliza o cosmo, o mundo organizado... simboliza o meio – interior e exterior – no qual todo ser se move, seja ele individual ou coletivo" (CHEVALIER, p. 391). **Oya** é também chamada de **Iyansã** – Mãe dos Nove – pois comanda os nove espaços universais que, para o povo **yorubá**, separa o **Òrun** do **Aiyé**. Também na tradição hindu o vento está relacionado ao espaço: "o vento, **Vayu**, é o sopro cósmico e o Verbo; é o soberano do domínio sutil, intermediário entre o Céu e a Terra, espaço preenchido, de acordo com a terminologia chinesa, por um sopro, **k'i**... O espírito, instigado pelo desejo de criar... gera o espaço. Da evolução desse éter nasceu o vento... do vento nasceu a luz iluminadora que, resplandecente, afasta as trevas..." (CHEVALIER, p. 935-936)

■ ÈTÌTÈ ALÈ Sinais de Ifá

• Ar | |
 |

• Ar | |
 |

• Sinais de Ifá | | | |
do Odu Eḡonile | | | |
Méjì | | | |
 | |

■ Ìwò-Òrun Ponto Cardeal

Ìwò-Òrun – literalmente, umbigo do universo – é o nome que os **yorubá** usam para se referir às quatro direções que formam o espaço: Norte (**Aríwá**), Sul (**Gúsù**), Leste (**Gábàsí ou Ila-Òrun**), Oeste (**Yámà**). Os pontos cardeais estão diretamente relacionados à noção de “espaço”, à noção de cosmo, que é o universo organizado com tudo o que já foi criado e com suas infinitas potencialidades. Os pontos cardeais, juntamente com os pontos colaterais e os subcolaterais, representam as direções no espaço e é através deles que se dá a orientação. “O espaço é, na simbólica, o quadro no qual o mundo saído do caos se organiza, o lugar onde se desenvolvem todas as energias” (Chevalier, p. 731).

Segundo a tradição **yorubá**, em cada dia o deus supremo criou quatro **òdu**, fazendo surgir as dezesseis predestinações principais do Sistema Oracular de **Ifá**. Cada um dos dezesseis **òdu** tem nos pontos cardeais, colaterais e subcolaterais seu local de adoração, nos quais são depositadas oferendas aos deuses, a fim de que se tenha uma boa orientação (**itóni**) de caminho.

“A orientação total do homem exige... um triplo acordo: a orientação do sujeito animal com relação a ele mesmo; a orientação espacial, com relação aos pontos cardeais terrestres; e, finalmente, a orientação temporal com relação aos pontos cardeais celestes. A orientação espacial se articula sobre o eixo Este-oeste, definido pelo nascer e pôr-do-sol. A orientação temporal se articula sobre o eixo de rotação da Terra, ao mesmo tempo Sul-Norte e Embaixo-Em cima. O cruzamento desses dois eixos maiores realiza a cruz de orientação total. A concordância, o homem, das duas orientações, animal e espacial, põe o homem em ressonância com o mundo terrestre imanente; a das três

orientações, animal, espacial e temporal, com o mundo supra temporal transcendente pelo meio terrestre e através dele” (CHEVALIER, p. 309).

Direção Espacial de Ọfun Méjì Ponto Colateral Sudeste

O ọdu Ọfun Méjì tem como local de orientação e adoração o ponto colateral SUDESTE, que como diz o próprio nome fica localizado entre o Sul (Gùsù) e o Leste (Gábàsí), o que faz com que Ọfun possua características mágico/simbólicas destas duas localizações:

- O SUL tem relação com o elemento FOGO. A relação de Ọfun Méjì com o ponto cardeal sul diz respeito, principalmente, ao fato de Ele ter sido gerado pelo Èmí de Olorun. O Sopro Criador do Deus Supremo é o AR que carrega em si o FOGO vivificador, aquele que dá vida a todos os seres. Além disso, Ọfun Méjì tem como um de seus principais oríša, Oṣàlá, símbolo do espírito e do sol, que para os povos africanos estão relacionados ao fogo vivificador e purificador. Oṣàlá é Fogo Celeste; Oṣàlá é Pai da Criação, por isto comparado ao sol (órun), que é o espírito criador de toda a matéria.

“...se consideramos o espírito como um ponto central (seguindo o exemplo do Sol), então a criação representa um movimento de afastamento desse ponto central e de penetração na área que o rodeia, tal como o Sol transmite sua energia na forma de pontos eternos de luz que se condensam gradualmente, alcançando primeiro uma forma etérica e depois uma forma material. No estágio final, eles criam uma forma de vida, como um ser humano, um animal, uma planta ou uma pedra. Quando essa forma morre, os materiais que a constituem são liberados, e se tornam rarefeitos, transformando-se em energias que são atraídas de volta para o ponto central” (UYLDER, p. 167).

- O LESTE é também chamado de Ila-Ọrun, significando portal para o mundo divino. Ao LESTE está vinculado o elemento AR. Ọfun Méjì foi gerado pelo Èmí de Olorun – AR DIVINO. A relação com o ponto car-

deal Leste dá a Ọfun Méjì poderes de nascimento/renascimento, uma vez que neste ponto o sol “renasce”, fazendo com que a renovação seja possível a cada alvorada, momento de nascimento do referido ọdu (ver Ịtan-Àtowodowo = Fecundação). Um dos mitos de Ọfun diz que na alvorada, os raios do sol nascente surgiram por trás de Oşàlá e, passando entre as penas vermelhas do papagaio, fizeram com que o povo pensasse que labaredas de fogo saiam de Sua cabeça e por isto gritaram Ẽpà Baba! O Leste está relacionado ao branco, cor representativa da pureza e da paz. Foi pela pureza das intenções de Olorun que Ọfun Méjì foi gerado, para levar tranquilidade ao planeta Terra quando este fosse criado. O Leste é branco como as brumas da alvorada, mas carrega em si um pouco do vermelho-claro e brilhante dos raios solares do amanhecer, das penas (ekọdidé) do papagaio-africano que enfeitaram a cabeça de Oşàlá e fez com que Ele voltasse a ser respeitado. É o vermelho do fogo brando que estimula o movimento, a ação. É a cor do fogo e do sangue: “A cor do Leste é antes de tudo o vermelho do sangue novo e da força vital, o vermelho do sol nascente” (CHEVALIER. p. 732).

Assim como o ọdu Eḡonile (fogo) está ligado a Ọfun Méjì (ar), o FOGO está sempre vinculado ao AR. Afinal, sem o oxigênio existente no ar o fogo não pode ser produzido. Sem este fundamental elemento o homem não respira e morre. Sul e Leste, fogo e ar, Sopro Criador de Olorun que dá ao homem a energia de vida. Todas essas informações fornecem importantes indicativos para que os mistérios que rondam Ọfun possam ir sendo clareados, gradativamente, como os passos de um ịgbín.

■ Wájì = Cor

Indiscutivelmente, é com a cor BRANCA, denominada **funfun** pelos **yorubá**, que o **òdu Òfun Méjì** tem Sua maior relação. Branca é a cor de **Òfun Méjì** porque é a cor de **Ọbàtálà**: ser espiritual representativo do casal primordial **Oṣàlá/Odùdúwá**, que enquanto viviam juntos só se vestiam com roupas brancas. Poder-se-ia perguntar o porquê da cor preta não ter também relação com **Òfun Méjì**, uma vez que preta foi a cor da roupa que vestiu **Odùdúwá**, quando este **oríṣa** veio criar a Terra. Primeiro, é preciso lembrar-se que **Odùdúwá** é uma das divindades **funfun**, isto é, aquelas que se vestem de branco, e que Ela só passou a vestir-se de preto depois que se separou de Seu esposo/irmão e recebeu a grandiosa missão de criar a Terra; segundo, é preciso conhecer melhor sobre cor e, neste caso, mais especificamente sobre a cor branca e a preta, para que se possa compreender o porquê de cada **òdu** estar relacionado a uma cor.

Cor e luz são “fenômenos” intimamente vinculados. Os objetos não possuem luz própria, por isto, só se tornam visíveis aos nossos olhos quando um feixe de luz, proveniente de alguma fonte de energia (sol, fogo, luz elétrica...), os clareia. Os raios que clareiam um objeto são compostos de todas as cores, mas cada objeto reage absorvendo todas menos uma, que é aquela que ele reflete. É exatamente essa cor não absorvida, pois é refletida, que é a cor que vemos e dizemos ter o objeto. A fim de melhor esclarecer esse assunto, dá-se como exemplo a cor de uma blusa que absorveu todas as cores de uma fonte de luz, mas refletiu apenas a vermelha, fazendo com que afirmemos que a blusa em questão é vermelha.

A explicação é ampliada quando se quer definir a cor branca e a preta. A primeira recebe todas as cores de uma fonte de luz, não absorve nenhuma delas e REFLETE todas, sendo por este motivo vista como “a reunião de todas

as cores”; mas sobre a cor branca também se diz que é a “ausência de cor”, quando se quer defini-la levando-se em conta o fato de que não ABSORVE nenhuma cor. Já sobre o preto se diz as mesmas coisas, porém por motivos inversos: o preto é visto como a “ausência de cor” porque não REFLETE nenhuma das cores advindas da fonte luminosa; considera-se o preto “a reunião de todas as cores”, no entanto, quando é observado o fato de ter o poder de ABSORVER todas as cores recebidas.

A cor preta esquenta porque absorve energia. Enquanto a branca esfria porque reflete toda energia que recebe. Como a cor é uma das formas de manifestação de energia, cada ọdu e cada oríṣa estão relacionados a uma ou mais de uma cor, a depender da essência energética que carrega em si. Oṣàlá é o oríṣa frio que se veste de branco, vinculado ao ọdu Ọfun Méjì, que fala em conjugação de pares de opostos, entre elas a cor branca e a preta.

A cor do ọdu Ọfun Méjì é BRANCA, a “cor da luz”, que é assim considerada pelo fato de refletir todos os raios luminosos, característica que faz com que o branco possua o máximo de clareza, sendo por isto a cor da “Verdade”, escrita com letra maiúscula para demonstrar que é a verdade advinda da iluminação divina. É a cor da generosidade por receber todas as cores, mas não ficar com nenhuma para si, uma vez que reflete todas. No aspecto espiritual, simboliza clareza, purificação, ordem, paz... características que precisam possuir um ser iluminado, como iluminado é Ọbàtálà, nome que designa a união de Oṣàlá /Odùdúwa, as duas principais e mais antigas divindades da família funfun, que usam a cor branca como símbolo de purificação, pois são oríṣa criados diretamente de Olorun – a Suprema Pureza – o Absoluto, como absoluta é a cor branca, pois não possui variações, quando muito pode ser vista como fosca ou brilhante.

O branco é a cor da pureza que deve ser buscada por todos, mas principalmente pelos regidos por Ọfun, para quem se diz: “**Alaso àlà ki ilo joko si iso-elépo**” = “Quem usa roupa branca não se senta na graxa”, lembrando-lhes que nunca devem estar sujos, impuros. Para os filhos desse ọdu, dão-se nomes vinculados à cor branca: **Abigbàlà** = Nasceu da roupa branca, que o recebeu e o aceitou; **Àlálade** = Chegou quem é puro e alvo como a roupa branca; **Tálàbí** = Nascido do Algodão Alvejado. Essa última denominação é a mesma dada à criança mulher que nasce “empelicada”, envolta na bolsa amniótica que simboliza o Àlà de Oṣàlá.

No Candomblé, o branco é a cor usada na iniciação religiosa – início da vida sacerdotal, e também no ritual chamado **Àjèjé** – fim da vida sacerdotal aqui na Terra. Afinal, essa cor apresenta a condição de poder situar-se nas duas extremidades da gama cromática, sendo por este motivo entendida como a cor dos dois extremos do sol: ESTE – ponto cardinal onde “nasce” o sol, e OESTE – local onde ele “morre” todos os dias.

■ Ajoba REGÊNCIA

Por ser o **odu** da “Criação do Mundo”, **Ọfun Méjì** rege a vida e a morte; o que já foi criado e o que ainda será; todos os mistérios que já foram revelados e os que ainda estão obscuros. Todos os destinos, conseqüentemente, as sortes e azares estão sob Seu comando. Vinculado aos **orísa funfun**, **Ọfun Méjì** rege tudo que é branco. Os cabelos brancos são importantes para esse **odu** em virtude de ser a cor branca aquela que expressa a pureza de intenções e por ser o branco a cor dos cabelos na velhice, etapa do desenvolvimento humano onde a experiência de vida propicia a aquisição de uma maior espiritualidade, que por sua vez favorece a revelação dos mistérios que **Ọfun** guarda a dezesseis chaves. Sendo o **odu** que rege o mais alto grau de espiritualidade, aquele que faz a criatura assemelhar-se ao Criador, **Ọfun Méjì** rege todas as aves – símbolo do espírito. Espiritualidade que só é alcançada por aqueles que têm **Ọfun** como caminho, de maneira lenta e gradual. Afinal, **Ọfun Méjì** é o **odu** mais velho de todos e por isto, apesar de comandar tudo o que se move, Seu movimento é lento como o de um **ìgbín**, animal que mesmo com toda sua lentidão, move-se de maneira a alcançar espaços considerados improváveis.

■ Ara Ènià CORPO HUMANO

A palavra **Òfun** significa garganta. Por isso **Òfun Méjì** traz muitos problemas nesse órgão, os quais podem, inclusive, afetar a fala. Quando sob a influência de **Oṣàlá**, **Òfun Méjì** rege todos os fluidos (**aṣà**) do corpo humano, principalmente a saliva, o sêmen, o suor... Tanto que uma das formas pela qual Ele é chamado é **Lăgũn**, que significa suar, transpirar. O referido **òdu** – quando sob a influência de **Odùdúwà**, portanto, das **Ìyámi** – rege a menstruação (junto com os **òdu Òsá** e **Ìròsún**), causando problemas de barriga e aborto: se **Òfun Méjì** aparece no Jogo de Búzios, é aconselhado ao divinador e ao consulente bater as palmas das mãos sobre o ventre por três vezes e logo em seguida soprá-las também por três vezes, exclamando **Ẹ̀pà Baba!** Esse ato mágico/simbólico visa espalhar, através do sopro, a forte energia existente nesse **òdu**, o que ajuda a diminuir as possibilidades de doenças no abdome. Como o ar é o elemento de **Òfun**, esse **òdu** traz consigo muitos problemas respiratórios. Por ser o mais velho dos **òdu**, doenças típicas da velhice como artrose, reumatismo (**àrìnká**), doenças circulatórias e cardíacas se relacionam a **Òfun**. Psicologicamente, o cuidado deve ser com a falta de energia, geralmente decorrente do tédio de viver, que gera desânimo, melancolia e até depressão. Doenças simples podem transformar-se em problemas sérios que levam à morte. Entre todas, a doença que é mais diretamente ligada a **Òfun** é a LEPRO (Ìtan 4 e 6).

■ Itúmó Orúko

Significado do Nome

Por ser um **oḍu** que deve ser muito respeitado, ou melhor, temido, é melhor evitar pronunciar qualquer um de Seus nomes e escolher dizer **Ẹ̀pà Baba!**

Os **yorubá** também chamam **Ọ̀fun Méjì** de: **Lāgūn**, **Òfù**, **Ọ̀fũ**, **Ọ̀fún**, **Ọ̀jì** **Òfù**, **Ọ̀logbón**, **Ologún**.

Ọ̀fun = Garganta, papo, palavras que são usadas de maneira metafórica para se referir à capacidade de persuasão através da fala que possuem os regidos por **Ọ̀fun**, o que faz com que alguns deles sejam apelidados de **ọ̀lọ̀fun** = bom de papo, de conversa. Algumas palavras em **yorubá** servem para confirmar a relação do **oḍu Ọ̀fun** com garganta e com o sentimento de asfixia e estrangulamento: **fúnkì** = abafar, sufocar, asfixiar, reprimir; **fúnlokùn** = estrangular; **fulọ̀rùn** = apertar, abafar, sufocar, estrangular; **fulọ̀rùnpa** = matar por estrangulamento; **fúnpa** = estrangular, matar por asfixia.

Lāgūn = Suar, transpirar. A transpiração é regida por **Ọ̀fun Méjì**.

Òfù = Perda. O **oḍu Ọ̀fù** passou por significativas perdas devido à Sua arrogância, tanto que era apelidado de **fújà** (fanfarrão, cheio de si) e **fúnnu** (aquele que se vangloria).

Ọ̀fũ = O pano branco é Dele (**ọ̀** = dele; **fũ** = pano branco).

Ọ̀fũ = Ele é o sopro, o som do vento. A palavra **fũ** transmite a idéia de limpar um objeto ou local com o vento produzido pelo sopro, sendo este ato um tabu para os regidos pelo **oḍu Ọ̀fũ** (**ọ̀** = ele; **fũ** = o som do vento).

Ọ̀fún = Ele dá. A generosidade é fundamental para a prosperidade das pessoas regidas por esse **oḍu** (**ọ̀** = ele; **fún** = dar).

Ọfún = Ele espirra pelo nariz. É, principalmente, em respeito a esse **ọdu** que os integrantes dos cultos aos **oríṣa** pedem a benção aos mais velhos quando espirram (**ọ** = ele; **fún** = espirrar pelo nariz).

Òjì Òfù = Tempestades geram perdas (**Òjì** = tempestade; **Òfù** = perdas).

Ọlọgbòn = Senhor dos choques violentos. Os regidos por **Òfù** têm a tendência de chocar e também de receber choques violentos. (**gbòn**= chocar violentamente, abalar).

Ọlọgbón = Senhor da sabedoria (**gbón**= inteligente, sábio).

Ologún = Senhor que recebeu herança [**ogún** = aquilo que é obtido por herança (**Ìtan 5**)].

■ Kiki Saudação

A principal saudação para **Ọfun Méjì** é **Ẽpà Baba!** Sendo **ẽpa** uma exclamação de surpresa ou medo, esta é uma saudação através da qual se procura demonstrar o respeito pelo que ou quem está se vendo. A palavra **ẽpa** é também usada pelos membros da sociedade **Ọgbóní (Ìtan 8)**, sobre a qual se diz ser a primeira sociedade secreta criada e que tem o **ọdu Ọfun Méjì** como regente (**Ìtan 6**).

Outra saudação é: **Funfun yẹni, akán yẹni yẹni oyenyẹn = O ọdu Ọfún** é puro, bom, impecável, digno, exemplar. Segundo o **ọdu Ọfun Méjì**, é fundamental que se procure estar sempre limpo, incólume, brilhante, estimulando o gosto pelo belo e o cuidado com a aparência. Enfim, cuidar do corpo para que o espiritual se sinta cuidado.

■ Ìtan-Àtowodowo = Fecundação

Ìsélè – o primeiro homem criado, cujo nome significa abnegado e flexível – foi convocado por **Olorun** para ajudá-Lo a criar um **odu** que fosse capaz de tranquilizar e, conseqüentemente, equilibrar o planeta Terra, pois este estava prestes a ser criado. Para realizar tão importante trabalho, **Ìsélè** recebeu a seguinte recomendação: ele deveria raspar **ẹfun** sobre uma peça de prata, onde já se encontrava uma folha chamada **ewé Iyá**; misturá-lo a um pedaço de cristal-de-rocha, orvalho, neblina e colocar a mistura sobre um monte de areia, no alto de um morro. **Ìsélè** seguiu a recomendação e no raiar do sol do outro dia nasceu o **odu Ọfun Méjì**, que foi gerado pela pureza das intenções de **Olorun**.

Os mesmos elementos são relatados pela nação jeje para narrar a fecundação do **odu Ọfun Méjì**: **Olorun** orientou **Ọrúnmìlà** a colocar uma espécie de argila branca (**ẹfun**) dentro de dezesseis gotas de orvalho e durante dezesseis dias seguidos depositar ali um pouco de Seu poderoso **àṣẹ**. **Ọrúnmìlà** fez tudo como Lhe tinha sido recomendado. Grande foi Sua alegria quando viu o brilho que saía da argila, de onde surgiu grânulos esbranquiçados. **Ọrúnmìlà** colocou os grânulos e raspas da brilhante argila em um pano branco (**fũ**) e seguiu para mostrar Seu trabalho a **Olorun**. O deus supremo transformou os grânulos em brisa (**afẹfẹ-jẹjẹ**), que ao ser soprada por **Olorun** virou **ọjo-didi**: chuva de granizo. **Ọfun Méjì** nasceu, portanto, de **ẹfun** e do **àṣẹ** de **Ọrúnmìlà** e teve como “bolsa amniótica” gotas de orvalho (**Omira** = é o fluido amniótico onde o embrião fica imerso). **Ọfun** é o próprio ar, é o som da brisa soprada por **Olorun** – **fũ**.

■ Ìtan de 1 a 28

Ìtan 1

Òfun Méjì no Òrun Òfun Méjì é o filho mais velho de Òrúnmilà

O nome de Òfun Méjì no Òrun era Òragún Dèyìnẹkùn – Ser pleno, maduro, que é louvado por ter obtido herança de seu pai. Òfun era o mais velho dos **òdu**, sendo por isto o primeiro que deveria vir para o Àiyé e reinar sobre os outros destinos dos homens. Òfun recebeu como herança o título de **Olodu** – Senhor dos **Òdu**. Òfun foi, realmente, o primeiro a chegar ao planeta Terra, mas não ficou sendo o número um dos **òdu** porque, por exercer Seu reinado de maneira ditatorial, logo teve que retornar para o Òrun. O título de **Olodu**, dado a Òfun por direito hierárquico foi, então, transferido para Seu filho **Ejọnile Méjì**, que passou a ser o primeiro **òdu** em **Ifá** (correspondendo ao número oito no **Mẹrìndinlogun**). Òfun só voltou para a Terra quando todos os outros **òdu** já estavam aqui instalados. Ele ficou sendo, assim, o último **òdu** a chegar ao Àiyé e por isto é o décimo sexto no Sistema de **Ifá** (correspondendo ao número dez no **Mẹrìndinlogun**).

Ìtan 2

Papagaio se torna símbolo de nobreza

Papagaio foi avisado a fazer sacrifício na casa de Èşu com pano vermelho, um galo vermelho, pano preto, um pombo, uma galinha e **osùn**. Èşu fez o

Òfun Méjì e Ejọnile Méjì são intimamente relacionados. Òfun foi criado do ar e através dele deu vida a Ejọnile (ver Elemento).

pano vermelho ficar ainda mais vermelho ao passar **osùn** e depois o usou para envolver as penas da cauda de Papagaio. Magicamente, todas as penas da cauda de Papagaio ficaram vermelhas. Papagaio obteve múltiplas riquezas; ele teve também múltiplas esposas; ele teve muitos filhos que têm se multiplicado. **Èṣu** disse que daquele dia em diante todas as divindades só poderiam ser capazes de ter autoridade e ver o futuro se usassem as penas vermelhas de Papagaio.

Não há divindade que não use as penas do papagaio-africano (ver **Èḍá-Èlémí/ Odide**), pois estas representam a luz com que elas veem o futuro. Foi assim que o papagaio se tornou um pássaro nobre, cujas penas são usadas como decoração, mas também como símbolo de autoridade. Foi através do seguinte poema que **Òfun Méjì**, ainda no **Òrun**, revelou a maneira como o papagaio-africano adquiriu suas penas vermelhas e passou a ser considerado um pássaro a ser honrado e glorificado: **“Dimú Odide wérewére ajé Ilé áya omọ”** = Papagaio segurou rapidamente riquezas, casas, esposas e filhos.

Ìtan 3

Òfun Méjì comenta a importância dos instintos

Òrúnmìlà, logo que acordou naquele dia, recitou: **“Púkẹpúkẹ. Awo èbá-òno. Adífa Ifá fun Òrúnmìlà. Ni batì òfẹ̀ ògbà àya gbogbo. Érú èmò le lówó Ògún”** = Delicadamente, eu, sacerdote de **Ifá** da beira da estrada. Eu, sacerdote de **Ifá**. Sou alguém que se apoia nos companheiros, na mulher e em todos, sem pagar a ninguém. Alguém que trairá o saudável e o poderoso **Ògún**.

Logo depois **Òrúnmìlà** foi à divinação com Divinador da Estrada, para descobrir uma maneira de tomar todos os **àṣẹ** de **Ògún**. Foi recomendado a **Òrúnmìlà** que Ele fizesse oferenda de uma ovelha, um pombo e um rabo de cavalo. Depois de fazer a oferenda, **Òrúnmìlà** foi visitar **Ògún** e recitou o seguinte encantamento: “Uma criança pequena não recusa o leite materno; A ave não recusa o convite para o milho; O pênis não recusa o convite para a vagina; Ninguém pode ignorar a picada de uma cobra; Ninguém resiste à necessidade de tossir; Ninguém ignora a picada de um escorpião; A terra não

pode recusar os raios do sol; O pano não pode recusar o ataque violento de uma agulha; Ninguém pode impedir o gato de caçar o rato; Ninguém desobedece ao chamado da natureza; Dessa forma você, **Ògún**, não pode resistir à visão de um cachorro”.

Dominado magicamente, **Ògún** foi a seu recinto secreto, pegou seus **àşę** e timidamente entregou-os para **Òrúnmìlà**, que logo tratou de engolir tudo. Só cinco dias depois, **Ògún** se deu conta de que seus poderes tinham desaparecido. Ele lembrou que a única divindade que O visitara nos últimos cinco dias tinha sido **Òrúnmìlà**, por isto decidiu ir à Sua procura para investigar o ocorrido. Percebendo que **Ògún** não se lembrava de nada, **Òrúnmìlà** disse para **Ògún** que Ele estava tendo uma alucinação temporária. Arrasado, **Ògún** voltou para casa, enquanto **Òrúnmìlà** cantava: “**Şígò şígò agò tọ: şígò şígò agò tọ**” = Descobri um bobo, um estúpido e usei sua tolice para atrapalhá-lo; descobri um bobo, um estúpido e usei sua tolice para atrapalhá-lo.

Ìtan 4

Ófun Méjì parte para a Terra

Ófun Méjì era chamado no **Òrun** de **Orogun Deyínekùn** – Aquele que estimula a guerra e que quando surge dá motivos para que se tenha medo e pavor. Ele era assim chamado por ser muito ríspido e temperamental. Quando resolveu partir para o **Àiyé**, foi aconselhado por Seu anjo guardião a amenizar Seu temperamento, a fim de que as coisas na Terra corresse bem para Ele. Como **Orogun Deyínekùn** sabia que sem ajuda dos deuses Ele não conseguiria controlar Seu difícil temperamento, procurou uma divinadora chamada **Ìgbín kowókęşę ẹjọ kódù**. Nome que, ao ser traduzido, dizia: Caracol que não tendo mãos nem pés ensina que se deve rastejar quando se quer resolver algum problema. Nome que demonstrava a necessidade de se agir de maneira humilde. A divinadora não tinha lábios, mas encontrou um jeito de advertir **Orogun Deyínekùn** a fazer sacrifício servindo Seu **Ifá** com dezesseis caracóis, para que Sua agressividade fosse suavizada; também indicou que servisse **Èşu** com um bode. **Orogun Deyínekùn** fez todos os sacrifícios recomendados. Afinal, Ele estava indo para a Terra imbuído de importantes funções, para as quais era necessário ter suavidade de pensamento, sentimento e comportamento.

Ìtan 5

O nascimento de Òfun Méjì

Òfun Méjì era conhecido no Òrun como Òragún Deyínẹkùn – Ser pleno, maduro, que é louvado por ter obtido herança. Entretanto, quando Ele nasceu na Terra, Seu pai O chamou de Odá-Àbáyẹ – Ele tem pensamento correto –, por perceber que tudo que seu filho caçula dizia, mesmo sendo ainda criança, tornava-se verdade. Filho caçula de um rei, nada era negado a Òfun. Foi assim que Ele se tornou um ditador que não aceitava nenhum conselho. Seus desejos eram leis! Tudo ficou ainda pior quando Seu pai morreu e Ele recebeu o reinado como herança. Seu reinado foi marcado por arbitrariedades extremas e tensão constante. O povo sofria muito, por isto se reuniu e disse ao rei que não O tolerava mais. Òfun caiu em si e abdicou de Seu trono. Como não tinha esposa e nem filhos, não deixou herdeiros.

Ìtan 6

Òfun Méjì decepcionado consigo retorna para o Òrun
O porquê de a saudação de Òfun Méjì ser Èpà Baba!
Òfun Méjì cura a divinadora leprosa

Desgostoso com Sua própria conduta, Òfun Méjì decidiu retornar para o Òrun. Durante Sua jornada de retorno, Òfun encontrou a divinadora sem lábios que fez divinação quando Ele desejou sair do Òrun para o Àiyé. A divinadora não reconheceu Òfun porque tinha perdido a memória. Foi só nesse momento que Òfun percebeu que a criatura que O tinha ajudado anteriormente não tinha boca, nem pernas e nem mãos. Ele correu apavorado e exclamou: Èpà! A mulher O chamou de volta e Òfun se aproximou relutante.

A divinadora estava desesperada porque tinha sido atingida pela lepra. Ela implorou a Òfun que fizesse divinação, pois estava suspeitando que Ele era um grande sacerdote de Ifá. A leprosa desejava ser curada daquela doença, principalmente para poder ter um filho. Òfun divinou para a desesperada mulher, que um dia já Lhe tinha socorrido e disse para ela sacrificar três cabras, três galinhas, três pombos, três caracóis, três ratos, três peixes, três orógbó, três obi e três medidas de comprimento (10,914 metros) de pano branco.

Entretanto, a mulher lembrou a Ọfun que eles não estavam na Terra e por isto não encontrariam aqueles materiais com facilidade. Então, Ọfun e a mulher voltaram juntos para a Terra em busca dos materiais do sacrifício. Eles atingiram uma encruzilhada tripla, onde a mulher declarou que devido a sua condição ela estava proibida de viver na cidade e de viajar a luz do dia. Com o auxílio do inspetor da encruzilhada, eles cortaram caminho pela floresta e construíram uma cabana da maneira como a mulher tinha pedido: sem porta e com um único caminho para a entrada da cabana, a qual ficava em frente à árvore da vida, **akóko**. A entrada da cabana, conhecida como **Ilejì** – Casa do Pavor –, era marcada por uma folha-de-palma amarrada. Curioso, Ọfun perguntou à mulher como Ele seria capaz de vê-la, já que a cabana não tinha entrada. A divinizadora doente ensinou, então, a fórmula para Ọfun entrar na cabana. Com as costas unidas à folha-de-palma, que marcava a entrada da cabana, Ele deveria recitar três vezes o seguinte encantamento: “**Ọró ẹhin kì mú ẹwò ẹpà! Àìkọ ró lù le awo**” = Costas na posição ereta, comprimida firmemente. Bater à porta com firmeza, produzindo som claro ao dizer: **ẹpà!** A fim de que o Sacerdote do Mistério dê permissão para o que era proibido.

Ọfun procurou Seu confidente íntimo **Apěna**, título que significava Aquele que convoca assembleia. Ọfun sabia que Seu amigo estava à procura de uma esposa. Ele pensou em oferecer a mão da mulher leprosa para Seu amigo, mas antes precisava contar-lhe a condição da mulher, para saber se ele estava preparado para casar com alguém com tantas deformidades. Para surpresa de Ọfun, **Apěna** concordou em se encontrar com a mulher. Ọfun e **Apěna** trataram logo de conseguir os materiais para o sacrifício e depois retornaram para a cabana. Em frente a uma misteriosa vara, **Apěna** jurou nunca revelar a condição de sua futura esposa. Também jurou nunca permitir que outro alguém a visse, com exceção de Ọfun e dos outros sacerdotes de **Ifá**.

Ìtan 7

Ọfun Méjì retorna para o Ọrun

Ọfun Méjì realizou o sacrifício e a divinizadora que sofria de lepra ficou curada, deixando sua juventude e beleza à vista de todos. Ọfun pode, enfim, retornar para o Ọrun, na tentativa de descobrir o porquê de estar passando por tantos problemas na Terra. Chegando ao Ọrun, Ọfun seguiu para a casa

da sacerdotisa de **Ifá** que tinha divinado para Ele antes de Sua ida para a Terra, pois acreditava que só ela poderia fazê-Lo prosperar.

Como **Òfun** não conseguiu encontrar a mulher em lugar algum, compreendeu que a mulher que Ele tinha ajudado na Terra era exatamente quem ele estava procurando. Rapidamente, então, **Òfun** retornou ao mundo terrestre e encontrou a divinadora. Ela disse para **Òfun** que os problemas pelos quais Ele estava passando eram decorrentes de Suas tendências ditatoriais e que estes só seriam suavizados caso Ele fizesse sacrifício, em uma encruzilhada, com dois pombos, pano preto, bengala, inhame pilado, **obì** e búzios. Só assim **Òfun Méjì** se tornaria novamente um rei.

Ìtan 8

Com **Òfun Méjì** surgem as sociedades secretas

O casamento entre **Apēna** e a divinadora leprosa caminhava muito bem. Eles tiveram dezesseis filhos. Os dois mais velhos se chamavam: **Ògbón** – apelidado de **Yaya** – e **Oní** – apelidado de **Yoyó**, tendo os dois nomes o significado de plenitude. Os irmãos brigavam muito, chegando ao ponto de cada um tentar destruir o outro. O pai de **Ògbón** e **Oní** ao descobrir o que estava acontecendo, colocou os irmãos na cabana que já tinha sido habitada por **Èdan**, a mãe deles. Os pais fizeram com que os filhos jurassem nunca conspirar ou fazer qualquer coisa um contra o outro. Surge, assim, a primeira sociedade secreta, que foi denominada **Ògbóní** em alusão aos dois fundadores **Ògbón** e **Oní**.

Ìtan 9

Òfun Méjì chega a Terra pela segunda vez

Encontrando-se na Terra pela segunda vez, **Òfun Méjì** começou a praticar a arte de **Ifá**. Ele se tornou um especialista em encantamentos. Sobre Ele era dito: “**Òfun olo fū fún ění owó, Òfun olo fū fún ění àya, Òfun olo fū fún ění omọ**” = **Òfun**, senhor do pano branco, aquele que dá dinheiro, casamento e filhos. No entanto, o povo não se esquecia do passado de **Òfun** e por isto vivia zombando Dele. **Òfun** alertava aos zombadores que

Ele tinha em Sua essência o poder de causar medo e pavor. Os zombeteiros ignoraram os avisos. O povo voltou a sentir a fúria de Ọfun, outra vez, e ficou apavorado. Quando Ọfun foi para divinação, recebeu o conselho de abandonar Sua postura agressiva. Os **awo** que fizeram divinação para Ọfun foram: **Fũ yé ọmọ ko aje** = Pano branco que faz todas as vontades aos filhos e não os castiga; **Odíderémò awo agbado** = O papagaio sabe o mistério do milho. Ọfun fez sacrifício por paz, prosperidade, riqueza e vida longa. Ele ficou sendo conhecido como **Orogun** de **Ilá** e Seu amigo, **Apěna** de **Itagbolu**.

Ìtan 10

Orogun e Seu irmão Akogun

Orogun e **Àkógun** disputavam o trono de Seu falecido pai. Os ministros do reino, vendo que os irmãos se destruiriam, resolveram dar o trono ao tio deles, que logo veio a falecer. Só depois da morte do tio, os dois irmãos se tornaram amigos, o que fez com que os ministros decidissem dar o trono a um dos irmãos – **Orogun** (Ọfun). **Àkógun** tornou-se o porta-voz do reino. Tendo o irmão como um importante assessor, o segundo reinado de Ọfun **Méjì** foi pacífico e longo. É por isso que se diz: “**Èku tè le tó sọrọ fún ọjọ ọrọ jù ọjọ nà ọrọ jù**” = Respeitar quem é capaz, tem força e pureza para falar o suficiente e diariamente para que a palavra possa se espalhar e ser passada para frente. Diariamente espalhar as palavras, passá-las à frente.

Ìtan 11

Ọfun Méjì faz divinação para uma mulher estéril

Ọfun **tútù tù bi èle ijì. Àmu Omi ji kùtùkútu wẹnú. Ìbí titun má kan ju. Run run ãle wò mã ni sìn. Adífa fun Àganbi Ilé-Ìfé ni jò tọ fi Omi ọju su bé ré ọmọ tú rù tù** = Ọfun, quando é acalmado, alivia a dor e o pavor que nasce da violência. Levantar cedo e beber água limpa do pote, para ter um novo nascimento sem lepra nem dor. Assim

Èdan e Ọgbóní são duas palavras que têm igual significado: auxiliares ocultos

se trata o doente para dominar e extirpar a lepra para sempre. **Àganbi**, a mulher estéril que suplica para ficar sob os cuidados do sacerdote de **Ifá** de **Ilé-Ìfẹ́**; suplica para que a água ajude a aliviar a dor das feridas e ela possa suportar o cansaço, a escuridão e, assim, possa educar seus filhos.

Esse foi o encantamento dito por **Àganbi**, que também foi orientada a fazer sacrifício com um pano branco, um galo branco, uma galinha branca, milho e mel. Ela deveria fazer o sacrifício para não ser mais abandonada devido ao fato de não poder ter filhos e também para poder casar com um sacerdote de **Ifá**. **Àganbi** fez o sacrifício e se casou com um sacerdote de **Ifá**. Ela logo ficou grávida e teve o primeiro filho. Sua segunda gravidez foi de gêmeos. Depois disso, todos que a tinham abandonado retornaram para se alegrar com ela. **Àganbi** cantava: “**Òfun** – O Branco – é tão frio quanto água de chuva; Beber água do pote e mantê-lo limpo toda manhã, antes de enchê-lo novamente; A sombra fria não precisa preocupar-se por carência de companhia, porque o sol em breve trará clientes para ela”.

Ìtan 12

O Bom Discípulo

Asáre Akásàn – Caminhante que segue as pegadas do mestre, o bom discípulo – divinou para Olho, quando ele ia ser coroado rei. Ele foi aconselhado a sacrificar dois pombos, dois ovos de galinha, quinze moedas e **òrí**. Para fazer o referido **ẹbọ**, Olho deveria misturar o **òrí** com folhas de **jéjóko**; colocar sangue de um dos pombos com os dois ovos nesta mistura e untar o corpo. Olho realizou o sacrifício. **Ifá** disse: “Há alguém para quem as divindades reservaram um destino feliz, que terminará por ajudar a toda a família. A ninguém será dado o direito de saber o que seus olhos dizem. Entretanto, para que tudo isso ocorra, esse alguém deverá sempre oferecer às divindades, visando evitar os inimigos”.

Ìtan 13

Oṣàlá Qṣérégbó fez ẹbọ para ter filhos

Foi divinado para **Oṣàlá Qṣérégbó** – Aquele que tem maturidade para ser cordial com quem Lhe causa dano e Lhe ofende. Ele queria ter filhos. O divi-

nador orientou o Grande Pai a oferecer vinte mil búzios, uma roupa branca, dez caramujos e uma galinha branca. **Oṣàlá Ọṣérégbó** ofereceu o sacrifício e pode gerar Seus filhos: **Bágbàla** – Aquele que encontra e recebe a roupa branca; **Tálàbi** – Nasceu do Algodão Alvejado; **Alaládé** – Chegou o sonhador. Depois desses três, foram incontáveis os filhos de **Oṣàlá**, que em louvor entoou o seguinte cântico: “Se alguém tem dinheiro, o filho deste alguém leva roupa branca com ele; Se alguém tem filhos, o filho deste alguém leva roupa branca consigo”.

Ìtan 14

Ọfun Méjì é caracterizado pela mosca **tùnrúyetùnrúye** e pelo falcão negro africano

Olókun era estéril. A divindade dos oceanos queria ter filhos, por isto buscou ajuda dos divinadores. Eles jogaram e **Ọfun Méjì** revelou que **Olókun** possuía a força procriadora, que os filhos seriam muitos se fossem oferecidos vinte mil búzios, um porco, roupa branca e uma galinha branca. **Olókun** fez a oferenda, começou a ter muitos filhos e a criá-los. **Olókun** agradeceu aos divinadores e a **Ọfun Méjì**, que é caracterizado pela mosca **tùnrúyetùnrúye** – aquela cujo modo de vida é excitante; e pelo falcão negro africano – o falcão da lagoa que é o chefe daqueles que vivem nas águas. **Olókun** cantou: “Eu sacrifiquei um porco, olhem para os muitos filhos atrás de mim”.

Ìtan 15

Ọfun Méjì indica traição e aconselha prudência

Um cão morre, deixa seus ossos na terra; Uma galinha branca morre, deixa uma pilha de penas; O caramujo morre e esquece sua concha. Esses foram os divinadores de Rei que comia em segredo. O rato gigante e o galo eram atendentes do rei, por isto o povo fez um pacto com eles para saberem a hora em que o rei costumava comer. O rato escavou um buraco no lugar onde o rei se sentava para comer, a fim de espioná-lo. O galo amarrou uma corda em volta da cintura do rato e permaneceu lá fora esperando o momento em que o rato balançaria a corda avisando que o rei tinha começado a comer. Quando o rei pôs o primeiro bocado na boca, o rato puxou a corda e o galo disse: “O rei está comendo”.

O rei logo percebeu a trama de seus dois atendentes e ordenou que os guardas os levassem até ele. O rei disse: “Você rato, é esta a corda que eles usarão para puxar e te matar”. O rei também disse: “Você galo, sacrifícios serão sua penitência”. Então o rei cantou: “Galo, eis seu destino, você teve um acerto com **Ifá** e O traiu. Rato, eis seu destino, você teve um acerto com **Ifá** e O traiu”.

Ìtan 16

Èbọ não pode ser feito pela metade

O divinador do chocalho **Şèkẹrẹ** foi o mesmo que divinou para o chocalho **Agogo**. O divinador disse para **Agogo** oferecer duzentas contas de latão e uma vara (que é aquela que se usa para fazer soar o **agogo**); para **Şèkẹrẹ**, o divinador mandou que ele oferecesse duzentos búzios, um novelo de linha e uma cabaça (que são os materiais usados para confeccionar o **şèkẹrẹ**). Só **Agogo** obedeceu à ordem por completo. **Şèkẹrẹ** fez o **èbọ** pela metade. O divinador mandou que eles saíssem pelo mundo afora. Quando **Şèkẹrẹ** ressoa, ele diz: “Eu ofereci duzentos búzios, as coisas são duras para mim”. Quando **Agogo** ressoa ele está dizendo: “Eu ofereci duzentas contas de latão e uma vara, as coisas são fáceis para mim”.

Ìtan 17

Ọfun Méjì diz: “**Ọfun** entende **Ikà**; **Ikà** entende **Ọfun**”

Foi divinado para o negro **Ògún Tièle** – Aquele que tranca com força. Coberto por folhas de palmeira novas, **Ògún Tièle** guerreava na cidade de **Gbendugbendu**. **Ọfun Méjì** Lhe disse: “O mosquito faz da torrente seu caminho. Uma guerra no Monte **Ijamo** não terá sucesso, mas muitos filhos nascerão”. Foi dito então a **Ògún** que Ele fizesse sacrifício contra impotência com vinte mil búzios e uma galinha branca. **Ọfun Méjì** disse: “Grande sabedoria é a chave de grande sabedoria; Se não se tem grande sabedoria, não se faz grande medicina; Se não aprendemos medicina forte, não curamos doenças fortes; Se não curamos doenças fortes, não ganhamos grandes riquezas; Se não ganhamos grandes riquezas, não faremos grandes coisas”.

Também foi divinado para Ọrúnmìlà, que ia para a cidade de Ilá praticar Sua arte de divinação. Ọrúnmìlà nunca tinha ido à cidade de Ilá antes. Disseram a Ele que oferecesse vinte mil búzios abertos, dois sacos para guardar roupas, duas cordas e dois tecidos brancos. Ele ofereceu ainda duas galinhas brancas, dois pombos brancos e dois caramujos. Os divinadores tomaram um saco como pagamento e Lhe deu o outro, tomaram um pano branco como pagamento e Lhe deu o outro, tomaram uma das cordas como pagamento e Lhe entregaram a outra. Confiante, Ọrúnmìlà seguiu para a cidade de Ilá. A caminho de Ilá, Ele encontrou fazendeiros, para quem pediu ajuda no sentido de Lhe mostrar o caminho para Ilá. Um fazendeiro se ofereceu para levar Ọrúnmìlà a Seu destino. Ifá aceitou sem se dar conta que o fazendeiro pensava que, mesmo nunca tendo ido à guerra e nem atacado ninguém de surpresa, Olorun Lhe tinha dado um escravo de presente.

Foi com esse pensamento que o fazendeiro conduziu Ọrúnmìlà. Quando chegou a sua casa, o fazendeiro abriu a porta e disse a Ọrúnmìlà que entrasse. Tão logo Ọrúnmìlà entrou, o fazendeiro O trancou em sua casa. O fazendeiro disse ao chefe de sua tribo que um escravo tinha ido até ele na fazenda, que não tinha havido combate nem tocaia e que tinha ganhado ele de Olorun. O chefe disse que o levasse ao rei Ọragún. Então, o fazendeiro levou Ọrúnmìlà ao rei de Ilá. O fazendeiro queria Ọrúnmìlà preso. Ọrúnmìlà disse que não era escravo para ser preso, que deveria ficar com Seu mestre, que aquilo que Seu senhor ordenasse ele faria e não fugiria. O rei não permitiu que Ọrúnmìlà fosse preso. Entretanto, os fazendeiros O tratavam como escravo. Eles mandavam Ọrúnmìlà à fazenda buscar lenha, ervas, água da fonte e frutos de palmeira. Ele obedecia.

Quando Ọrúnmìlà deixou Sua casa a fim de praticar Sua arte em Ilá, esqueceu-se de levar Seu aparelho divinatório. Por isso, quando ia à fazenda, Ele aproveitava para apanhar coquinhos de quatro olhos. Aos poucos, Ele conseguiu completar os dezesseis coquinhos necessários para exercer Sua arte. Ọrúnmìlà aproveitou também para colher as seguintes folhas: jagba, jogbo, janyinjanyinfu, arère, wérépépè, Omini, tètè e òdúndún. De posse das folhas, Ele lavou Seus dezesseis coquinhos.

Um dia, o primogênito do rei pediu a Ọrúnmìlà que Lhe trouxesse seu cavalo. Ọrúnmìlà viu a “sombra” do filho do rei e fez uso de Sua arte para entender o que estava acontecendo. Ọfun Méjì apareceu. Ọrúnmìlà cobriu o odu

com um caco de louça. Ninguém notou nada. O primogênito do rei montou em seu cavalo e todos começaram a bater tambores, seguindo o príncipe que estava indo até a casa de seu amigo. Quando os seguidores do príncipe, cantando suas rezas, aprontaram-se para voltar com ele, **Òrúnmìlà** começou a cantar os versos do **òdu** que tinha sido marcado. Ao ouvir os versos, o primogênito do rei desmaiou. Ninguém conseguia acordá-lo. **Òrúnmìlà** se ofereceu para ajudar. Desesperados, todos aceitaram. **Òrúnmìlà** disse ao rei que preparasse mais um trono, que dividisse as coisas de seus filhos em dois e colocasse metade ao lado do novo trono. O mesmo deveria ser feito como as coisas do rei. O rei dividiu suas esposas e as esposas de seus filhos. **Òrúnmìlà** começou a alimentar o filho doente do rei com **ékọ** e o banhou com água fresca. Quando acabou o banho, o primogênito do rei disse: “Pai, o homem que tem nos servido não é um escravo. Ele é um rei. Todos os encantos que eles me puseram, Ele os quebrou. Majestade é como meu pai deveria aclamá-lo”. Satisfeito com a cura de seu filho, o rei mandou que **Òrúnmìlà** se sentasse no novo trono. **Òrúnmìlà** disse: “Há agora dois reis”. Nesse dia houve dois reis em **Ilá**.

Ìtan 18 (ver ìtan 20)

Òfun Méjì ajuda um doente a se curar

Grande Leopardo estava gravemente doente e lutava para se levantar. Ele buscou ajuda com os divinadores e estes lhe mandaram oferecer vinte mil búzios, uma roupa tingida com *batik*. Grande Leopardo fez a oferenda. Ele se levantou e nenhum outro animal pode mais enfrentar Leopardo. **Òfun Méjì** diz: “A brancura é a mãe de **Qyé**. O queixo não deixa o sol iluminar a barriga do tubarão”.

Ìtan 19

Aranha é a mensageira de **Oṣàlá**

Aranha achou que precisava buscar ajuda com os divinadores. Eles lhe ordenaram que fizesse um sacrifício oferecendo vinte mil búzios e uma galinha branca para **Oṣàlá**. Aranha tudo fez e recebeu as bênçãos do Grande Pai. Aranha passou a ser a mensageira de **Oṣàlá**. Desde esse dia se diz: “Aonde

a Aranha vai, trabalha conforme anda; ninguém vê a roca de fiar da Aranha; ninguém sabe como ela tece sua teia”. Ọfun Méjì diz: “Mesmo na floresta, o fogo é notável; mesmo na margem do rio, àraba é notável; a banana carrega seus filhos nas costas, como se fosse um egungun”. E Aranha cantou: “Como mágica, eu faço tudo como mágica; eu me tornei um deus; como mágica eu trabalho”.

Ìtan 20 (ver ìtan 20)

Quebra-mar gerou Ọyẹ

Foi divinado para o chefe de Ìgbẹ̀tì, quando este queria gerar um filho. Foi indicado que ele oferecesse uma cabaça cheia de cinzas, vinte mil búzios, uma roupa branca e uma galinha branca. O chefe de Ìgbẹ̀tì obedeceu. Foi então indicado que ele levasse dez caramujos e que os desse a Oṣàlá. O chefe de Ìgbẹ̀tì gerou Ọyẹ. Ele dançou e louvou os divinatores. E estes louvaram Oṣàlá. Ọfun Méjì diz: “Não se herda as nádegas limpas. Exceto o fazendeiro que não senta no chão”.

Ìtan 21

A união entre Ọrun e Áiyé foi rompida

Ọrun e Áiyé iam confrontar-se porque os dois foram caçar e conseguiram apenas um rato. Ọrun disse que ficaria com a caça só para ele. Áiyé achou que tinha o mesmo direito. Sem acordo, Ọrun pegou o rato e correu. Os divinatores, preocupados, fizeram jogo para eles e aconselharam que os dois fizessem ẹbọ para evitar uma briga ainda maior. Entretanto, o que cada um queria saber mesmo era como fazer para matar o outro. Para que a briga não acontecesse, foi indicado a Ọrun que sacrificasse um cabrito, muito dendê, búzios e bebida. Para Áiyé foi dito que também fizesse um ẹbọ, mas Terra não conseguiu fazê-lo. A disputa, então, tornou-se inevitável e Terra e Céu marcaram o duelo em uma encruzilhada. No dia marcado, o duelo começou com Ọrun atirando flechas contra Áiyé, que resolveu vingar-se cortando as árvores. A união entre Ọrun e Áiyé estava rompida. Antes desse ocorrido, Ọrun e Áiyé estavam ligados pelas árvores.

Ìtan 22

Elefante usa espanador para afastar os inimigos

Elefante era constantemente perseguido por inimigos que lhe queriam tirar a vida e, principalmente, era atormentado por Mosca, que não tinha poderes para matá-lo, mas o importunava bastante. Elefante foi buscar ajuda com divinadores que lhe orientaram a fazer **ẹbọ** que, entre outros elementos, continha um espanador. O portentoso animal fez o **ẹbọ** e o divinadores lhe devolveram o espanador. É com o espanador que Elefante espanta seus inimigos.

Ìtan 23

Oṣàlá se veste impecavelmente

Houve uma época em que **Oṣàlá** tinha perdido todo prestígio que lhe era atribuído. Cansado de ser humilhado, ele procurou um **awo** que pudesse descobrir o que estava acontecendo e que também fizesse algo para ajudá-lo. O divinador lembrou a **Oṣàlá** que ele era um **oríṣa funfun** e que por isto precisava sempre vestir-se com roupas impecavelmente lavadas e bem passadas, caso ele quisesse ser respeitado. O **oríṣa funfun** obedeceu e se apresentou tão bem vestido que a primeira mulher que ele encontrou imediatamente lhe solicitou ajuda para o problema de gravidez pelo qual estava passando.

Ìtan 24

Galinha d'angola aprende a lidar com a solidão e a cuidar da aparência externa

Galinha d'angola não era respeitada pelas outras aves porque não tinha uma boa aparência. Ela foi então procurar ajuda com a divinação e lhe foi aconselhado a ter boa vontade, principalmente com os desconhecidos. Toda riqueza que Galinha d'angola possuía não era suficiente para fazê-la feliz e por isto ela optou por viver só. Galinha d'angola saiu sem rumo. Após muitos dias de caminhada, Galinha d'angola encontrou um velho, que ela não conhecia, gemendo de dor. Ela deu água e comida ao velho doente. Depois de cuidado, o pobre velho pode descansar. Ao despertar, o doente se deparou com

a ave velando seu sono. Mais bem disposto, o velho perguntou à galinha o que ela fazia no interior daquela floresta, já que aquela era uma floresta sagrada e só os iniciados podiam frequentá-la. Galinha d'angola desabafou sua triste história: "Sou rica, porém muito solitária. Ando sem rumo, pois minha feia aparência não deixa que ninguém se aproxime de mim". O velho disse à tristonha ave que ela possuía uma incomparável beleza interior, mas que o cuidado com a aparência exterior também era muito importante e que por isto ele faria umas pequenas modificações na aparência dela.

Galinha d'angola não sabia ainda que o velho que ela tinha ajudado era **Oṣàlá**. Agradecido, o Grande Pai pintou todo o corpo de Galinha d'angola com **ẹfún**. Reuniu misteriosos elementos sagrados e modelou com eles um cone, o **òṣu**, símbolo da aliança formalizada entre o iniciado e seu **oríṣa**. Galinha d'angola passou a ser, assim, o animal mais importante na religião dos **oríṣa**. A ave que antes sofria de solidão, decorrente do desprezo dos outros, aprendeu a conviver com a "solidão acompanhada" dos iniciados.

Ìtan 25

Oṣàlá fez uso de **ekọdidé** para ser respeitado

Uma reunião tinha sido marcada por **Olorun** com todos **oríṣa**, a fim de decidir qual deveria ser o mais respeitado entre todos. **Oṣàlá** buscou orientação e Lhe foi indicado um **ẹbọ** que continha **ẹfún**, muitos **ekọdidé**, contas brancas e panos brancos. **Oṣàlá** foi para um morro antes de o sol nascer e fez o **ẹbọ**. Ele enfeitou-se com as contas, os panos e com as penas de papagaio. Ao amanhecer, **Oṣàlá** estava resplandecente, iluminado pelos raios-de-sol. O povo e os outros **oríṣa** ficaram encantados diante de tal visão. Todos se curvaram aos pés do Pai. Nem mais foi preciso fazer a reunião anteriormente marcada, pois o próprio povo e as outras divindades já tinham escolhido o **oríṣa** que os representaria – **Oṣàlá**.

Ìtan 27

Ọfun Méjì é o criador de todos **Olodu**

Ọfun Méjì é filho do próprio **Olorun**, nascido do "Sopro" do deus supremo. Ele herdou de Seu Pai o maior de todos os poderes – o poder de criação.

São Seus filhos todos os demais **odu**. Muitos acreditam ser **Ẹ̀jì-Ogbé/Ẹ̀jọ̀-ńíle** Seu primogênito; enquanto outros acham que é **Ọ̀yẹ̀kú/Ẹ̀jìlògbòn**; há ainda os que dizem ter os dois **odu** nascidos no mesmo dia. A pergunta persiste: Quem nasceu primeiro, **Ọ̀yẹ̀kú** ou **Ẹ̀jì-Ogbé**? Quem nasceu primeiro, a treva ou a luz? A morte ou a vida?... Essas perguntas são respondidas de diferentes maneiras pela cosmogonia **yorubá**.

Dizem que foi a **Ọ̀yẹ̀kú** que **Olorun** entregou a chave responsável por abrir a porta da luz, que faria com que o mundo fosse criado. O referido **odu**, que tinha como tabu a ingestão de qualquer bebida fermentada, recebeu também as chaves dos dias. Aconteceu que **Ọ̀yẹ̀kú** não resistiu à tentação e bebeu uma grande quantidade de vinho-de-palmeira (**emu**). Ele ficou tão embriagado que adormeceu. **Ẹ̀jì-Ogbé** esperou que **Ọ̀yẹ̀kú** acordasse, mas como isto não acontecia e já chegando o momento de voltar para casa, Ele pegou as chaves da luz e as do dia e voltou para casa.

Ọ̀fun, ao ver **Ẹ̀jì-Ogbé**, logo tratou de saber onde estava o guardião das chaves. **Ẹ̀jì-Ogbé** não teve outra saída a não ser contar o ocorrido. **Ọ̀fun** então perguntou se **Ẹ̀jì-Ogbé** tinha bebido, uma vez que bebida fermentada também era um de Seus tabus. Tendo recebido uma resposta negativa, **Ọ̀fun** confiou a guarda das chaves da luz e as do dia a **Ẹ̀jì-Ogbé**.

Quando **Ọ̀yẹ̀kú** se curou da bebedeira, seguiu para casa. Envergonhado, tentou explicar a **Ọ̀fun** que não resistiu à tentação e por estar embriagado perdeu as chaves que Lhe foram confiadas. Logo ficou sabendo que elas já estavam nas mãos de Seu irmão e, de certa forma, sentiu um alívio. **Ọ̀yẹ̀kú** ficou também sabendo que daquele dia em diante obedeceria a **Ẹ̀jì-Ogbé**. Sendo muito preocupado com os outros, **Ẹ̀jì-Ogbé** pediu a **Ọ̀fun** que desse uma nova ocupação para **Ọ̀yẹ̀kú**, pois é insuportável viver sem ter uma função. Sugeriu que **Ọ̀yẹ̀kú** recebesse as chaves da noite, conseqüentemente, das trevas e da morte.

Essa é uma das muitas explicações para o fato de **Ẹ̀jì-Ogbé** ter passado a ocupar o primeiro lugar entre Seus irmãos.

Este **itan** é contado de diversas maneiras: Tendo sido **Ẹ̀jì-Ogbé** a se embriagar e passando **Ọ̀yẹ̀kú** a ser responsável pela criação do **Áiyé**; outras vezes ele é narrado mudando **Ẹ̀jì-Ogbé** para **Oṣàlá** e **Ọ̀yẹ̀kú** para **Odùdúwá**.

Ìtan 28

Ẹ̀jì-Ogbé também adquiriu o hábito de ficar embriagado

O mito anterior muitas vezes é contado substituindo os **ọdu** – **Ẹ̀jì-Ogbé** e **Ọ̀yẹ̀kú** – pelos **oríša** correspondentes: **Oṣàlá** e **Odùdúwa**. Por isso é contado que **Oṣàlá** também adquiriu o costume de embriagar-se, perdendo a confiança do deus supremo e deixando de ser respeitado pelos homens. Quem antes Lhe reverenciava, passou a zombar Dele. Humilhado, **Oṣàlá** buscou auxílio no Oráculo de **Ifá** e na consulta surgiu **Ọfun Méjì** que voltou a Lhe dar como **ẽwọ** a ingestão de bebida fermentada. Ainda mais humilhando, **Oṣàlá** teve que revelar que estava completamente viciado. Para ajudá-Lo, o divinador passou o seguinte **ẹbọ** com o objetivo de acabar com qualquer tipo de vício: oferecer um bode para **Èṣu**, quatro galos brancos e bebida fermentada; cobrir o **Igbá** de **Oṣàlá** inteiramente com panos brancos e sobre eles arrumar dezesseis **ekọdidé**, espetando-os em uma bola de **òrí**, como se fosse uma coroa; depois de dezesseis dias, esta “coroa” deveria ser levada ao alto de uma montanha, na hora em que o sol estivesse nascendo. Para que **Oṣàlá** voltasse a ser respeitado, foi indicado o seguinte sacrifício: um bode, quatro galos, um colar de contas brancas, panos brancos e dezesseis penas de **ekọdidé**. **Oṣàlá** ofereceu os bichos a **Èṣu** e, antes do nascer do sol, foi sentar-se no alto de uma montanha que ficava na entrada da cidade. Ele se enrolou nos panos brancos, colocou o colar no pescoço e enfeitou a cabeça com as penas. Na alvorada, os raios do sol nascente surgiram por trás do Grande Pai e ao passar entre as penas de **ekọdidé** causaram a impressão de que labaredas de fogo saíam de Sua cabeça. Apavorados, todos que viram a cena lançaram-se ao chão gritando aterrorizados: **Ẹ̀pà Baba!**

■ ÈDÁ-ÒKÚTA REINO MINERAL

Para a fecundação de **Òfun Méjì** foram utilizados do reino mineral: cristal-de-rocha, rochas calcárias (**ẹfun**) e prata (**fadaká**).

Cristal-de-rocha – Dá-se o nome de cristal a uma “substância sólida cujas partículas constitutivas (átomos, íons ou moléculas) estão arrumadas regularmente no espaço” (FERREIRA). Qualquer mineral que assim se apresente é, portanto, um cristal, palavra que deriva da língua grega e quer dizer gelo, pois na Grécia antiga se acreditava ser o cristal a água solidificada, isto é, o gelo congelado de tal forma que não derretia. Flocos de neve (partículas congeladas de água em estado cristalino), grãos de sal e de açúcar, são cristais.

A ametista (cor violeta) e o citrino (cor amarela) são também exemplos de cristais, mas é o quartzo-puro (incolor), popularmente conhecido como cristal-de-rocha, o mais comum de todos os cristais, por ser o mais abundante, uma vez que suas propriedades não permitem que ele seja atacado, com facilidade, por agentes naturais. Para o geólogo Pércio de Moraes Branco, a denominação de cristal-de-rocha dada ao quartzo-incolor não é correta pelo fato de que “... todos os minerais formam cristais e todas as rochas são compostas de minerais...”

Ẹfun – Palavra **yorubá** usada para se referir à cal, substância obtida através da calcinação do carbonato de cálcio existente nas rochas calcárias (**àpáta ẹfun**), que se apresentam na natureza com cores que vão do branco ao preto, a depender do tipo e da quantidade de impurezas que apresentam. A cal comumente chamada é um composto sólido branco, usado como agente branqueador nas siderúrgicas, indústrias de cerâmicas e farmacêuticas; na metalurgia extrativa é utilizada para purificar o ferro, separando

as impurezas contidas nele, principalmente a areia. A cal é, portanto, um agente purificador.

A cal, o óxido de cálcio dos cientistas, é o **ẹfun** do povo **yorubá**, um importante elemento de culto do candomblé, que está vinculado a **Oṣàlá – oríṣa** da brancura, da pureza e da “Criação”. O **ẹfun** representa o princípio criador e é utilizado no candomblé em importantes rituais, ou simplesmente em seu dia-a-dia. É um pó mágico sobre o qual é dito erroneamente que serve para afastar as energias trazidas por **egún** – “espírito de morto”, mas que, na verdade, é um elemento usado para que se tenha uma relação harmoniosa com estes seres, quando assim se faz necessário. Diz-se que o **ẹfun** é um pó selador. Analisando-se gramaticalmente o verbo selar, fica mais bem entendido o significado mágico do referido pó: enquanto verbo transitivo direto, selar pode ser traduzido como concluir, tornar válido, confirmar; já enquanto verbo intransitivo, selar é sinônimo de ceder, arquear com o peso; como verbo pronominal, a tradução para selar é manchar-se, sujeitar-se, submeter-se.

O seguinte mito esconde um simbolismo muito precioso do **ẹfun**, que pode ser entendido por aqueles adeptos do candomblé que estão mais vinculados a prática da feitiçaria (não tendo aqui esta palavra nenhum sentido pejorativo). Para traduzir esse simbolismo é importantíssimo observar que a palavra farinha em **yorubá** é **iyè fún** e não **ẹfun**. Gracinha Rodrigué conta o mito do **oríṣa Ajalá**, através do qual demonstra ser Ele o responsável por modelar as cabeças humanas, as quais são feitas de bolas de **ẹfun** e ficam, no **Ọrun**, em um local chamado **Ilé Orí**. “O fato mais significativo dessa Casa de **Oṣàlá** no **Ọrun** é que só pode ser visitada com ordens de **Ọrúnmilà**, que testemunhou e testemunha todos os nascimentos e mortes. Passa-se por **Ọrúnmilà (Ifá)** em consulta ao Oráculo para tratar do nascimento no **Aiyé**... **Ọrúnmilà** encaminha a pessoa à **Ilé Funfun**, com uma exigência, caminhar em direção ao seu objetivo e livre de dúvidas, escolher uma bola de **ẹfun**, um **Orí**, uma cabeça. **Ọrúnmilà**, o sábio, alerta também que não é necessário saudar a entidade da porta, deve-se passar direto. Esse é o protocolo dessa Casa. Após a escolha do **Orí** e a saída só há uma direção-transformação: caminhar para o **Aiyé**, preparar-se para nascer. Os que não atendem ao conselho de **Ọrúnmilà** e permanecem em dúvida, durante a escolha, acabam consultando a **Ajalá**, o qual conhece todas as cabeças na presença de **Ọrúnmilà** e deixou algumas para a sua diversão. Aos duvidoso-

sos, **Ajalá** aconselha pegar a mais brilhante, a maior, e a redonda que pareça perfeita. Quem escolhe essa bola de **efún** corre o risco de se dissolver no caminho para o **Aiyé**, ou quando nasce, em geral, tem uma história de vida que exige cuidados constantes” (RODRIGUÉ, p. 84).

Fadaká = Prata

Enquanto o ouro é a representação da força poderosa do espírito, que é a essência divina; a prata é a representação do reflexo desta essência, que é a alma. “Branca e luminosa, a prata é igualmente símbolo de pureza, de toda espécie de pureza. É a luz pura, tal como é recebida e restituída pela transparência do cristal, na limpidez da água, nos reflexos do espelho... assemelha-se à limpidez da consciência, à pureza da intenção... à retidão de atos...” (CHEVALIER, p. 739). **Òfun Méjì** foi fecundado sobre uma peça de prata, e como este **òdu** foi criado da pureza das intenções de **Olorun**, com a finalidade de transmitir tranquilidade ao povo da Terra, o principal simbolismo da prata em **Òfun** é exatamente sua característica de substância que indica pureza.

A prata controla “a primeira forma de vida material (o estágio embrionário) de todas as criaturas viventes...” (UYLDERT, p.42). Não é a toa que **Òfun Méjì** tem como instrumento a cabaça (ver Instrumento) que, comparada ao útero, é guardiã do germe de toda criação. É um metal frio, como frio é **Oṣàlá**: parcela de **Òbàtálà** mais fortemente vinculada ao **òdu Òfun Méjì**. Excelente condutor de calor e também de eletricidade, a prata não precisa ser completamente resfriada antes de servir como condutor de eletricidade, o que acontece como a maioria dos metais. Por ser o melhor condutor de calor, a prata não consegue conservá-lo muito bem, sendo por isto um metal que se mantém permanentemente frio.

■ ÈDÁ-EWÉKO REINO VEGETAL

Àraba (Ìtan 19) – Árvore da Classe Magnoliopsida, Ordem Malvales, Família Bombacaceae, Gênero *Ceiba*, Espécie *pentandra*. A *Ceiba pentandra* é uma das maiores árvores da flora mundial, chegando à altura de noventa metros. Popularmente conhecida como seda-ceiba ou mafumeira, na Nigéria é chamada de **egungun**. O tronco muito volumoso é rodeado por uma enorme quantidade de espinhos, mas são os frutos das árvores adultas que têm valor, pois suas sementes são rodeadas por uma fibra macia, muito leve e resistente à água. Essa fibra, mistura de linho e celulose, é usada como substituta do algodão, por isto a mafumeira é também conhecida como algodoeiro-de-java (Ilha de Java – Indonésia). A fibra, altamente inflamável, serve como combustível e as sementes produzem um óleo usado para fabricar sabão.

A casca da *Ceiba pentandra* é usada como uma bebida enteógena, palavra que significa literalmente “manifestação interior do divino”, que facilita o transe devido a ingestão de substâncias alteradoras da consciência. Esse comportamento que sempre existiu em todas as partes do mundo e em todos os tempos, até mesmo por parte dos animais: javalis e macacos, por exemplo, cavam para conseguir raízes portadoras de poderosas atividades psicotrópicas. Além da casca da *Ceiba pentandra*, muitas outras plantas indutoras do transe são usadas em rituais religiosos, como é o caso da *Ayahuasca*, da Amazônia. Os índios amazonenses reverenciam a mafumeira como a “mãe-das-árvores”, pois quando suas raízes arrebentam irrigam toda a área em torno dela. Essas raízes vistas como “escada do céu”, unidas à sua altura, porte e beleza ajudam a fazer de **àraba** a “Árvore da Vida”. **Òfun Méjì** diz: “Mesmo na floresta, o fogo é notável; mesmo na margem do rio, **àraba** é notável; a banana carrega seus filhos nas costas, como se fosse um **egungun**”.

Akóko (Ìtan 6) – Reino Plantae, Divisão Magnoliophyta, Classe Magnoliopsida, Ordem Lamiales, Família Bignoniaceae, Gênero *Newbouldia*, Espécie *laevis*. Nome científico: *Newbouldia laevis*. Árvore de origem africana que é conhecida no Brasil por seu nome em **yorubá: akóko**. Da mesma família do ipê, também possui lindas flores e, mesmo não tendo um tronco grosso, ela é muito alta, o que lhe garante um porte magestoso, típico de quem possui elevada posição. Em África, uma pessoa só é confirmada rei após ser colocada a folha de **akóko** em sua cabeça, a fim de que a imponência e a força da árvore sejam transferidas para o novo rei. O mesmo se dá nas religiões de matrizes africanas, que fazem uso dessa planta quando desejam concretizar um trabalho feito e, principalmente, firmar um cargo ou o **àṣe**, sendo esta a razão de ser fundamental no **Ọdún Méje** – Obrigação de Sete Anos. As folhas de **akóko** não devem ser usadas de maneira corriqueira e banal no culto aos **oríṣa**, pois é uma planta de muito fundamento.

Ewé Bábá = Tapete-de-Oxalá – Classe Magnoliopsida, Ordem Lamiales, Família Lamiaceae, Gênero *Plectranthus*, Espécie *barbatus*. Nome científico: *Plectranthus barbatus*. Arbusto originário de África, que mede de um a dois metros, é conhecido popularmente como boldo-de-jardim e falso-boldo. Nas religiões de matrizes africanas, o referido arbusto é chamado de tapete-de-oxalá porque suas folhas aveludadas simbolizam o chão em que o Grande Pai **Oṣàlá** sempre deveria pisar. Liturgicamente, é uma folha “boa conselheira”, que ensina que conselho só se dá a quem se pede. O **candomblé** sabe que muitas pessoas ou quase todas as pessoas gostam de dar conselhos, mas são poucas as que estão preparadas para exercerem esta missão; sabe que o bom conselheiro não é apenas aquele que dá bons conselhos, mas é principalmente aquele que sabe esperar que o conselho lhe seja solicitado, pois é este o momento certo dele ser recebido e internalizado. É para a folha tapete-de-oxalá que os conselheiros pedem ajuda, a fim de que estejam sempre bem dispostos e nunca se queixem por ajudarem as pessoas a carregarem suas cargas: **Ewé bábá di ibárò ó, Ọsányìn Baba ni baru, abádà lò okun di ibárò ayaya, Ọsányìn Baba ni bárù aikùn**. Como é difícil encontrar pessoas dispostas a ajudar aos outros a carregarem suas cargas, poucas são as pessoas que conhecem e fazem uso religioso da folha tapete-de-oxalá.

Kàrítè – Árvore encontrada exclusivamente na África, ela é da Classe Magnoliopsida, Ordem Ericales, Família Sapotaceae, Gênero *Vitellaria*, Espécie *paradoxa*. Nome científico: *Vitellaria paradoxa*. Devido às características do solo, Mali e Sudão produzem o melhor limo-da-costa, produto utilizado para fins sagrados e profanos, o qual é extraído da amêndoa do fruto da árvore em questão. **Òrí**, como esta espécie de manteiga é mais conhecida no Brasil, é muito utilizada pelo povo que cultua os **orísa**, o qual herdou dos africanos o respeito pela árvore que produz esta banha. Ela é usada nos ritos mais importantes, principalmente na iniciação de sacerdotes. Uma iniciação feita com seriedade precisa importar alguns produtos, os quais só são encontrados no continente africano. A atenção aqui chamada para esse fato é porque se tem notícia do uso de banha-de-carneiro em substituição à banha-de-**òrí**, que em relação à iniciação tem que ser de origem vegetal e não animal.

Kàrítè pode ser considerada a planta de maior importância do **odu Ọfun**. Fundamental para a compreensão da sacralidade de **kàrítè** e sua relação com o **odu Ọfun**, é o conhecimento do outro nome **yorubá** pelo qual esta árvore é chamada: **ẹmi**. Essa palavra, escrita com outra forma de acentuação (**ẹmi**), é traduzida como vida, RESPIRAÇÃO, espírito. Por isso se canta: **Ẹmi mó awo, ẹmi mó ẹsẹ kanṣoṣo ki Baba** = O espírito renasce no mistério, o espírito renasce em ordem, o ser individualizado saúda o pai. Também, para entender a importância sagrada da banha extraída do fruto da árvore **kàrítè**, faz-se uso do mesmo “processo linguístico”. **Òrí** é o nome dado a qualquer tipo de manteiga, como é o caso de **òrí-àmó** – a manteiga feita de leite retirado da vaca. **Òrí** (observar acentuação), a manteiga feita do fruto da árvore **kàrítè**, é utilizada no culto à Cabeça, única parte do corpo físico considerada divindade. O **orísa** Cabeça, chamado de **Orí** pelos **yorubá** (palavra escrita da mesma maneira que a banha **òrí**, mudando apenas a acentuação), é tão sacralizado no candomblé que possui culto específico – **Borí**. Na cabeça física, no entanto, não é permitido o uso de **òrí**, uma vez que este produto é específico para a cabeça espiritual.

Ọdúndún = Folha-da-Costa (**Itan 17**) – Classe Magnoliopsida, Ordem Saxifragales, Família Crassulaceae, Gênero *Kalanchoe*, Espécie *brasiliensis*. Nome científico: *Kalanchoe brasiliensis*. A folha-da-costa é muito confundida com outra herbácea chamada popularmente de milagre-de-são-joaquim (*Kalanchoe pinnata*), que é do mesmo gênero que a folha-da-costa, porém de es-

pécie diferente (*pinnata*). Milagre-de-são-joaquim é chamada de **àbámodá** pelo povo **yorubá**, que a considera “escrava” de **òdúndún**. São plantas parecidas, mas se bem observadas, percebe-se diferenças significativas: a folha milagre-de-são-joaquim é mais “denteada” e suas bordas mais arroxeadas, quando maduras. Em uma música do Ritual das Folhas, **òdúndún** é cantada juntamente com **àgbaó** – imbaúba – e mostra que a partir de um determinado momento do ritual o iniciado está glorificado, iluminado, protegido por um cobertor de folhas: **Àgbaó, şògo là ta bò bò wa, ewé òdúndún şe ré kúbúsú bò bò wa**. Na verdade, **Òdúndún** protege o iniciado de seu próprio poder.

A folha-da-costa é muito relacionada aos **oríşa funfun: Oşàlá, Olókun, Òrúnmilà**.

- **Oşàlá: Òdúndún Baba tè rojà, òdúndún mã dé tè rojà. Báde tè rojà, òdúndún mã dé te rojà** = Folha-da-costa é a folha do pai **Oşàlá**, que eu venero através do silêncio. Com a folha-da-costa, eu pretendo cobrir meus olhos e calar-me, ser conveniente, respeitando **Oşàlá** através do silêncio.
- **Olókun:** Folha-da-costa é considerada uma planta ligada a **Olókun** – **oríşa** responsável pelas águas dos oceanos. Ela ajuda a equilibrar a cabeça, sendo, inclusive, usada no tratamento de loucura: **“Òdúndún Olókun ní nẹ pa ẹrọ fún Olókun. Má pẹrọ fú Olókun mó Pẹrọ fún lámọrín k’órí rẹ ó pé”** = “Òdúndún de **Olókun** sempre traz tranquilidade para **Olókun**. Não traga mais tranquilidade para **Olókun**, traga tranquilidade para..., de forma que sua cabeça fique normal” (VERGER, p. 252-253).
- **Òrúnmilà:** Um mito do **òdu Òfun (Ìtan 1)** conta que **Òrúnmilà** foi enganado por um fazendeiro da cidade de **Ila**, que O queria como escravo. O chefe do fazendeiro, entretanto, ordenou que ele levasse **Òrúnmilà** ao rei de **Ila**, que se chamava **Òragún** (nome do **òdu Òfun** no **Òrun**). O rei não permitiu que **Òrúnmilà** fosse preso, mas os fazendeiros continuaram a trata-Lo como escravo, ordenando que **Òrúnmilà** realizasse trabalhos na fazenda. Nessas idas à fazenda, Ele aproveitava para apanhar coquinhos de palmeira, os quais foram lavados com o sumo de algumas folhas, entre elas **wérépépè, tètè e òdúndún**. **Òrúnmilà** fez divina-

ção e viu surgir Ọfun Méjì. Ele cantou os versos do ọdu, conseguindo salvar o primogênito do rei, que agradeceu mandando que Ọrúnmìlà se sentasse em um trono. Ọrúnmìlà disse: “Há agora dois reis”. Nesse dia houve dois reis em Ila.

Ọpẹ = Palmeira – Classe Liliopsida, Ordem Arecales, Família Arecaceae, Gênero *Elaeis*, Espécie *guineensis*. Nome científico: *Elaeis guineensis*. As palmeiras não são árvores, já que o diâmetro de seus caules não é capaz de formar um tronco que produza madeira. Palmeiras há, inclusive, cujos caules são subterrâneos. São, portanto, plantas arborecentes, de natureza perene. As palmeiras possuem esta denominação devido ao fato de, anteriormente, terem pertencido à família botânica Palmae ou Palmaceae. Arecaceae é a única família da ordem Arecales, mas são vários os gêneros pertencentes a ela, incluindo alguns muito conhecidos no Brasil, como: *Attalea* – piaçava; *Bactris* – pupunha; *Copernicia* – carnaúba; *Euterpe* – açai; *Mauritia* – buriti; *Orbignya* – babaçu; *Raphia* – palmeira-da-ráfia; *Cocos* – coco-da-bahia; *Elaeis* – dendê. Da seiva retirada do caule de algumas espécies de Arecáceas é produzido o vinho-de-palma, o qual só pode ser extraído da palmeira cuja flor é masculina. Esse tipo de vinho, chamado pelos **yorubá** de **ẹmu**, é um dos **ẽwọ** de **Oṣàlá**, assim como também é tabu de **Oṣàlá** o azeite-de-dendê (**epo pupa**), que só é fabricado a partir da polpa do fruto (**ẹso**) do dendezeiro que produza a flor feminina. Ọpẹ – dendezeiro – é considerada a primeira planta da Terra, tida, inclusive, como o próprio **Oṣàlá**. Para **Oṣàlá** se canta: **Baba buru kan ẹyìn awo. Baba buru kan ẹyìn Ọrun** = O pai está doente, amargurado, por causa do mistério do fruto do dendezeiro. O pai está doente, amargurado, por causa da relação de Sua essência com o fruto da palmeira.

Oṣàlá não usa azeite-de-dendê, mas usa óleo-de-palma (**yánkò, àdín**): um óleo branco que é extraído da amêndoa do fruto do dendezeiro, que por sua vez é **ẽwọ** de **Èṣu**. Na verdade, do dendezeiro muita coisa é feita: das folhas (**àko**) e nervuras são feitos cestos, esteiras, vestimentas, cobertura para cabanas; os coquinhos (**ikin**) são usados no oráculo de **Ifá**; dos resíduos deixados pelo azeite-de-dendê se faz defumadores e quando são acessos iluminam o ambiente (**ògùṣọ** = tocha). O azeite-de-dendê está tão relacionado ao fogo que a polpa de seu fruto é chamada **ẹyìn**, nome muito parecido com a forma com que os **yorubá** se referem à brasa (**ẹyín**).

Owù = Algodão (**Ìtan 26**) – Planta pertencente à Classe Magnoliopsida, Ordem Malvales, Família Malvaceae, Gênero *Gossypium*. As espécies utilizadas para fins têxteis são: *barbadense*, *herbaceum*, *hirsutum*, *vitifolium*. **Qbátálà** é o verdadeiro **oríṣa** que representa o **odu Ọfun Méjì**. Como já foi apresentado, **Qbátálà**, cuja tradução literal é Algodão Alvejado que Germina, representa o par cósmico, **Oṣàlá/Odùdúwa**, responsável por dar nascimento a todos os seres da Terra. O tecido branco feito do algodão é o preferido de **Oṣàlá**. É com esse tecido, muito bem lavado e passado, que os regidos por **Ọfun** devem procurar estar sempre vestidos. **Odùdúwa** é a representação mais antiga de **Iyemonjá** que, quando está na qualidade de **Saba**, é a fiandeira de algodão. Simbolicamente, o algodão serve para limpar as mágoas, as feridas da alma. Serve também para **ẹbọ** de iluminação de caminho, pois com ele que se faz o pavio das lamparinas, os quais são alimentados com azeite. Além do mais, ao se retirar as mágoas do coração, a mente fica muito mais clara e pode sair do labirinto (ver Simbologia) em que os regidos por **Ọfun** tendem a entrar.

Rínrín = Alfavaquinha-de-cobra – Planta da Classe Magnoliopsida, Ordem Piperales, Família Piperaceae, Gênero *Peperomi*; Espécie *pellucida*. Nome científico: *Peperomia pellucida*. Cuidado se deve ter para não confundir alfavaquinha-de-cobra com alfavaca-de-cobra (*Monnieria trifolia* – **etítaré**); também é preciso cuidado com o fato de o “povo-de-santo” usar o nome **yorubá òrìrì**, quando quer referir-se a **rínrín**, alfavaquinha-de-cobra. **Òrìrì**, cujo nome científico é *Vitex doniana*, é uma árvore de grande porte; enquanto que **rínrín** (*Peperomia pellucida*) é uma erva que mede uns vinte centímetros e nasce com facilidade em pedreiras, terrenos abandonados e beiras de calçadas, geralmente quando é tempo de chuva. Alfavaquinha-de-cobra é a folha amiga dos videntes, que amplia a visão e ao mesmo tempo impede que se veja aquilo que não é necessário que seja visto: **Emi mọ ojú ina** = Que meus olhos não vejam isto durante algum tempo, nem vejam isto como punição. Folha que tranquiliza o olhar, alfavaquinha-de-cobra é de domínio dos **oríṣa** mais serenos. Na fitoterapia, ela é muito utilizada para combater irritações e inflamações oculares. Assim, é possível observar que essa planta tem forte relação com os olhos, não apenas na área religiosa, mas também na área medicinal.

Para alfavaquinha-de-cobra, canta-se: **Tútù dùn dùn tutu rínrín, na kí iye nípa ìmí** = Calma, suave, agradável, luminosa é alfavaquinha-de-cobra, em primeiro lugar cumprimentamos seu valor, sua potência. Alfavaquinha-de-cobra é fresca e por isto é usada contra irritação física e emocional: **Èròwòò ni ti rínrín** = Alfavaquinha-de-cobra é sempre calma e fresca (Verger, p. 140-141); **Rínrín kì í gbóná** = Alfavaquinha-de-cobra nunca fica quente (Verger, p. 178-179); **Ní kí inú rẹ ó má gbóná tütú rínrín. Ní kí inú rẹ k'ó má tütú** = Seu estômago não deve ficar quente. O estômago de alfavaquinha-de-cobra é fresco (Verger, p. 182-183); **Àwòsàn ni ti rínrín** = Alfavaquinha-de-cobra sempre cura por completo (Verger, p. 150-151).

Rínrín là gbésè, wa gbéjě ni ki wa gbésè hu bọ = Alfavaquinha-de-cobra que é puro vem na frente, nós ficamos quietos para não incorrerem em erro e chorarmos alto. Primeira folha a ser cantada no ritual chamado **Sasányìn**, alfavaquinha-de-cobra é também a primeira na sequência obrigatória do **afẹsu**, consagração de sacerdote, que acontece neste ritual, quando se canta: **Lawo okan, tètè komā ku o àşę jinlẹ** = Veneramos, respeitamos e aprendemos sempre repentinamente as instruções de difícil compreensão. Alfavaquinha-de-cobra, a folha que acalma os olhos e amplia a visão, é sempre chamada em primeiro lugar porque segundo o candomblé, não se pode, ou melhor, não se deve entrar em um ambiente sem que o olhar esteja manifestando calma; um olhar calmo o suficiente para enxergar as coisas com clareza e nitidez, isto é, sob todos os ângulos. A calma é parceira inseparável do silêncio. Alfavaquinha-de-cobra silenciosamente canta a serenidade, alertando a todos para a necessidade de falar pouco para que se sofra menos.

Tètẹ = Bredo (**itan 17**) – Classe Magnoliopsida, Ordem Caryophyllales, Família Amaranthaceae, Gênero *Amaranthus*, Espécie *viridis*. Nome científico: *Amaranthus viridis*. Planta conhecida popularmente como bredo-sem-espinho ou bredo-frio. Doril (*Alternanthera brasiliana*), erva-da-riqueza (*Alternanthera tenella*) e espinafre (*Spanacia oleracea*) também fazem parte da Família Amaranthaceae. Muito conhecida pelo nome caruru, bredo é uma planta rica em ferro, potássio, cálcio e vitaminas A, B1, B2 e C e tem sido resgatada na culinária para fazer, com suas folhas e talos refogados, molhos, tortas, pastéis e panquecas; suas sementes podem, simplesmente, serem comidas torradas ou podem ser usadas na fabricação de pães. Apesar de ser considerada erva-daninha pelo fato de nascer com muita facilidade, adaptando-se às

condições climáticas do lugar, bredo é uma planta excelente para indicar a qualidade do solo: indica terra boa e rica em potássio.

Bredo é uma planta de muito uso no candomblé, por isto é de suma importância não confundir o bredo-sem-espinho, **tètè**, que em **yorubá** é uma planta conhecida também pelo nome de **tètè égun**, com o bredo-com-espinho – **tètè ẹlégun**. Através de **Ọfun**, sabe-se que **Ọrúnmìlà** lavou Seus coquinhos de divinar com **tètè** e **òdúndún**, duas folhas que são muitas vezes usadas juntas, principalmente quando é para combater doenças: **“Àt’òjò àtẹ̀ẹ̀rùn kì í rẹ Ọdúndún. Àt’òjò àtẹ̀ẹ̀rùn kì í rẹ Tètè. Àt’òjò àtẹ̀ẹ̀rùn kì í rẹ Rínrín = Folha-da-costa nunca está doente. Bredo nunca está doente. Alfavaquinha-de-cobra nunca está doente. Para Bredo de canta: Tètè kọ mǎ tẹ, dání sò ni lẹ = Bredo acorda sempre quem é insípido, segura o inseguro, o preguiçoso, o indolente.**

Wérenjéjé = Olho-de-Pombo (**Ìtan 17**) – Classe Magnoliopsida, Ordem Fabales, Família Fabaceae, Gênero *Abrus*, Espécie *precatorius*. Seu nome científico é *Abrus precatorius*. **Wérenjéjé**, como conta um **itan** do **odu Ọfun**, é uma das folhas que **Ọrúnmìlà** usou para lavar Seus coquinhos de divinar, pois desejava vencer as lutas, sem perder a tranquilidade. **Wérenjéjé** é também chamada em **yorubá** de **pákun ãboisà** – folha que apaga o fogo do incêndio, mas também nos protege dos aguaceiros – e de **ojú ẹiyelé**, palavra traduzida como olho-de-pombo devido ao fato de suas sementes serem vermelhas e pretas, parecendo, assim, com os olhos desta ave.

O cântico da folha olho-de-pombo existente nos rituais, demonstra que ela é uma planta vinculada a **Oṣàlá**, pois as características exaltadas são aquelas relacionadas ao “Grande Pai”: estabilidade de comportamento, humildade, calma; ela apaga o fogo, quer dizer, acaba com brigas. Já as sementes vermelhas e pretas desta planta, pertencem a **Èṣu** e quando pisadas causam brigas no local. Sendo assim, percebe-se que a parte da planta que se diz consagrada a **Èṣu** são as sementes, nunca as folhas.

Canta-se, em círculo, para a folha da planta **wérenjéjé** pedindo que ela derame luz na comunidade: **ewé wérenjéjé, wérenjéjé, ará ta ni masa ká ma bagbe o**. Em outro momento, canta-se para **wérenjéjé**, ajoelhando-se para implorar ao **oríṣa** para o qual o ritual está sendo feito, que interceda por nós e que seja nosso mestre, o dono de nosso modo de viver; neste

canto também se implora ao **oríṣa** que Ele nos dê sempre Suas Instruções para que possamos terminar com as muitas discussões e tristezas criadas por nós, uma vez que somos instáveis.

Arère (Ìtan 17) – Árvore africana, pertencente à Classe Magnoliopsida, Ordem Malvales, Família Malvaceae, Gênero *Triplochiton*, Espécie *scleroxylon*. Seu nome científico é *Triplochiton scleroxylon*. Na Costa do Marfim é conhecida pelo nome “samba”; em Nigéria é **arère**. É essa última denominação que o povo de língua **yorubá** usa. Acentuada de maneira diferente – **arére**, esta palavra é usada pelos yorubá para pedir silêncio. Comportamento que também é pedido através da palavra **atótó**, saudação à **Ọmọlù, oríṣa** da peste, das doenças contagiosas (como a lepra), que domina o ciclo vida/morte. Para o povo *Ashanti*, da África Ocidental, a *Triplochiton scleroxylon* é conhecida por waba e sua semente, wawa aba, tem um grande valor simbólico para a cultura akan, um grupo étnico da região. Por ser extremamente dura, a semente da árvore **arère** simboliza durabilidade e força, indicando a importância de perseverar através da resistência; apresenta ainda o poder de não permitir que uma pessoa seja desmoralizada, quando comete algum erro. Todo esse simbolismo, principalmente o último descrito, faz com que a árvore africana **arère** esteja relacionada ao **odu Ọfun**. Com um simbolismo tão rico, o nome da semente da referida árvore foi usado para denominar a bola de futebol oficial do Campeonato Africano das Nações de 2008 – *Waba Aba*.

Jókónijé (Ìtan 12) – A planta chamada de **jókónijé** pelo povo **yorubá**, e chamada de jarrinha pelo povo baiano, possui a seguinte classificação científica: Classe Magnoliopsida, Ordem Ranunculales, Família Menispermaceae, Gênero *Cissampelos*, Espécie *owariensis*. Nome científico: *Cissampelos owariensis*. Conhecida no candomblé como jarrinha, esta trepadeira tem outros nomes em **yorubá**: **àkojé**, indicando sua característica de segurar pessoas que gostam de fazer muitas andanças; **jókójé** ou **jéjókó**, refere-se ao poder que jarrinha tem de fazer com que as pessoas tenham “assentamento” e, assim, possam ser bons discípulos. Um **itan** de **Ọfun** conta que **Asáre Akásàn**, Caminhante que segue as pegadas do mestre – o bom discípulo –, divinou para Olho e o orientou a fazer **ẹbọ** com uma mistura de **òrí** com folhas de **jéjókó**, a fim de que a ninguém fosse dado o direito de ler seus pensamentos. Foi quando **Ifá** disse: “A ninguém será dado o direito de saber o que seus olhos dizem”. Os olhos simbolizam ambição, que muitas vezes é

acompanhada de avareza, por isto na língua yorubá a pessoa avarenta é chamada de **akónijé**. A denominação de **ankémí létí** dada à jarrinha, que é traduzida como “vai acalmando o espírito, deixando-o cordato”, demonstra a importância desta planta no ato da iniciação, pois antes deste acontecimento a energia do **oríṣa** encontra-se próxima do futuro sacerdote, deixando-o muito agitado, e só depois da iniciação é que ela fica devidamente “assentada”, conseqüentemente, a energia espiritual torna-se cordata.

Jókónijé é confundida com uma trepadeira chamada papo-de-peru. Isso não pode acontecer em rituais de iniciação, pois são duas plantas que não pertencem nem à mesma família. Papo-de-peru tem a seguinte classificação científica: Classe Magnoliopsida, Ordem Piperales, Família Aristolochiaceae, Gênero *Aristolochia*, Espécies: *arcuata*, *gigantea*, *cymbifera*, *triangularis*, *esperanzae*, *ridícula*, *brasiliensis*... A confusão ocorre porque as plantas do Gênero *Cissampelos* e as do Gênero *Aristolochia* são trepadeiras cujas folhas têm formato de coração, mas é possível identificar a diferença entre elas ao observar-se a flor de algumas das espécies pertencentes ao Gênero *Aristolochia*, que apresentam cor vermelha-amarrozada (cor do fígado), com formato tubular, que dá a elas uma aparência de papo-de-peru, que é a razão de ser este um de seus nomes. O fato de essa flor exalar um odor fétido que atrai as mosca, fazendo destes animais seus polinizadores, mostra que papo-de-peru também pertence ao **òdu Òfun**, que tem a mosca como um de seus representantes no reino animal. O Gênero *Aristolochia* apresenta mais de cinquenta espécies, uma delas é *esperanzae*, popularmente conhecida por cipó mil-homens, que se supõe ser assim chamado pelo fato de o sanitarista Carlos Chagas tê-lo usado para tratar os muitos ferroviários que tinham sido atingidos por malária. Milome é a conhecida cachaça feita com o cipó mil-homens, que tem a fama popular de, por ter gosto amargo, ser boa para o fígado.

■ Èdá-Èlémi REINO ANIMAL

Alántakùn ou **Èlénà** = Aranha – Animal da Classe dos Arachnida, Ordem Araneae. Na classificação científica, as três subordens se subdividem em diversas famílias, gêneros e em uma média de quarenta mil espécies. Contrariando o que normalmente se pensa, apenas cerca de trinta espécies de aranhas são consideradas perigosas para o homem. Os aracnídeos são muito antigos, da era Paleozóica. Atualmente são terrestres. Originalmente marinhas, hoje só cinco espécies de aranhas ainda fazem da água o lugar de sobrevivência.

De simbologia diversa, para o **odu Òfun**, a aranha é a mensageira de **Oṣàlá (Ìtan 19)**. “Intercessora entre dois mundos – humano e divino –, fazem com que a aranha simbolize também um grau superior de iniciação” (CHEVALIER, p. 72). Os bambaras, povo africano já comentados neste estudo, usam o nome do referido animal para designar “uma classe de iniciados que já alcançaram a interioridade, a potência realizadora...” (CHEVALIER, p. 72). Essa representação da aranha como “Criadora Cósmica” é uma outra ligação entre este animal e **Òfun**, que é o principal **odu** que orientou a Criação do Mundo. “Entre os povos da África Ocidental, por exemplo, existe uma crença de que foi Anansé, a aranha, quem preparou a matéria dos primeiros homens, criou o Sol, a Lua e as estrelas; depois, Nyamé, o deus do céu, insuflou a vida no homem. Assim, a aranha continua ocupando a função de intercessora entre a divindade e o homem” (CHEVALIER, p. 71) (ver Simbolismo – **Àìlópìn Àbò**).

Os *Ashanti*, grupo étnico de Gana – África Ocidental –, considera a aranha *Anansi* um deus, que por ser filho da deusa da fertilidade *Asase Ya* e do deus do céu *Nyame*, foi o responsável por criar a matéria prima de toda a “Criação”, a qual só pode ter vida depois que *Nyame* insuflou-lhe o Sopro da Vida. *Anan-*

si é uma divindade que encontra Seu maior poder no profundo conhecimento psicológico que tem sobre os outros. Conta um de Seus principais mitos que *Anansi* estava preocupada com Sua tribo e por isto teceu uma longa trama que ia do chão ao céu, para buscar ajuda com Seu pai *Nyame*. *Anansi* partiu em Sua jornada, quando foi obrigada a defrontar-se com um castelo onde morava um gigante, que Lhe conferiu três provas iniciáticas para testar Sua resistência, inteligência e honra. *Anansi* venceu cada uma das provas e ao retornar ao castelo deixou o gigante espantado, pois ele não acreditava que um velho, enfraquecido pela miserável vida que tinha, pudesse superar proezas que muitos tentaram, mas que ninguém tinha conseguido até então. *Anansi* recebeu um baú para ser aberto quando, após descer pela teia que criou para ligar o Céu e a Terra, chegasse ao centro de Sua aldeia. Lá chegando, *Anansi* abriu o baú, de onde saíram as mais lindas histórias. Como Mensageiro Divino, *Anansi* espalhou as histórias, as quais revelavam o caminho da humanidade, pelos quatro cantos do mundo.

As teias das aranhas possuem características muito interessantes: são mais finas do que um fio de cabelo, mais leves que o algodão e cinco vezes mais fortes do que um aço de iguais dimensões; apresentam grande poder de elasticidade, esticando-se quatro vezes mais que seu comprimento inicial; são muito resistentes à água e não se rompem mesmo que a temperatura chegue a -45 °C. As teias das aranhas são armadilhas para suas presas, mas os pelos de suas patas não permitem que elas caiam nas próprias armadilhas. As aranhas tecem suas teias permanentemente. **Òfun Méji**, através da relação de opostos, expressa a ideia de movimento constante, que implica em um contínuo criar. O movimento de tecedura da aranha é circular e produz uma rede dotada de um centro, o qual é visto, simbolicamente, como o centro do mundo buscado nos mitos do “eterno retorno” (ver Simbologia – **Àilópin Àbò**): movimento regressivo do sopro e do sêmen; o retorno à Fonte Primeira, onde o novo embrião renascerá, simbolizando a reintegração à origem, a obtenção da longevidade (as tarântulas vivem até vinte e cinco anos) ou até mesmo a “imortalidade”.

A teia de aranha é comparada ao labirinto (Ver Simbologia) que “é, essencialmente, um entrecruzamento de caminhos, dos quais alguns não têm saída e constituem assim impasses; no meio deles é mister descobrir a rota que conduz ao centro dessa bizarra teia de aranha. A comparação com a teia de

aranha não é aliás exata, porque a teia é simétrica e regular, enquanto a essência mesma do labirinto é circunscrever no menor espaço possível o mais completo emaranhado de veredas e retardar assim a chegada do viajante ao centro que deseja atingir” (CHEVALIER, p. 530). As transformações necessárias ocorridas durante a peregrinação iniciática (ver Simbolismo – Ìrìn-àjò) são identificadas de igual maneira em dois ọdu que são intimamente vinculados, Ọfun e Eḡḡonile, através de dois animais diferentes, respectivamente a aranha e a serpente. A aranha, um dos animais representativos de Ọfun Méjì, precisa trocar de pele (òhọ= descamação da pele) periodicamente durante seu crescimento e mesmo depois de ter crescido, pois sua pele, assim como as vestes do homem, fica gasta (ver Simbolismo – Aṣọ); a serpente, um dos animais de Eḡḡonile, também precisa trocar de pele e por isto este ọdu diz que “òkà jóko pẹpẹ ré pẹ” = “a serpente sentou-se no altar, a fim de mudar a pele”.

Ọfun Méjì gerou todos os ọdu e foi gerado pelo Èmí – o Sopro Criador – de Olorun, que também deu vida ao homem e a tudo que existe. Por isso se diz que é através de Ọfun Méjì que o homem se comunica diretamente com o deus supremo. Ọfun Méjì diz: “Ninguém vê a roca de fiar de Aranha; ninguém sabe como ela tece sua teia”. E ela canta: “Como mágica, eu faço tudo como mágica; Eu me tornei um deus; Como mágica eu trabalho” (Ìtan 19).

Àsá = Falcão – Ave da Ordem Falconiformes, Família Falconidae, Gênero *Alco*. O falcão é um dos animais que emprestam suas características para que Ọfun Méjì seja melhor compreendido. Sobre esse ọdu se diz: “Ọfun Méjì é o falcão negro africano, o falcão da lagoa que é o chefe daqueles que vivem nas águas” (Ìtan 14). Ave de rapina, o falcão possui um tipo de voo diferente do de outras aves que arrebatam suas caças com rapidez. Enquanto as águias e os abutres apresentam um voo planado e os gaviões apresentam um voo acrobático, o falcão é especialista em voo de velocidade. Suas asas pontiagudas e finas permitem que a caça aconteça em espaços abertos e altos como as montanhas, que por sua vez são os lugares ideais para se fazer oferendas a Ọfun Méjì. É uma expressão popular chamar de ave de rapina as pessoas que roubam, sendo esta mais uma relação entre as referidas aves e Ọfun, já que os regidos por este ọdu têm tendência a possuir todo tipo de vício, inclusive o de roubar, não por necessidade, mas por instinto.

Awó ou Ètú = Galinha d’angola, conquém – Ave da Ordem Galliformes, Família Numididae, Gênero *Numida*, Espécie *meleagris*. Nome científico: *Nu-*

mida meleagris. Também conhecida como saqué, a galinha d'angola é um dos principais, senão o principal, animal do culto aos **oríša**. Goza de muito prestígio no candomblé por ser considerada a primeira iniciada. É o **odu** **Ọfun** que conta como isso aconteceu: Por ter sido orientada por **Ifá** a ser generosa com quem encontrasse, mesmo se não conhecesse a pessoa, **Ẹtú** ajudou a um velho doente. O velho era **Oṣàlá** que, agradecido, pintou a galinha d'angola soprando **ẹfun** por todo seu corpo e, reunindo elementos sagrados, modelou no topo de sua cabeça o símbolo da aliança entre um ser profano e sua essência sagrada - **òṣu**.

O **itan** de **Ọfun Méjì**, relatado anteriormente através de uma analogia invertida, demonstra a necessidade de se ser generoso quando cai este **odu**. Afinal, a galinha d'angola não é considerada um animal bondoso, nem mesmo quando mãe. A excessiva agitação dessa ave não lhe dá a serenidade necessária à boa maternidade: ela raramente entra em choco e quando isto acontece põe uma quantidade grande de ovos, que ao serem dispostos em camadas faz com que só os ovos que estão na camada de cima recebam o calor da ave e dê filhotes; além disto, arrastam os pintos para a umidade, fazendo com que não resistam ao frio e morram.

Sendo considerado o primeiro animal iniciado, não é difícil entender a necessidade da galinha d'angola de viver em comunidade, melhor dizendo, em bando. É uma ave que precisa do bando para se reproduzir, pois só assim sentem estímulo para o acasalamento. Essas aves formam grupos organizados, onde vivem e se locomovem guiadas por um líder. Também não é de se estranhar o fato de a galinha d'angola ser chamada em **yorubá** de **awó**, palavra que os iniciados usam constantemente para não se esquecerem de que são guardiões de mistérios (**awó** – mistério, segredo). **Ọfun Méjì** é o **odu** da palavra (ver Simbologia – **Ọrọ**) e a galinha d'angola “fala”, ou melhor, grita muito: “tou fraca, tou fraca...”. Tanto que Vinicius de Moraes escreveu:

Coitada, coitadinha
Da galinha-d'angola
Não anda ultimamente
Regulando da bola

Ela vende confusão
E compra briga

Gosta muito de fofoca
E adora intriga
Fala tanto
Que parece que engoliu uma matraca
E vive reclamando
Que está fraca

Tou fraca! Tou fraca!
Tou fraca! Tou fraca! Tou fraca!

Coitada, coitadinha
Da galinha-d'angola
Não anda ultimamente
Regulando da bola

Come tanto
Até ter dor de barriga
Ela é uma bagunceira
De uma figa
Quando choca, cocoroca
Come milho e come caca
E vive reclamando
Que está fraca

Tou fraca! Tou fraca! Tou fraca!

Ẹiyẹlé – O pombo é um animal que pertence à Classe Aves, Ordem Columbiformes, Família Columbidae, Gênero Columbo. O pombo comum é da espécie *livia*, sendo seu nome científico, portanto, *Columbo livia*. Popularmente é chamado de pombo-doméstico ou pombo-das-rochas e existem exemplares de cor marrom, cinza, branca, sendo estes últimos específicos dos **ọdu** através dos quais falam **Oṣàlá**. Para o pombo se canta: **Ẹiyẹlé ni wá jà adiẹ. O jù mǎ mǎ. Àgò àlà oríṣa oní bá tè** = Pombo não é galinha. Não chega brigando. Ele é um ser superior, que tem licença para alcançar e venerar o **oríṣa** dono do **àlà**. **Ọfun Méjì** tem o casal de pombos como uma de suas fortes representações. **Ọfun Méjì** é o **ọdu** que revela o mistério do Algodão Alvejado que Germina – **Ọbàtálà**, nome que designa as duas principais divindades, **Oṣàlá /Odùdúwa**, da “família” que usa a cor branca como

símbolo de união purificada, pois são **oríša** criados diretamente de **Olorun** – a Suprema Pureza. O casal de pombos representa, por sua vez, a Suprema União, responsável por gerar toda a “Criação”. Afinal, o comportamento dessas aves demonstra que formam um par harmônico, que não apenas cuidam um do outro, mas também de seus filhotes com devotada dedicação.

Erin – O elefante é um animal originário de África e Ásia, que pertence à Classe Mammalia, Ordem Proboscidea, Família Elephantidae. Do Gênero *Elephas* é o elefante asiático, cujo nome científico é *Elephas maximus*. Do Gênero Loxodonta são as duas outras espécies que também ainda não se extinguíram: *africana* e *cyclotis*. Apesar de ter um grande porte, os elefantes não são animais agressivos, a não ser quando estão para acasalar, devido ao aumento de produção do hormônio testosterona. É no período de reprodução que macho e fêmea ficam mais tempo juntos, já que depois disto as fêmeas vivem em manadas com seus filhotes, lideradas por uma matriarca, enquanto os machos adolescentes vivem em pequenos bandos e os machos adultos isolados. Normalmente, os elefantes não têm predadores, devido a seu tamanho. O homem é o maior inimigo desses animais, pois suas presas de marfim sempre atraem os caçadores, que veem nelas possibilidade de ganhos financeiros e mágicos. Os elefantes são sempre relacionados aos seus “dentes” de marfim. O elefante é relacionado ao **oríša Oṣàlá** que, como o marfim das presas deste animal, é símbolo de pureza e incorruptibilidade. O marfim possui uma dureza que o torna quase que inquebrantável. Como os dentes, os ossos e o casco do **ìgbín** – a representação no reino animal do próprio **Oṣàlá** – o marfim é rico em cálcio, uma das substâncias que deu nascimento ao **òdu Òfun Méjì**.

Oṣàlá e o **ìgbín** possui a mesma lentidão do elefante, animal símbolo da sabedoria de reinar com paciência, que é o que faz com que um reino seja próspero. **Òfun Méjì** abdicou de Seu trono a pedido do povo (**Ìtan 5**) exatamente porque não soube agir dessa maneira. Ele optou, então, por voltar para o **Òrun (Ìtan 6)** a fim de aprender a controlar o orgulho, sentimento próprio daqueles que, por se considerarem grandes e poderosos, menosprezam a força que vem da astúcia dos pequenos (**Ìtan 26** de **Ejónile, òdu** filho de **Òfun**). O elefante é, pois, símbolo de paciência, mas também de orgulho, sentimento que os regidos por **Òfun** precisam sempre estar atentos, para não se afundarem nele.

Grou – Reino Animália, Filo Chordata, Classe Aves, Ordem Gruiformes. Essa Ordem possui algumas Famílias e quatro Gêneros: *Anthropoides* (*Anthropoides paradisea*, grou-azul, ave nacional da África do Sul); *Balearica* (são os grou-coroados: *Balearica pavonina* e *Balearica regulorum*); *Bugeranus* (grou-carunculado) e *Grus* (*Grus americana*, cujas penas são brancas, *Grus antigone* – símbolo de felicidade conjugal na Índia, *Grus canadenses* – uma das aves mais antigas, existentes no planeta há milhões de anos, *Grus grus* – o grou-comum, etc).

Falando de maneira ampla, as aves da Ordem Gruiformes possuem pernas e pescoços longos, o que faz com que cheguem a alcançar uma boa altura; tendo plumagem em tons cinza, branco e castanho, algumas espécies apresentam plumas ornamentais na cabeça (grou coroadado). No que diz respeito ao simbolismo, grande atenção se deve dar ao processo de acasalamento dessas aves, que ocorre através de verdadeiras cerimônias, as quais formam a base de danças ritualísticas de algumas tribos africanas.

Balearica pavonina é o chamado grou coroadado africano. Os grou africanos são cobertos por plumas brancas e cinzentas; as cabeças têm uma “coroa” amarela; vivem em pares ou em grandes bandos e se acasalam por toda a vida; comunicam-se através de um som estridente; habitam as margens de rios e lagos cobertos por vegetação alta; seus passos são lentos, mas quando se sentem ameaçados, alcançam grande velocidade, correndo pelo chão com as asas abertas, antes de alçarem vôo. Diferentes dos grou norte-americanos, os africanos são os únicos grou que se empoleiram em árvores e não migram.

A ave grou coroadado africano, muito descrita nos **itan** de **Ifá**, é moradora das savanas africanas e tem o equilíbrio como uma de suas fortes características, pois quando quer dormir enfia a cabeça debaixo da asa e dorme com uma perna só. Sua farta coroa é “a recompensa de uma prova... é uma promessa de vida imortal a exemplo da vida dos deuses” (CHEVALIER, p. 289). Assim como a garça, o grou é uma ave pernalta. A garça, denominada nos **itan** de **Ifá** de **lekéleké**, é uma ave africana relacionada com **Oṣàlá** e é comumente chamada de grou africano de plumagem branca. No Brasil, tanto o grou quanto a garça podem ser substituídos nos rituais pelo pombo, também símbolos de felicidade conjugal.

Para os bambaras, o grou coroado está na origem da palavra, o que faz dele um animal relacionado à **Òfun** (ver Simbologia – **Òrò**).

“O começo de todo começo do verbo é o grou coroado. A ave diz: eu falo. Explica-se: o grou coroado reúne, por sua plumagem, seu grito e sua dança nupcial, os três atributos fundamentais do verbo – beleza (passa por ser a mais bela das aves), som (é o único, ao que se diz, a inflectir a voz quando grita), movimento (sua dança na estação do amor oferece aspecto inesquecível). Por isso se afirma que os homens aprenderam a falar imitando o grou. Mas o motivo profundo de valorização dessa ave resulta da convicção, entre os africanos, de que ela tem consciência dos dons que lhes são próprios (dá impressão disso), que se conhece a si mesma. É então, nessa qualidade de símbolo da contemplação de si mesmo, que o grou coroado está na origem do verbo de Deus, do conhecimento que o homem tem de Deus. O *raciocínio* (implícito, intuitivo) seria o seguinte: o homem só conheceu a palavra relativa a Deus a partir do momento em que se conheceu a si mesmo. Deixa-se, desse modo, entender que o conhecimento de Deus deriva do conhecimento de si mesmo. Tal seria o simbolismo profundo do grou coroado” (CHEVALIER, p. 480).

Òfun é o único **òdu** através do qual o homem pode comunicar-se diretamente com **Olorun**. Existem outros pontos fortes de relacionamento entre o **òdu** **Òfun** e o grou, os quais são também vistos por outras tradições. O Oriente refere-se ao poder de longevidade que tem o grou, de saída do labirinto (ver Simbologia), que conduz ao encontro com o poder de “imortalidade”, o qual se pretende atingir no final das provas iniciatórias: “significativa ainda é a *dança dos grous*, executada por Teseu à saída do Labirinto, e da qual se encontra forma equivalente na China, está, sem dúvida, em relação com o aspecto cíclico da prova labiríntica... A dança dos grous evocava na China antiga, o poder de voar e, em consequência, de atingir as ilhas dos Imortais. Imita-se tal dança com a ajuda de pernas de pau. Porque se o grou é símbolo de longevidade – associado, no caso, à tartaruga – é principalmente, um símbolo taoísta de imortalidade” (CHEVALIER, p. 479-480).

Ìgbín = Reino Animalia, Filo Molusco, Classe Gastropoda (literalmente, animais que possuem um só pé, o qual fica localizado no estômago), Ordem Pulmonata, Família Achatinidae. Molusco pertencente a vários gêneros e a milhares espécies, o caracol é originário de África, Europa e América do Norte. Os caracóis africanos comestíveis mais comuns são: *Achatina achatina*, cujo nome **yorubá** é **isan**; *Achatina fulica* conhecido caracol-de-jardim, de nome **yorubá ipere** e *Archachatina marginata*, o **ìgbín**.

Os moluscos são animais de corpo mole e viscoso, que é dividido em cabeça, pé ventral e massa visceral. *Archachatina marginata* é conhecido como caracol-gigante-africano por ser terrestre, uma vez que os aquáticos são geralmente chamados de caramujos (**ókotó**). Os caracóis terrestres gostam de viver em ambientes úmidos, porém não encharcados. Quando a temperatura encontra-se na faixa de 10° C, podem permanecer em estado de letargia por até seis meses. Seus hábitos são completamente noturnos, começando 99% de suas atividades umas duas a três horas após o anoitecer. A maioria desses animais invertebrados é herbívora, apenas algumas espécies se alimentam de minhocas, lesmas e até mesmo de outros caracóis. São glutões por natureza, mas a quantidade de alimentos que ingerem varia de acordo com as estações do ano, devido ao clima que cada uma apresenta: nos dias de clima seco e quente comem pouco, é nos dias frescos que chegam a ingerir até 40% de seu peso, diariamente. Sua dieta é rica em cálcio, fazendo com que seu exoesqueleto seja uma concha calcária espiralada (ver **Èdá-Òkúta** = Reino Mineral). Na cabeça estão as antenas, chamadas pelos adeptos do candomblé de chifres, razão pela qual o **ìgbín** é conhecido como “boi de **Oṣàlá**”. É através dessas antenas, principalmente das menores, que os caracóis enxergam. Por serem desprovidos do sentido de audição, eles se utilizam do tato e do olfato, sentidos que estão situados por todo o corpo.

A sexualidade dos **ìgbín** se constitui em um capítulo a parte, devido ao fato de eles serem hermafroditas incompletos, o que implica que cada animal possui testículos e ovários, mas que não se autofecundam, pois a fecundação é cruzada, isto é, dependem de um parceiro para realizar a cópula e a fecundação. O **odu Ọfun Méjì**, que tem no **ìgbín** Seu principal representante no reino animal, é considerado um **odu** hermafrodita. Outras características do **ìgbín** servem para comprovar a forte relação entre este

animal e o **òdu Òfun Méjì**: sua forma física em espiral simboliza a “rotação criacional”, que é o processo de evolução que ocorre através de ritmos repetidos ciclicamente; seus dois tipos de chifre na cabeça, que aparecem e desaparecem, lembram o tema do eterno retorno (ver Simbologia – **Àì-lópin Àbò**), com suas mortes e renascimentos; a gestação do **ìgbín** dura cerca de dezesseis dias, número correspondente ao do **òdu Òfun Méjì** no Sistema Oracular de **Ifá**.

Um estudo realizado no laboratório de produção animal da Universidade Federal de Tecnologia, em Minna/Nigéria, foi feito com a intenção de investigar a qualidade nutricional do **ìgbín**. O referido estudo diz: “A raça mais comum de caramujos africanos é *Archachatina marginata* (gigante africano terra caracol), que tem vários nomes nos dialetos locais (**Apinu de Igbín** em Yoruba; *Kodi Dodon* em Hauçá; *Ekpa* em Nupe e *Eju* ou *Ejuna* no Ibo)”. A conclusão que se chegou foi que a carne do *Archachatina marginata* é altamente nutritiva. Rica em proteínas, ela possui bom teor de ferro, baixo teor de sódio e gordura, sendo assim ideal para diabéticos e portadores de doenças vasculares e cardíacas. Entretanto, foi verificado que não é devido a sua riqueza nutritiva que a carne de caracol é comida pelos nigerianos, uma vez que ela não faz parte do cardápio diário deste povo, mas devido ao fato de estar envolvida em muitas superstições. Enquanto alguns grupos étnicos não estimulam o consumo de carne de caracol, outros a comem apenas ocasionalmente, provavelmente pelo fato de a considerarem uma carne sagrada, uma vez que este animal representa o Grande Pai **Oṣàlá**. O catassol comestível é a comida predileta de **Oṣàlá** e seu líquido é usado para “amolecer” o coração deste **oríṣa** e também o coração dos homens. **Oṣàlá** é o Grande Caracol Branco, como pode ser ouvido em uma das músicas cantadas para saudá-Lo: **Baba pè ré kẹ te. Pè ré kẹ tè iwa. Ìgbín alābò ijẹnyà. Pè ré kẹ te iwa** = O Pai convida a ser cordial, a ter calma e respeito. Convida a ser cordial, a ter calma e respeito no comportamento. O Grande Caracol Branco, o patrono do castigo, convida a ser cordial, a ter calma e respeito no comportamento.

O **òdu Òfun Méjì**, **Oṣàlá** e o **ìgbín** estão relacionados ao princípio da vida terrestre, uma vez que participaram da Criação da Terra. São velhos, e por esta razão tudo que é vinculado a estes três seres parece acontecer de maneira

lenta. Diz-se que “parece” porque o **ìgbín**, ao caminhar, produz uma viscosidade que ao ser jogado no solo faz com que ele não apenas “ande”, deslize. Os mitos contam que após a criação do planeta, foi o **ìgbín** quem fez a Terra expandir-se e que por isto ele é um elemento propício para oferendas dadas com intuito de que algo se expanda. Tendo os caracóis e caramujos um só pé como ponto de apoio, fazem uso dele para rodar e alcançar rapidamente o formato de uma espiral e, assim, vão abrindo-se a cada movimento. Espiritualmente falando, esse movimento dirige-se ao infinito, sempre tentando alcançar um grau maior, até transformar-se num imenso círculo (símbolo de unidade). Um dos mitos do **odu Ọṣẹ** conta que **Ọdúndún, Tètẹ, Pèrègún, Ọgèdẹ** e **Àtòri** eram divinadores da cidade de **Ilẹrọ**. Juntos, fizeram jogo divinatório para **Ọsinnido** – monte de **Ìbàdàn** que é objeto de culto. Apareceu **Ọṣẹ** indicando que deveria ser feita uma oferenda com alguns elementos, entre eles cinco caramujos (caracol-da-água), a ser entregue no alto de um morro no meio da floresta. Os divinadores alertaram **Ọsinnido** para que não deixasse nenhum caramujo morrer, pois assim como os caramujos rastejam, aparentemente de maneira lenta, sem ninguém perceber, **Ìbàdàn** também se expandiria. E os caramujos foram tão longe quanto os limites de **Ìbàdàn**. **Ọṣẹ** é o **odu** do **oríṣa Ọṣun**, cujos sacerdotes são proibidos de chamar o caramujo de **ìgbín**. É de **aginiṣọ** que eles devem ser nomeados, indicando a qualidade de possuir algo com elegância e fineza. Na realidade, **Ọṣun** e o molusco em questão têm uma relação de grande fundamento, que só é revelada a quem entender o mistério do incesto entre **Ọfun Méjì** e o **odu Ọṣẹ** ou a quem conseguir traduzir o mistério que envolve a sexualidade do **ìgbín** e a do **odu Ọfun**.

Kòkòrò = Mosca – Inseto da Ordem Diptera, Família Muscidae, Gênero *Musca*. A mosca comum é da espécie *domestica*, sendo seu nome científico, portanto, *Musca domestica*. A mosca é um inseto que tem urgência em viver, pois só dura um dia; seu olhar multifacetado ajuda para que este animal não tenha um objetivo preciso quando inicia seu voo, características que precisam ser observadas por quem é regido por um **odu** que tenha este animal como um de seus representantes. Esse inseto no **odu Odi Méjì** representa a descoberta da sujeira que se tenta inutilmente esconder. “Incomodando, zoando, mordendo sem parar, as moscas são seres insuportáveis. Elas se multiplicam sobre o apodrecimento e a decomposição, carregam os piores germes

e doenças e desafiam qualquer proteção” (CHEVALIER, p. 623). Raul Seixas canta: “Eu sou a mosca que pintou em sua vida. Eu sou a mosca que pintou pra lhe abusar. Eu sou a mosca que pertuba o seu sono...”. **Odì Méjì** sentencia: “A ira do homem que tem uma chaga, não pode espantar a mosca que pousa na ferida”. A relação entre **Òfun Méjì** e a mosca está, principalmente, no fato de ambos terem as doenças contagiosas, aquelas que se propagam com facilidade, com característica. A mosca **Túnrúyentúnrúyẹn** – aquela que excita repetidamente (**Ìtan 14**) – é uma das representações de **Òfun Méjì**. O referido **òdu** e a mosca trazem doenças. Entretanto, o que faz adoecer também faz curar. Experiências têm sido realizadas com o uso da larva desse inseto, por exemplo, para a cura de feridas, na tentativa de evitar gangrena. Como a larva da mosca só se alimenta de carne morta e alimentos podres, ao serem introduzidas nas feridas, tendem a eliminar a carne em putrefação. Insetos que se alimentam de produtos animais e vegetais em decomposição, além de fezes, escarros e pus, as moscas são muito prejudiciais aos homens, pois tendem a transportar uma grande variedade de agentes patogênicos, como bactérias, vírus, protozoários e helmintos. Consideradas pragas urbanas, existem mais espécies de moscas do que de vertebrados. Algumas espécies, entretanto, são consideradas benéficas, pois são utilizadas como agentes de controle biológico de ervas daninhas e de pragas de insetos.

Como a mosca, **Òfun Méjì** faz surgir doenças, mas também dá possibilidade de cura (**Ìtan 6**). Esse **òdu** e a mosca apresentam outras semelhanças entre si: **Òfun Méjì**, no corpo humano, rege a saliva, substância de extrema importância para a sobrevivência das moscas, pois é usada para dissolver os alimentos sólidos; as moscas, assim como os regidos por **Òfun**, não alcançam a maturidade através de um crescimento direto, ambos realizam verdadeiras metamorfoses. No que diz respeito ao desenvolvimento espiritual, os “filhos” de **Òfun** podem ser completamente diferente na idade adulta, do que foi na juventude.

Odidẹ – O papagaio-cinza é uma ave da Família Psittacidae, do Gênero *Psittacus*, da Espécie *erithacus*. É também conhecido como papagaio-do-congo, por ser originário de África. Essa espécie de papagaio é muito caçada por causa do sabor de sua carne, para que não danifique as plantações, mas também pela beleza e utilidade mágica das penas vermelhas de sua cauda, chamadas pelo povo **yorubá** de **ekòdidé**. É uma ave de grande importância

no culto aos **oríṣa**, por ter sido usada por **Oṣàlá** como uma espécie de coroa para recuperar o respeito perdido devido ao uso de bebidas fermentadas. Os sacerdotes do candomblé quando recém-iniciados imitam o gesto feito pelo referido **oríṣa**, a fim de serem respeitados em sua nova condição. O papagaio-africano, única espécie conhecida do gênero *Psittacus*, é muito inteligente e sociável. Entretanto, está em sua capacidade diferenciada de expressão vocal, mais ampla do que a das outras espécies de papagaio, o mistério dessa ave, que é também conhecida como papagaio-do-gabão. Não é a toa que as penas de **Odide**, o papagaio-cinza-africano, são tão indispensáveis em rituais e oferendas que envolvem **Ọfun Méjì**, uma vez que este **odu** tem como uma de Suas principais características o uso da fala e, consequente, da argumentação, como instrumento de persuasão. Afinal, **Ọfun Méjì** foi criado diretamente do Sopro do Criador – o Verbo Divino.

■ ÌJỌBA ARÁIYÈ REINO HOMINAL

Essência dos regidos por Òfun Méjì

Personalidade de tendência negativa, mas que quando chega a hora em que os “cabelos brancos” aparecem podem transformar-se em pessoas benevolentes, pois Òfun foi criado da pureza de intenções de Olorun, com a finalidade de transmitir paz aos habitantes da Terra. Na velhice, portanto, a verdadeira essência dos regidos por Òfun podem desabrochar, fazendo com que eles se tornem excelentes conselheiros, uma vez que só se desenvolvem espiritualmente quando já viveram o bastante para poderem aprender com as experiências adquiridas através das provações da vida.

Os regidos por Òfun:

São muito inteligentes, mas não sábios. A sabedoria só aparece com a chegada da maturidade.

Possuem a cabeça cheia de “teias de aranha” (ver Èdá-Èlémi – Alán-takùn), significando tanto a propensão de fazer armadilhas para pegar suas “presas”, como o fato de que seus pensamentos ficam em uma espécie de labirinto (ver Simbolismo), não conseguindo encontrar saída para seus próprios problemas.

Têm grande poder de persuasão e usam a fala como um instrumento de poder, falando muito, de maneira rápida e sem pausas para que o cérebro do outro não tenha tempo de processar a mensagem recebida.

Lidam com o tempo supervalorizando o passado, sonhando com um futuro fantasioso e apresentando tendência à procrastinação, isto é, gostam de deixar as coisas para serem resolvidas depois.

A grande inteligência que possuem faz com que os regidos por Ọfun sejam engraçados, perspicazes e sedutores.

Seduzem com facilidade, fazendo boas amizades, mas por serem de difícil convivência, sofrem de solidão e carência afetiva. Tornam-se melancólicos, por sentirem medo de ficarem sozinhos para sempre.

No amor, sentem muita falta de alguém ao lado, mas não são muito companheiros. Relacionam amor a dinheiro, o que dificulta ainda mais a relação.

Atuam na vida de maneira ambiciosa, achando que devem possuir até as coisas que não lhes são de direito.

Tendência a todo tipo de vício, inclusive o de roubar, o que fazem com a rapidez de uma ave de rapina.

As profissões escolhidas para que a essência seja bem utilizada são: educador, psicólogo, filósofo, político, advogado. Enfim, profissões em que a fala e a persuasão sejam necessárias. Podem ser autoridades importantes.

Os nascidos com caminho de Ọfun são líderes por natureza, mas dificilmente sabem usar positivamente esta capacidade, pois tendem a exagerar na autoridade (àşejù).

Têm atitudes ditatoriais e se suas vontades não são satisfeitas recorrem a atos violentos.

São cheios de si e “donos da verdade”. São chamados de ọhalè –pessoa convencida. Foi por essa característica, por não se achar “um qualquer”, que Oşàlá, duvidando do conselho de Ifá (que dizia que Ele não deveria viajar e se assim o fizesse a realização de ẹbọ era necessária), ficou preso durante sete anos, daí surgindo o Ritual chamado Águas de Oşàlá.

Caprichosos em tudo que fazem, transformam o impossível em possível.

Desejam o poder e quando o conseguem demonstram um orgulho descontrolado.

Muito nervosos, eles se descontrolam com facilidade.

São tidos como pessoas ọhàhà, aquelas que são excessivamente ansiosas.

Procuram sempre tumultuar o ambiente em que vivem, fazendo com que afastem até mesmo seu **oríxa**.

Fazem dos corriqueiros problemas familiares grandes traumas.

Teimosos e ciumentos, os regidos por **Òfun** veem tudo como um grande problema.

Tendência à teimosia, arrogância, intransigência, implicância.

A razão está acima da emoção quando o problema é com os outros, mas quando é seu age com uma espécie de emoção dramática.

Não costumam considerar os sentimentos dos outros.

Pode-se dizer que fazem permanentemente uso do dito popular “dois pesos, duas medidas”, já que não perdoam, mas acham sempre que devem ser perdoados.

São vingativos, por isto fazem da máxima popular “olho por olho, dente por dente” um de seus lemas.

Forte mediunidade, inclusive a que se relaciona com os mortos, uma vez que **Òfun** é conhecedor do mistério que envolve a morte.

Gostam de fazer feitiço para o mal, principalmente contra os familiares.

Se caminharem bem no **odu**, estão predestinados à longevidade e quando atravessam a meia idade conhecem o bem viver.

■ ÌJỌBA Ọrun REINO DIVINAL

Oríṣa que respondem em Ọfun Méjì

Ọfun Méjì, ọdu fundamental para a existência da vida, é tão misterioso que pouquíssimos **oríṣa** falam através Dele. **Ọbàtálà** é Seu principal representante. **Ọbàtálà** não “chega na cabeça” de ninguém porque não é um **oríṣa** simplesmente, mas sim um par de **oríṣa**, ou melhor dizendo o casal que deu origem a todos os **oríṣa**. Símbolo do casal mítico propulsor da “Criação”, formado por **Oṣàlá** e **Odùdúwà**, **oríṣa funfun** primordiais. Os **oríṣa** que respondem em Ọfun Méjì, portanto, são **Oṣàlá** – o Grande Pai – e **Odùdúwà** – a Grande Mãe. **Odùdúwà** fala através de Ọfun, em Sua forma de Mãe Ancestral, pois é Ela a primeira **Iyámi**. Não se pode negar, entretanto, a importância de **Ọmọlù** em Ọfun Méjì, **oríṣa** que comanda o ciclo de vida/morte através das doenças contagiosas, que no referido ọdu tem seu maior exemplo na lepra.

Ọbàtálà

Oríṣa símbolo da cosmogonia **yorubá**, **Ọbàtálà** é, na verdade, **Oṣàlá** e **Odùdúwà** em estado de união. Conta a cosmogonia **yorubá** que Eles viviam unidos dentro da Cabaça-da-Existência. Um dia, o casal irmão teve uma briga tão grande que fez com que a Cabaça-da-Existência rompesse em duas metades, ficando **Oṣàlá** na parte superior e **Odùdúwà** na parte inferior (ver Instrumento). **Oṣàlá** é o poder masculino de expansão; **Odùdúwà** é o poder feminino gravitacional de atração, concentração e aglutinação. **Ọbàtálà** é o principal **oríṣa** representante de Ọfun Méjì, pois Este é o ọdu da unidade e da criação gerada pelo movimento dos diversos pares de opostos, entre

eles o par dos **oríṣa Oṣàlá/Odùdúwà**. **Oṣàlá** indicando o macho, o positivo, a ação, a luz, o branco, a vida; **Odùdúwà** indicando a fêmea, o negativo, o repouso, as trevas, o preto, a morte. **Ọfun Méjì** comanda o mais importante par de opostos: vida/morte. Comanda a vida através do **odu Eṣonile** e a morte através de **Eṣìlògbòn**, respectivamente, portanto, através de **Oṣàlá e Odùdúwà**.

Odùdúwà/Oṣàlá

Oríṣa cercado de controvérsias, as quais são explicadas, a princípio, pelo fato de a cultura do povo **yorubá** ter sido transmitida durante muito tempo através da oralidade. A versão aqui decodificada é que **Odùdúwà** é o **oríṣa** que junto com **Oṣàlá** formam o casal mítico primordial – **Ọbàtálà**, impulso energético responsável pela “Criação”, casal existente nas cosmogonias de diferentes culturas. A história mítica sobre a criação do mundo, segundo o povo **yorubá** (ver **Ìtànìgbà-ndá-Àiyé**), mostra o como e o porquê de **Odùdúwà** ser considerada Mãe da Terra, representante de todas as mães, que carrega em si o poder de vida e de morte. Pois o masculino pode, unindo-se ao feminino, gerar a vida, mas só a mãe pode definir se esta vida criada será gestada ou não. Quando **Odùdúwà** recebeu das mãos do próprio **Olorun** o poder de criação e manutenção da vida, permitiu que tão grande poder A dominasse, o que fez com que se transformasse em um ser cruel, que por motivos torpes mandava arrancar os olhos e o coração das criaturas. Diante de tal situação, **Olorun** deu uma parte do poder de **Odùdúwà** para **Oṣàlá**, a fim de que a misericórdia não deixasse de existir. Talvez por ter arrancado tantos olhos e corações, **Odùdúwà** é considerada um ser de temperamento terrível, de difícil convivência, sem coração e fria como Seu elemento – a terra.

São muitos os **ìtan** que se referem ao fato de as mulheres falarem tanto, a ponto de deixarem os maridos enlouquecidos. Fato esse explicado pela ciência atual que diz que as mulheres possuem no cérebro duas áreas responsáveis pela linguagem, enquanto que os homens apenas uma. **Oṣàlá** não conseguiu fugir à regra e terminou por arrancar os olhos de Sua mulher, pois ficou enlouquecido com a tagarelice Dela, que não parava de queixar-se da vida, com Sua voz estridente e desagradável. Foi a “Lei do Retorno” que fez com que **Odùdúwà** nunca mais pudesse usar o sentido da visão. Entretanto,

Ela é dotada de tantos outros sentidos (como dizem ser todas as mulheres) e Senhora de tão grande inteligência, que fica facilmente irada com a incapacidade alheia. Dizem que **Odùdúwà** é autoritária, temperamental, invejosa, vingativa; que domina pela força e não suporta ver a felicidade alheia.

De **Odùdúwà**, assim como das outras **Iyámi**, é dito que nunca se sabe como agradá-La: **Iyágba mi ki yò màmà sòrọ̀ bàbà sIwaju mi bò mi** = Mãe amadurecida, velha, diferente, que não está contente nem conformada nunca e é muito dura. Pássaro que voa diferente, sempre para frente, cubra-me, proteja-me. Apesar disso não ser totalmente verdadeiro, talvez se possa entender o porquê de ser tão difícil agradar as mães, sejam elas vinculadas à matéria ou ao espírito: é impossível dar, na mesma proporção, algo a alguém que no Seu ventre gerou a vida. **Iyámi** são as Mães Ancestrais que ao virem para a Terra fizeram das copas das árvores frondosas Suas residências. Elas são as **Eleiyẹ**, mulheres pássaros que moram nas árvores. No culto às **Iyámi**, cultuam-se os ancestrais femininos. No **Ipàdé**, Elas também são veneradas quando se canta: **Wá ágba wa ẹiyẹ** = Purifique-nos, velho pássaro.

O **odu Ọfun** tem forte relação com a barriga, parte do corpo que é de domínio das **Iyámi** – Donas da Barriga. O “ventre é refúgio, mas é também devorador... Esse aspecto castrador do ventre deve-se, sem dúvida, ao fato dele ser especificamente a sede dos apetites, dos desejos, cuja voracidade pode parecer assustadora para aquele que não ousa aceitar a sua animalidade profunda” (CHEVALIER, p. 937). Esse talvez seja o motivo principal para o temor que as pessoas sentem das Mães Ancestrais. Elas estão ligadas à profundidade do ser; vinculadas aos primórdios da existência na Terra, tempo em que eram os instintos que comandavam a existência:

“Na análise moderna, o símbolo da mãe assume o valor de um arquétipo. A mãe é a primeira forma que toma para o indivíduo a experiência da alma, isto é, do inconsciente. Este apresenta dois aspectos, um construtivo, outro destrutivo. Ele é destrutivo na medida em que *é a origem de todos os instintos... a totalidade de todos os arquétipos... o resíduo de tudo o que os homens viveram desde os mais remotos inícios, o lugar da experiência supraindividual*. Mas ele tem necessidade de se realizar, pois não existe a não ser em correlação com ela, coisa que distingue o homem do animal. Deste último,

pode-se dizer que ele tem os instintos, não o inconsciente. É precisamente dentro dessa relação que pode se instalar e causar estragos o poder do inconsciente. Devido à superioridade que procede de sua natureza impessoal e da sua qualidade de fonte, ele pode voltar-se contra o consciente nascido dele e destruí-lo. *Seu papel é, então, o de uma mãe devoradora, indiferente ao indivíduo, absorvido unicamente pelo ciclo cego da criação*" (CHEVALIER, p. 581-582).

As **Iyámi** são as grandes feiticeiras, cujo feitiço é terrivelmente destrutivo, mas Seu **àṣẹ** é altamente construtivo. Elas são as grandes transformadoras, sendo o ventre o lugar de transformação por excelência. É o laboratório alquímico onde se trabalha para que o "chumbo" se transforme em "ouro"; onde a pedra bruta deverá transformar-se em pedra filosofal; o homem embrutecido em um ser nobre, valioso e iluminado – um ser centrado. As **Iyámi** têm forte ligação com as serpentes, um dos mais primitivos animais, como também é primitivo o comportamento instintivo, visceral. Através do alimento preferido das **Iyámi** – as vísceras, principalmente o intestino grosso –, pode-se compreendê-las um pouco mais: "o intestino delgado corresponde ao pensamento consciente, analítico, o intestino grosso corresponde ao inconsciente, no sentido literal, ao submundo. Simbolicamente, o inconsciente sempre foi considerado o reino dos mortos..." (DETHLEFSEN, p. 132). A importância dos instintos é comentada pelo **odu Ọfun Méjì (itan 3)**: "Uma criança pequena não recusa o leite materno; A ave não recusa o convite para o milho; O pênis não recusa o convite para a vagina; Ninguém pode ignorar a picada de uma cobra; Ninguém resiste à necessidade de tossir; Ninguém ignora a picada de um escorpião; A terra não pode recusar os raios do sol; O pano não pode recusar o ataque violento de uma agulha; Ninguém pode impedir o gato de caçar o rato; Ninguém desobedece ao chamado da natureza".

Oṣàlá é o criador do homem e de todos os outros seres que habitam a Terra, por isto é chamado de **Ẹlédá** – Senhor que Cria. Como **Oṣàlá** não conseguiu cumprir a determinação de **Olorun** no sentido de criar a Terra, tarefa executada por Sua irmã **Odùdúwà**, ficou com o direito de criar os habitantes deste local. **Olorun** disse a **Oṣàlá**: "Iṣẹ̀ àjúlọ̀ ni iṣẹ̀ ẹ̀dá, ti ó fi mó ọ̀ ṣẹ̀dà àwon ẹ̀níyàn àti Oríṣírísí ohun gbogbo ti ọ̀ ọ̀ mó ọ̀ ọ̀ de Àiyé oun àti igi gbogbo, ìtākùn, kOríko, ẹ̀ranko, ẹ̀iyẹ̀, ẹ̀ja ati àwon ẹ̀níyàn" = "Os trabalhos transcendentais de criação permitir-lhe-ão criar

todos os seres humanos e as múltiplas variedades de espécies que povoariam os espaços do mundo: todas as árvores, plantas, ervas, animais, aves, pássaros, peixes, e todos os tipos humanos” (OXALÁ, p. 44-45).

O corpo físico do homem foi feito do barro primordial (**amõn**), o qual foi cedido pelo **orísa Nàná**, com a condição de que este fosse devolvido a Terra, quando a morte ocorresse. Após moldado, **Olódumarè** deu ao homem, escondido de **Oşàlá**, o princípio vital, soprando no ouvido dele Seu **Ẹmí** (Sua Respiração). A quartinha feita de barro puro representa o corpo moldado e a água, que é colocada em seu interior e evapora, simboliza este **Ẹmí**. **Oşàlá** é, portanto, **Álamõn Rere** – Perfeito Escultor. **Oşàlá** fez o corpo, mas “esqueceu-se” de fazer a cabeça, tarefa dada posteriormente a **Ajalá** – Modelador de Cabeças. Os corpos considerados imperfeitos (deficientes) foram, também, feitos por **Oşàlá**, pois o que é perfeito para nós, não deve ter o mesmo significado do que é perfeito para os deuses. “As deformidades... são encaradas como marcas especiais do poder de **Oşàlá**. Todos os nascimentos especiais são dedicados a Ele. Essas crianças são chamadas de **Ènia Oşàlá** – Pessoa de **Oşàlá** – as quais têm por obrigação cultuá-Lo e seguir Seus tabus. Os albinos (**afin**), cuja pele carece de pigmentação, fazem parte desse grupo de pessoas vinculadas à **Oşàlá**. Os albinos dizem: “**Ẹ wò Oşàlá lara mi**” = Veja a roupa de **Oşàlá** em meu corpo.

No reino mineral, **Oşàlá** está relacionado ao **ẹfun** (ver **Ẹdá-Òkúta**), que na cosmogonia **yorubá** (ver **Ìtànìgbà-ndá-àiyé**) representa o princípio criador e purificador. Sabe-se que **Oşàlá** e **Odùdúwà** são os Criadores e os primeiros Criados, mas **Èşu** brigava com o Grande Pai, dizendo ser Ele o **orísa** mais antigo. Chegaram até mesmo a brigar fisicamente. **Oşàlá** derrubou **Èşu** por três vezes. Percebendo que ia perder a briga, só restou a **Èşu** usar Seus poderes de grande feiticeiro: Ele soprou um pó branco em **Oşàlá**, retirado de uma de suas cabacinhas, e a fumaça cobriu o Grande Pai. **Oşàlá** ficou descolorido. Entretanto, a trapaça de **Èşu** foi descoberta e Ele se viu obrigado a entregar para **Oşàlá** a cabacinha com o pó. **Èşu** teve que aceitar a verdade: Ele era o Terceiro Criado ou **Igbá Ketá** – Terceira Cabaça. Mas se **Èşu** é o terceiro criado, Ele é o primeiro ser individual, por ter sido criado diretamente da matéria combinada. Símbolo da existência diferenciada, **Èşu** é o princípio dinâmico de propulsão, mobilização, transformação e crescimento que conduz à criação. Por isso, Ele é ao mesmo tempo símbolo do que é criado e do que cria, pois participou, participa e participará de tudo que foi ou que será criado na Terra.

A “Criação”, portanto, está diretamente relacionada ao casal que vivia unidos na Cabaça-da-Existência: **Oṣàlá/Odùdúwà**, conseqüentemente ao **oḍu Òfun**, mas também a **Èṣu: Igbá Ketá** – Terceira Cabaça.

Apesar de os oríṣa que respondem em Òfun Méjì serem os descritos acima, **Oya** e, principalmente, **Ọmọlù** têm ligação com o referido oḍu. **Oya**, em virtude de ser Ela o próprio vento [ar em movimento (ver Elemento)], e **Ọmọlù**, por ser o oríṣa relacionado às doenças contagiosas.

■ Sentenças

- Uma criança pequena não recusa o leite materno; A ave não recusa o convite para o milho; O pênis não recusa o convite para a vagina; Ninguém pode ignorar a picada de uma cobra; Ninguém resiste à necessidade de tossir; Ninguém ignora a picada de um escorpião; A terra não pode recusar os raios do sol; O pano não pode recusar o ataque violento de uma agulha; Ninguém pode impedir o gato de caçar o rato; Ninguém desobedece ao chamado da natureza.
- É a agulha que carrega a linha.
- Os rios secam, mas as águas misteriosas do mar, assim como **Òfun Méjì**, não secam jamais.
- O sabão se dissolve sobre a cabeça e desaparece, mas a cabeça continua no mesmo lugar.
- O dinheiro é coisa do destino, os tecidos são coisas do destino, os metais são coisas do destino. As roupas são como as pessoas, as pessoas são como as roupas.
- O macaco preso no telhado fica faminto por negligência.
- O braço é comprido, mas não consegue alcançar o céu.
- O mosquito pode passar dentro do canal que ninguém passa.
- Mesmo nas águas calmas, redemoinhos são encontrados.
- Se alguém tem dinheiro, o filho de alguém leva roupa branca consigo. Se alguém tem filhos, o filho de alguém leva roupa branca consigo.

- O mosquito faz da torrente seu caminho.
- Grande sabedoria é a chave de grande sabedoria; Se não se tem grande sabedoria, não se faz grande medicina; Se não aprendemos medicina forte, não curamos doenças fortes; Se não curamos doenças fortes, não ganhamos grandes riquezas; Se não ganhamos grandes riquezas, não faremos grandes coisas.
- A brancura é a mãe de **Qyê**.
- O queixo não deixa o sol iluminar a barriga do tubarão.
- Aonde a aranha vai, trabalha conforme anda; ninguém vê a roca de fiar da aranha e ninguém sabe como ela tece sua teia.
- Mesmo na floresta, o fogo é notável; mesmo na margem do rio, **àraba** é notável.
- A banana carrega seus filhos nas costas, como se fosse um **egungun**.
- Não se herda as nádegas limpas, exceto o fazendeiro que não se senta no chão.

■ ÀFỌᏞᏞᏞ RELATO DO JOGO

Ọfun Méjì é um ọdu que traz Consigo muita energia, a qual pode causar sérios distúrbios fisiológicos quando não se tem o conhecimento necessário para conviver com ela. Ọfun é um ọdu agbá que indica longevidade. Mostra que a espiritualidade e os bens materiais só chegam para a pessoa regida por Ele quando a maturidade (bàlágà) é atingida. A relação de Ọfun com a maturidade é tanta que qualquer pessoa que tenha a graça de atingir esta fase tem por dever cultuá-Lo, independente do ọdu que possua.

Por ser agbá, Ọfun carrega em si muitos mistérios. Assim, quando esse ọdu responde no jogo é aconselhável que o olúwo se levante três vezes, reverenciando-O com a expressão Ẹpà Baba! Já ao consulente, deverá ser indicado que banhos com folhas-de-calma sejam tomados durante dez dias, período em que ele deve trajar-se com roupas claras. Se Ọfun sair duas vezes seguidas, o jogador e o consulente deverão ficar de frente para rua, colocar as mãos na barriga e em seguida elevá-las ao tempo. Quando cai Ọfun e vem seguido do ọdu do próprio divinador, não se deve fazer nada pela pessoa que está sendo consultada. Quando surge em uma consulta feita para o próprio divinador, ele deve lavar seus búzios dentro de uma cabaça com água, ẹkọ, òrí e as folhas ewé ọdúndún e ewé tètè. Caindo várias vezes seguidas, indica problemas de doença e até de morte por “troca de cabeça”, que é quando outra pessoa adoece ou morre no lugar do consulente, geralmente alguém bem próximo. Nessa última situação, é aconselhável soprar as palmas das mãos três vezes, como se nelas tivesse um pó para espantar as coisas ruins, e dizer Ẹpà Baba! Essa expressão substitui os verdadeiros nomes de Ọfun, os quais nunca devem ser pronunciados em vão, isto é, em conversas profanas, onde o objetivo principal não é a busca de conexão com o sagrado.

A caída de **Òfun** no Jogo de Búzios indica:

- O mal não vencerá nas disputas; os inimigos nunca vencerão.
- As pessoas nunca devem achar que estão perdidas. Devem caminhar com esperança, pois um dia encontrarão a saída do problema.
- Doença grave, atual ou futura.
- Quando sai para uma pessoa enferma, determina que esta não morrerá, mas alguém próximo, inesperadamente, poderá morrer em seu lugar.
- Assinala ocorrência de fenômenos de bruxarias com maldições.
- Quando cai para uma pessoa que quer ter filho, esta deverá ser informada para exercitar a paciência e fazer sacrifício.
- No que se refere à prosperidade, demonstra que a aquisição de riqueza só ocorrerá quando a maturidade espiritual for atingida.
- Disputas são ganhas através do poder da fala. Os regidos por **Òfun** são bons de argumentos (**aríyànjyàn**).
- Quando o jogo é consultado buscando informações sobre o tempo de vida na Terra, **Òfun** prediz longevidade.
- Doença de barriga e problemas de gravidez (com possibilidades de aborto), mas com tendência à melhoria.
- Conflitos amorosos e familiares (principalmente entre irmãos), com grandes possibilidades de mudanças favoráveis.
- Problemas de vícios.
- Desonra e perda de prestígio social, com a recuperação da honra (**ibuyìn fún**), caso o cliente seja benevolente com as pessoas, evitando a arrogância e o instinto ditatorial.
- A perda de prestígio, leva à perda de todo tipo de bens: filhos (aborto), casamento, emprego, dinheiro e também energia espiritual (neste caso precisa ser visto se foi por magia feita).

- A aparência física deve ser bem cuidada.
- Futuro brilhante na profissão.
- Se o consulente estiver doente, deverá ser perguntado ao Jogo de Búzios se a doença é por “chamado” religioso que necessite de iniciação sacerdotal. Uma vez que Ọfun é um ọdu onde o chamado iniciático é fortíssimo. Caso a resposta seja negativa, deverá ser indagado sobre a necessidade de **Borí**.
- Os búzios precisam ser lavados quando Ọfun cai para a **Ìyálòrìṣà** e esta deve dar uma oferenda a Ọsun.

Em **ire** (benção), Ọfun indica: Prosperidade espiritual, financeira e social (na idade madura); abundância de energia física e espiritual; credibilidade e respeitabilidade; sucesso profissional e, o mais importante, grande possibilidade de alcançar a essência espiritual, conseguindo fixá-la e multiplicá-la.

Em **oṣogbo** (negativo do ọdu), Ọfun indica: Avareza, obsessão em acumular riqueza, traição de serviços, desmoralização, perda de respeito público.

Em **oṣogbo àrun** (doença, indisposição, mal estar), Ọfun indica: Problemas circulatórios e respiratórios; de garganta e dos órgãos responsáveis pela fala; abortos; extirpação de útero e de ovário; cirurgias abdominais, grande tendência a vícios e, principalmente, lepra.

■ ÈWỌ INTERDITO

Na Terra, **Ọfun Méjì** foi gerado por reis e por ser o filho caçula nada lhe era negado. Tornou-se, com isso, muito prepotente e quando herdou o reino do pai ficou conhecido como um rei ditador (**itan 5**). Assim, as pessoas regidas pelo **ọdu Ọfun** têm como tabu possuir esse tipo de comportamento; além de não poderem reativar fogo com sopro, uma vez que ao agir desta maneira estaria imitando o comportamento de **Olorun** quando soprou Seu **Èmí** no homem, para que o fogo da vida o vivificasse; no que diz respeito ao sopro, também não devem fazer uso dele para limpar poeira.

Olorun disse a **Oṣàlá** que durante Sua missão de criar a Terra Ele estava proibido de ingerir vinho-de-palma (**ẹmu**), uma bebida fermentada que possui alto teor alcoólico. Afinal, **Oṣàlá** tem uma forte relação com o troco da palmeira de onde esse vinho é extraído. Assim, esse tipo de bebida fermentada é um dos principais interditos dos regidos pelo **ọdu Ọfun**, que além deste têm como outros tabus: comer carneiro e milho vermelho (**bòmó**); usar roupa preta e vermelha ou de qualquer outra cor escura; vestir roupas sujas e permanecer em lugares sujos e promíscuos. Enfim, os mesmos **ẹwọ** que são relacionados aos **oríṣa funfun**.

■ COMPORTAMENTOS ADEQUADOS

Os regidos por **Ọfun** devem cuidar bem da aparência física, incluindo o vestuário. Enfim, devem procurar ser elegantes e ter boa aparência (**aláfẹ**). Devem andar bem vestidos, com roupas muito bem limpas (**aşo alàílẹşẹ**), para entre outras coisas alcançarem prestígio, serem gloriosos e dignos de elogios (**àyinlógò**). Não podem ser desmazelados (**alàìmúragírí**). Devem ser bem apessoados (**gbónjú**).




- Os regidos por **Ọfun** precisam evitar ser incomodados ou interrompidos quando estiverem comendo.
- Evitar abrir a porta depois que tiverem deitado para dormir.
- Nunca devem abandonar os parentes mais velhos.
- É aconselhável que não se envolvam com coisas que não é do próprio interesse.
- Não devem sentir-se invencíveis.
- Nunca interromper o que estiverem fazendo para ajudar a alguém.
- Não viajem sem antes perguntar ao oráculo e, caso este permita que viajem, não devem deixar de fazer o **ẹbọ** prescrito; assim como não devem sair sem deixar a casa bem protegida, inclusive de maneira mágica: **Bí mo ba regbè, Ifá wolélé mi dè mi rere; irin dúdú ní woléé d'Ọgún; ọpẹ wolélé mi dè mi rere; ọjé ní woléé d'Ọşàlá; tutu nini là á ba ilí ìgbín** = Se eu viajar, **Ifá** protege minha casa para mim, é ferro preto que protege a casa para **Ọgún**; é a palmeira que protege minha casa para mim; é chumbo que protege a casa de **Ọşàlá**; é no frio que encontramos a casa de **ìgbín**.

- É aconselhável sempre fazerem uma oferenda para **Oṣàlá** e usarem colar de conta branca como proteção.
- Devem ser prudentes, pois têm tendência a sofrerem traição por servidores.
- Ter cuidado com o que comem. E, por terem pessoas querendo saber o horário das refeições, a fim de armarem uma armadilha, os regidos por **Òfun** devem comer em horários diferentes e de preferência sem servidores.
- Quando estiverem à mesa comendo, não devem levantar-se para atender a porta.
- Precisam ser pacientes e perseverantes, pois os problemas são resolvidos como passe de mágica.
- Devem trabalhar em silêncio, sem se exibirem.
- Sempre procurar tentar terminar o que se propuseram a concluir no mesmo dia, pois esse **odu** tem tendência à procrastinação.
- Não é bom que facilitem com a chave do local onde está guardado um segredo, para que este não venha a ser revelado.
- Evitar ter vasilhas destampadas e lixo amontoado pelos cantos, pois atrai a morte.
- Procurar sempre alimentar Cabeça.
- Não ficar em falta com os mais velhos, sejam eles vivos ou mortos.
- Não tentar inteirar-se de coisas que não lhe dizem respeito.
- Não pedir dinheiro para o próprio **odu**, pois **Òfun** não gosta de dar dinheiro.
- Ter cuidado com rumores e problemas com a justiça.

■ Elementos de Ẹbọ

Principal oferenda: Àsia funfun = Bandeira branca.

- **Adiẹ** = Galinha.
- **Adiẹ funfun** = Galinha branca .
- **Agbado** = Milho.
- **Agbado funfun** = Milho branco cozido
- **Àgùtàn** = Ovelha.
- **Àkùfi** = Linha (novelo).
- **Àkúko funfun** = Galo branco.
- **Àkúko pupa** = Galo vermelho.
- **Fũ** ou **Àlà** = Tecido branco.
- **Ãlẹ** = Espanador. A palavra **yorubá** **Ãlẹ** refere-se a um tipo de lepra, doença totalmente vinculada a **Ọfun Méjì**. Outra palavra **yorubá** para espanador é **owò** (**òwò** = honra, respeito).
- **Àpáta Ẹfun** = Rochas Calcárias.
- **Àpò** = Saco.
- **Aşo funfun** = Roupa branca.
- **Aşo sèlésè** = Roupa tingida.
- **Awotẹrẹ ti Olowonyó pupa** = Tira de pano de algodão de cor vermelha.
- **Awotẹrẹ ti Olowonyó dundun** = Tira de pano de algodão de cor preta.
- **Ekọdidẹ** = Pena de papagaio-africano.
- **Ẹfun** = Mineral tão ligado a **Oşàlá** que a palavra **ẹfun** é traduzida por branco.
- **Ẹiyẹlé** = Pombo.
- **Ẹiyẹlé funfun** = Pombo branco.
- **Ẹja** = Peixe.

- **Èkọ** = Açaçá.
- **Èkúté** = Rato.
- **Epo kórówú** = Óleo-de-algodão.
- **Érú** = Cinzas.
- **Ewúré** = Cabra.
- **Eyin ti adie** = Ovo de galinha.
- **Fadaká** = Prata.
- **Fitílà** = Lamparina ou Lâmpada.
- **Ìgbín** = Caracol.
- **Igbá** = Cabaça.
- **Igbá fi éru** = Cabaça com cinzas.
- **ìlẹ̀kẹ̀ idẹ̀** = Contas de latão.
- **ìlẹ̀kẹ̀ funfun** = Contas brancas.
- **Ìrùṣin** = Rabo-de-cavalo.
- **Iyán** = Inhame pilado.
- **Kaurí** = Búzios.
- **Màrìwò** = Folha nova de palmeira.
- **Obi** 
- **Òbúkọ** = Bode.
- **Òbẹ́fárí** = Navalha.
- **Odo** = Porco.
- **Òjò-Omi** = Água de chuva.
- **Okùn** = Corda.
- **Omi ọ̀sesẹ̀ odú** = Água limpa de pote.
- **Omi titun** = Água fresca.
- **Omidídì** = Granizo, gelo, neve.
- **Ọ̀pá-Ọ̀ṣunwọ̀n** = Vara.
- **Ọ̀párun** = Bengala.
- **Ọ̀tí líle** = Bebida forte (fermentada), para **Èṣu**.
- **Orógbó** 
- **Owó** = Moeda.
- **Òwú** = Algodão em bolas, encharcadas de óleo de algodão.
- **Oyin** = Mel.
- **Òrí** = Manteiga-da-costa.
- **Osùn** 

■ Colocação de Èbọ

- Àmu = Talha.
- Àró = Armazém, celeiro.
- Igi àgba nlá = Árvore velha frondosa.
- Igbó = Mata.
- Ilé fisílè = Casa abandonada.
- Òkè = Montanha.

■ Nomes a serem chamados

- Pedir para ser abnegado e flexível: **Ìsẹ̀lẹ̀** = Homem abnegado e flexível (Fundação).
- Obter herança: **Òragún Deyínekùn** = Ser pleno e maduro, que é louvado por ter obtido herança (**Ìtan 1**).
- Vencer alguém, causando-lhe medo: **Orogun Deyínekùn** = Estimula a guerra e quando surge dá motivos para que se tenha medo e pavor (**Ìtan 4**).
- Trabalhar em si o sentimento de humildade: **Ìgbín kowó keşẹ̀ ejó kódù** = Caracol que, não tendo mãos nem pés, ensina que se rasteja quando se quer resolver algum problema (**Ìtan 4**).
- Ter pensamentos corretos: **Odá-Àbáyẹ** = Ele tem pensamento correto (**Ìtan 5**).
- Atrair pessoas para uma reunião: **Apěna** = Aquele que convoca assembleia (**Ìtan 6**).
- Deixar de ser agressivo: **Fũ yẹ̀ Ọmọ ko aje** – Pano branco que faz todas as vontades aos filhos e não castiga (**Ìtan 9**).
- Atrair o amor das pessoas: **Odíderémò awo agbado** – O papagaio sabe o mistério do milho (**Ìtan 9**).
- Excitar para a guerra: **Orogun** (nome pelo qual **Ọfun Méjì** é conhecido) = Ele estimula a guerra (**Ìtan 10**).
- Estimular para que as palavras transmitidas sejam verdadeiras: **Àkógun** (irmão e porta-voz de **Ọfun Méjì**) = Sua luta é pela verdade e autenticidade (**Ìtan 10**).

- Curar a esterilidade: **Àganbi** = Mulher estéril que gerou (**Ìtan 11**).
- Ser um bom discípulo: **Asáre Akásàn** = Caminhante que segue as pegadas do mestre – O Bom Discípulo (**Ìtan 12**).
- Não ficar agressivo devido a ofensas sofridas: **Oṣàlá Qṣérégbó** = Aquele que tem maturidade para ser cordial com quem Lhe causa dano e Lhe ofende (**Ìtan 13**).
- Chamar quando se deseja que algo seja trancado: **Ògún Tìèle** = Aquele que tranca com força (**Ìtan 17**).

■ ỌFỌ ENCANTAMENTOS

- Ser considerado, honrado e glorificado: **Dìmú Odíde wérewére ajé Ilé áya ọmọ** = Papagaio segurou rapidamente riquezas, casas, esposas e filhos (**itan 2**).
- Receber favores, sem precisar pagar por eles: **Púkẹpúkẹ, ni batì ọfẹ ọgbà gbogbo** = Delicadamente, eu me apoio nos companheiros e em todos, sem pagar a ninguém (**itan 3**).
- Conseguir tirar algo de uma pessoa, sabendo fazer uso de suas fraquezas instintivas: Uma criança pequena não recusa o leite materno; A ave não recusa o convite para o milho; O pênis não recusa o convite para a vagina; Ninguém pode ignorar a picada de uma cobra; Ninguém resiste à necessidade de tossir; Ninguém ignora a picada de um escorpião; A terra não pode recusar os raios do sol; O pano não pode recusar o ataque violento de uma agulha; Ninguém pode impedir o gato de caçar o rato; Ninguém desobedece ao chamado da natureza; Desta forma você, “fulano” não pode resistir a ... (**itan 3**).
- Deixar a pessoa “abobada”: **Şí gò şí gò agò tọ; Şí gò şí gò agò tọ** = Descubri um bobo, um estúpido e usei sua tolice para atrapalhá-lo; Descubri um bobo, um estúpido e usei sua tolice para atrapalhá-lo (**itan 3**).
- Obter permissão para desvendar mistérios: **Ūró èhin kì mú ěwò ẹ̀pà! Àìkò ró lù le awo** = Costas na posição ereta, comprimida firmemente. Bater à porta com firmeza, produzindo som claro ao dizer: **ẹ̀pà!** A fim de que o Sacerdote do Mistério dê acesso ao que era proibido (**itan 5**).

- Obter dinheiro, casamento e filhos: **Ọfun olo fũ fún ẹní owó, Ọfun olo fũ fún ẹní àya, Ọfun olo fũ fún ẹní ọmọ = Ọfun**, Senhor do Pano Branco, Aquele que dá dinheiro, casamento e filhos (**Itan 9**).
- Conseguir espalhar, de maneira correta, as palavras: **Èku tè le tó sọrọ fún. ọjọ. Ọrọ jù ọjọ nà ọrọ jù** = Respeitar quem é capaz, tem força e pureza para falar o suficiente e diariamente, para que a palavra possa espalhar-se e ser passada para frente. Diariamente espalhar as palavras, passar à frente (**itan 10**).
- Aliviar a dor de feridas e extirpar a lepra: **Ọfun tútù tù bi èle ijì. Àmu Omi ji kùtùkùtu wẹnú. Ìbí titun má kan ju. Run run àle wò mã ni sìn. Adífa fun Àganbi Ilé-Ìfẹ, ni jò tọ fi Omi ọju su bé rẹ ọmọ tú rù tù.** = Ọfun quando é acalmado, alivia a dor e o pavor que nasce da violência. Levantar cedo e beber água limpa do pote para ter um novo nascimento, sem lepra nem dor. Assim se trata o doente, a fim de dominar e extirpar a lepra para sempre. A mulher estéril suplica para ficar sob os cuidados do sacerdote de **Ifá** de **Ilé-Ìfẹ**, suplica para que a água ajude a aliviar a dor das feridas e ela possa suportar o cansaço, a escuridão e, assim, possa educar seus filhos (**itan 11**).
- Evitar carência de companhia e clientes: **Ọfun** – O Branco – é tão frio quanto água de chuva; Beber água do pote e mantê-lo limpo toda manhã, antes de enchê-lo novamente; A sombra fria não precisa preocupar-se por carência de companhia, porque o sol em breve trará clientes para ele (**itan 11**).
- Para que os pensamentos não sejam lidos através dos olhos: Há alguém para quem as divindades reservaram um destino feliz, que terminará por ajudar toda a família. A ninguém será dado o direito de saber o que seus olhos dizem. Entretanto, para que tudo isso ocorra, esse alguém deverá sempre oferecer às divindades, visando evitar os inimigos (**itan 12**).
- Ter filhos: Eu sacrifiquei um porco, olhem para os muitos filhos atrás de mim (**Itan 14**).
- Sair-se bem de uma tentativa de traição: Galo, eis seu destino, você teve um acerto com **Ifá** e O traiu; Rato, eis seu destino, você teve um acerto com **Ifá** e O traiu (**Itan 15**).

- Ter facilidade na vida: Quando Agogo ressoa ele está dizendo: “Eu ofereci duzentas contas de latão e uma vara, as coisas são fáceis para mim” (**itan 16**).
- Ter sabedoria de vida: Grande sabedoria é a chave de grande sabedoria; Se não se tem grande sabedoria, não se faz grande medicina; Se não aprendemos medicina forte, não curamos doenças fortes; Se não curamos doenças fortes, não ganhamos grandes riquezas; Se não ganhamos grandes riquezas, não faremos grandes coisas (**itan 17**).
- Para que as coisas aconteçam como num passe de mágica: Aranha cantou: “Como mágica, eu faço tudo como mágica” (**itan 19**).

■ Simbologia

Àìlópìn Àbò = Eterno Retorno – Uma das concepções mais presentes nas tradições iniciáticas é a que está inserida na crença do Eterno Retorno, que indica uma volta à origem, um reencontro com a pureza e a iluminação, que se supõe ter existido no início dos tempos quando o **Òrun** e **Àiyé** ainda estavam ligados: “Segundo Angelus Silesius, como o ponto conteve o círculo, o círculo retorna ao ponto. O homem *primordial* ou o *homem verdadeiro* (tehen-jen), reintegrado no estado edêmico, retornou da *circunferência ao centro*. Ora, o centro do mundo, o centro do Éden, é o ponto de comunicação entre a Terra e o Céu, aquele a partir do qual são obtidos dos estados sobre-humanos” (CHEVALIER, p. 779).

Ponto e círculo possuem simbologias comuns, que nos fazem ir penetrando com cuidado e respeito nos mistérios do **odu Òfun Méji**: perfeição, homogeneidade, ausência de distinção e divisão... características de quem consegue cumprir a jornada iniciática por inteiro. Enquanto o ponto oculta em si a perfeição; o círculo, considerado um ponto estendido, simboliza a perfeita criação. É por essa razão que muitas tradições iniciáticas, entre elas o candomblé, realiza suas danças ritualísticas de maneira a circular um centro mágico que pode estar evidente ou não aos olhos humanos.

“Dionísio o Aeropagita conseguiu descrever, em termos de filósofo e de místico, as relações do ser criado para com sua causa, graças ao simbolismo do centro e dos círculos concêntricos: ao afastar-se da unidade central, tudo se divide e se multiplica. Inversamente, no centro do círculo todos os raios coexistem numa única unidade, e um ponto único contém em si todas as linhas retas, unitariamente unificadas

em relação às outras e todas juntas em relação ao princípio único do qual todas elas procedem. No próprio centro, sua unidade é perfeita; se elas se afastarem um pouco do centro, distinguem-se pouco; se se separarem ainda mais, distinguem-se melhor. Em resumo, na medida em que estão mais próximas do centro, mais íntima se torna sua união mútua; na medida em que estão mais afastadas do centro, aumenta a diferença entre elas” (CHEVALIER, p. 251).

Enquanto no **odu Eḡḡonile Méjì** fala-se em espiral evolutiva, correspondente à primeira metade da jornada iniciática, quando o processo de consciência no homem vai sendo formado; no **odu Òfun Méjì**, o ideal é falar-se em espiral involutiva, que conduz ao movimento de retorno à fonte primeira, quando o poder dos instintos é recuperado e, unindo-se à consciência adquirida no processo, passa, então, a guiar o homem. Compreendendo com profundidade os “pequenos grandes detalhes” da crença no Eterno Retorno, é possível aproximar-se de um entendimento do porquê de o **odu Òfun** ser tão temido: é que Ele não se refere ao retorno que daria a todos o repouso tão desejado; **Òfun** revela o retorno ETERNO, o movimento permanente de criação e recriação, aquele que não tem fim nem começo. Afinal, no Sistema de **Ifá, Òfun Méjì** é o primeiro **odu** a ser concebido, mas é o último na ordem de classificação; é o início e o fim que se unem. Ele representa o nascer e o morrer permanentes simbolizados por **Oṣàlá** e **Odùdúwà**, **oríṣa** que buscam o reencontro em **Òbàtálà** – a Unidade.

Òfun Méjì é movimento, que é poeticamente descrito em Movimento, poema escrito pelo **ògá** Durval Kraychete (MOREIRA, p. 69):

Mover-se é escapar do perigo

E ir para onde se deve

sem hesitar

Mover-se é ser veloz

Como um salto quântico

Uma pequena fenda

entre o corpo e o punhal de prata

Mover-se é se curvar

com flexibilidade

Adiantar-se em fuga

para um canto

para outros cânticos

e mover-se é estar perto do fogo e não se queimar

É se inclinar na ribanceira e não se jogar

Mover-se é virar o jogo

domar o inimigo,

ordená-lo, acariciá-lo a distância

Retroceder em seu imaginário

Iludi-lo

Mover-se é escapar voando

Como um pombo

Para um outro canto

Contar um outro conto

Refazer-se...

E assim,

quando se sentir pronto

Mover-se novamente

Repetidas vezes

E por tantas vezes até...

Até o axé.

Ãlẹ = Espanador. Essa mesma palavra em **yorubá**, sinalizada de outra maneira – **ãle** – é traduzida por lepra, doença muito comentada no **ọdu Ọfun Méjì**. O espanador é uma espécie de vassoura de cabo curto, usada com a intenção de limpar o pó da casa e dos móveis existentes nela. O pó, que é a mistura de terra e ar, respectivamente representam, nesse contexto, a matéria e o espírito. O espanador, no **ọdu Ọfun Méjì** afasta, portanto, as impurezas materiais que podem atrapalhar a evolução do espírito. Um mito do **ọdu Ọfun Méjì** conta que um espanador foi dado ao elefante para espantar as moscas que o importunavam. Simbolicamente falando, o uso do referido instrumento lembra o cuidado e a atenção que é preciso ter para que as impurezas terrestres não maculem a pureza do espírito, que foi dada ao homem quando este recebeu o **Èmí de Olorun** – o Sopro do Deus Supremo (ver Simbologia – **Fũ**)

Aşo = Vestes – No **itan** que deu origem ao ritual das Águas de **Oşàlá**, o **ọdu Ọfun Méjì** diz que **Oşàlá** viaja (ver Simbologia – **Ìrìn-àjò**) e troca de roupa três vezes; em outro **itan**, o mesmo **ọdu** fala que **Oşàlá** se veste com limpíssimas roupas brancas e vai para o alto de uma montanha antes do sol nascer, a fim de livrar-se do vício de embriaguez. Como se percebe, vestes no **ọdu Ọfun Méjì** tem uma importância imensa. Afinal, vestes “é um símbolo exterior da atividade interior, a forma visível do homem interior” (CHEVALIER, p. 947). Já a troca de roupa indica a mudança progressiva, que acontece no processo iniciático, de homem profano para homem sagrado (ver **Èdá-Èlémi – Alán takùn**). Crença essa que existe não apenas na religião dos **oríşá**, como também em outras tradições religiosas, como é o caso da religião católica: “O peregrino devia trocar sua roupa habitual por uma roupa especial que o sacralizasse. É o despojamento do homem velho e o revestir do homem novo do qual fala São Paulo, a purificação que antecede a passagem” (CHEVALIER, p. 948). O iniciado que deseja, realmente, “casar-se” com sua essência divina e dela receber as revelações necessárias, as quais descortinam os mistérios da vida, precisa realizar a mudança de “hábito” de maneira profunda e inteira. Não só o hábito que quer dizer vestimenta sacerdotal, como também o hábito que significa costumes, principalmente aqueles que implicam em pureza de pensamentos, sentimentos e comportamentos, simbolizada pela roupa branca e limpa de que fala o **ọdu Ọfun Méjì**.

O ser humano é o único animal que se utiliza de roupa para cobrir sua nudez, pois dela tomou consciência. A nudez é, então, uma queda de nível espiritual, um retorno ao estágio de animal irracional. É “muito natural que a nudez também designe a pobreza e a fraqueza espiritual e moral” (CHEVALIER, p. 947). Um dizer do povo **yorubá** traduz o significado da roupa: “O dinheiro é uma coisa do destino, os tecidos são coisas do destino, os metais são coisas do destino. As roupas são como as pessoas, as pessoas são como as roupas. O homem necessita de roupas para ser admitido na casa de deus...”. Não é a toa que morrer nu é um dos tabus dos regidos por **Ọfun Méjì**. Para os católicos, esse também não é um fato bem visto. É “nessa perspectiva que devemos entender a difícil passagem paulina: Tanto assim que gememos com o desejo ardente de revestir por cima da nossa morada terrestre a nossa habitação celeste – o que será possível se formos encontrados vestidos, e não nus. Sim, nós que estamos nesta expectativa, gememos encabrunhados, pois não queremos nos despir, mas usar uma segunda vestimenta por cima da outra a fim de que o que é mortal seja absorvido pela vida (2, Coríntios, 5, 2-4)” (CHEVALIER, p. 949).

Ìrìn-àjò = Viagem, Jornada (**àjò** = jornada, viagem; **ájò** = ansiedade) – Viajar significa buscar novas experiências tendo em vista uma mudança interior; mas também pode representar uma fuga de si mesmo. “O simbolismo da viagem, particularmente rico, resume-se no entanto na busca da verdade, da paz, da imortalidade, da procura e da descoberta de um centro espiritual” (CHEVALIER, p. 951). As pessoas regidas pelo **odu Ọfun** devem sempre consultar os búzios quando existir a possibilidade de realizarem uma viagem. O povo **yorubá** conta:

dos deuses. Visando evitar maiores conflitos com a esposa, o Grande **Orísa** assim fez. No Jogo caíram os **odu Ọfun** e **Ejònilẹ**, indicando que **Oṣàlá** não deveria viajar, pois nesta viagem aconteceriam muitas maldades, inclusive com risco de morte para Ele. O **olúwo** recitou o seguinte verso: “**Ó ni ènia mètà niyí o kò l’òná; k’ó ma já; ìyà nbènibẹ o ni o pọ gan; Oṣàlá ni yio ba ìyà rẹ**” = “Ele disse que encontraria três pessoas na estrada; e não deveria discutir; o sofrimento realmente será muito grande; **Oṣàlá** disse: suportarei o sofrimento e a humilhação” (BENISTES, p.

238). Percebendo que o Grande Pai estava disposto a passar pelos problemas que Lhe aguardavam, o olúwo deu-Lhe a seguinte recomendação: Siga então Seu destino, mas leve três mudas de roupas, pois o senhor, **Oṣàlá**, nunca pode ser visto como uma pessoa suja (**aláì mọ́**); leve também sabão-da-costa e **òrí**; não peça nada a ninguém e não negue nada que Lhe seja pedido; mantenha-se em silêncio, sem reclamar nem se queixar das humilhações e injustiças que possam parecer desmedidas. “Ele pegou as roupas brancas; pegou o bastão de comando e partiu” = “**Ó mu àwón aṣọ mètà; Ó mu p’òpá sọró ó já lẹ o**” (BENISTES, p. 238). O **olúwo** também recomendou que **Oṣàlá** fizesse um **ẹbọ** para aliviar os problemas que, com certeza, estavam por vir. Porém, mais uma vez, a teimosia venceu o bom senso e **Oṣàlá** não obedeceu a orientação.

Na estrada, **Oṣàlá** encontrou **Èṣu** que pediu ajuda para colocar uma vasilha de azeite-de-dendê em Sua cabeça. Dessa vez, **Oṣàlá** lembrou-se das recomendações de **Ifá** e não negou ajuda. “O azeite derramou na roupa do Pai” = “**Epo sé si aṣọ Bábá**” (BENISTES, p. 238). Mesmo sendo o azeite-de-dendê um de Seus mais importantes tabus, **Oṣàlá** não se queixou: lavou-se no rio com sabão-da-costa, passou **òrí** no corpo, usou uma das três mudas de roupa que Lhe tinha sido orientado que levasse e com Sua roupa suja fez um **ẹbọ** de “roupa velha”. Por outro lado, **Èṣu** não desistiu de cumprir Seu papel de dono dos caminhos – tanto os benéficos (**ọ̀na rere**), quanto os maléficos (**ọ̀na burúkú**). É Ele quem abre os caminhos para aqueles que cumprem os sacrifícios prescritos e os fecham para aqueles que não os cumprem. Foi assim que **Èṣu**, o **oríṣa** responsável pela Ética Universal, continuou atuando: pediu para que **Oṣàlá** O ajudasse a colocar em Sua cabeça uma vasilha contendo **ědú** (carvão). Tudo aconteceu como antes. Depois **Oṣàlá** viu, amarrado, o cavalo branco que tinha dado a Seu filho **Ṣàngó**, sem ninguém a tomar conta dele. Imaginou que os serviçais só podiam estar muito ocupados e então resolveu ajudá-los. Dessa vez

Oṣàlá não estava desobedecendo a **Ifá**, Ele apenas tinha se esquecido da orientação de que não deveria ajudar a quem não tinha Lhe pedido ajuda: Ele levou o cavalo para refrescar-se no rio, pegou um milho no milharal e alimentou o animal faminto. **Oṣàlá** ficou todo molhado e resolveu trocar Sua última muda de roupa. Quando os serviçais procuraram o cavalo e não o encontrou, pensaram imediatamente que ele tinha sido roubado. Ficaram desesperados. Afinal, era o animal preferido do rei. Saíram à procura do cavalo e o encontraram sendo alimentado por um velho. Eles passaram a gritar: “**Olé eṣin oḃa!**” = “Ladrão do cavalo do rei!” (BENISTES, p. 240). Sem ser reconhecido, **Oṣàlá** foi surrado até ficar com as pernas e os braços quebrados e depois foi levado para a prisão do palácio, ficando lá esquecido por sete anos, durante os quais o reino de **Ṣàngó** caiu em total decadência. Desesperado, com Seu povo revoltado, **Ṣàngó** resolveu procurar um **olúwo** que “leu” para Ele o motivo dos problemas, dizendo que um homem, cujas vestes eram brancas, tinha sido preso injustamente e que o que estava acontecendo era uma revolta natural pela injustiça cometida. Afinal, o reino de **Ṣàngó** é o lugar onde deve imperar a justiça.

Imediatamente, **Ṣàngó** seguiu para a prisão e lá encontrou Seu pai: “**Nibàtí Oḃa ba dé ibè, Oḃa a dóbálẹ́ fún un**” = “Quando **Ṣàngó** chegou lá, se prostou perante Ele” (BENISTES, p. 240). **Ṣàngó** deu ordem para que banhassem Seu pai. Para isso, os guardas foram buscar água em sucessivas viagens. Revoltado, **Ṣàngó** ordenou que os guardas responsáveis por aquela injustiça fossem punidos, mas **Oṣàlá** disse que a culpa tinha sido Dele por não ter seguido as orientações de **Ifá**. **Aira**, “escravo amigo” de **Ṣàngó**, não se conformou e convenceu **Oṣàlá** que no reino do **oríṣa** responsável pela justiça, tal injustiça não poderia ficar impune. **Oṣàlá**, então, aceitou a sugestão de que um talismã fosse colocado dentro de uma cabana, no meio da mata, para que todos que ali entrassem e que carregassem em seus corações e mentes o

peso de terem cometido maldades e injustiças, fossem penalizados, saindo dali com algum problema físico. Afinal, depois da injustiça ocorrida, **Oṣàlá** nunca mais pode caminhar com facilidade.

O reino de **Ọ̀yọ́** voltou ao normal e “**Oṣàlá** já restabelecido do esforço a que foi obrigado, decidiu retornar a **Ifón**, pois todos estavam preocupados com a Sua longa ausência. Pelas dificuldades que **Oṣàlá** apresentava devido às agressões, **Ẓàngó** pede que **Aira Ìntilẹ̀** o acompanhe dizendo: ‘**Aira** vos acompanhará para sempre, será suas pernas e o eco de vossa boca. Todos os acontecimentos aqui passados serão lembrados pelas gerações futuras, no mais profundo silêncio da vergonha e do respeito, carregando um vaso com água para lavar os seus sofrimentos. Respeitarão suas proibições e seus filhos não poderão mais montar em cavalos ou usar qualquer objeto feito com o couro deste animal” (BENISTES, p. 242). Assim seguiu **Aira** com o Grande Pai para as terras de **Ifón**, sendo que antes resolveram passar por **Èjìgbò**, reino de Seu outro filho, **OṣàgIyán**, para agradecer as buscas que Este tinha feito durante todos os sete anos em que esteve preso. Lá chegando, **Oṣàlá** encontrou uma grande festa esperando por Ele, com muito **Iyán**, o inhamo amassado no pilão.

O ritual **Àwon Omi Oṣàlá**, criado a partir do mito da viagem de **Oṣàlá** para as terras de **Ọ̀yọ́**, demonstra as características de uma pessoa regida por **Ọ̀fun**, através do comportamento de **Oṣàlá**: O Grande Pai ficou preso por sete anos por teimosia, desobediência e sentimento de autosuficiência; por não se achar igual a qualquer pessoa, podendo por isto transgredir as orientações de **Ifá** sem que consequências desastrosas pudessem atingir-Lhe. Mas o mito, principalmente, descreve o processo iniciático: as três mudanças de roupa indica os três estágios de iniciação no candomblé e a prisão de sete anos representa a completude da iniciação de um sacerdote de **oríṣa**. O ritual das Águas de **Oṣàlá** faz o

sacerdote reviver e renovar a cada ano seu processo iniciático, isto é, sua viagem de volta a si mesmo, o reencontro com sua essência divina: a purificação na madrugada, as vestes brancas, as três voltas, o cuidado com a cabeça. “As viagens são igualmente... a série de provas preparatórias para a iniciação, encontradas nos mistérios gregos, na maçonaria e nas sociedades secretas chinesas” (CHEVALIER, p. 951).

Fũ = Sopro – De maneira geral, “o sopro tem o sentido de um princípio de vida” (CHEVALIER, p. 850). O choro de uma criança ao nascer é sua primeira manifestação de vida, é sua respiração, é seu sopro. A tradição cristã vê o sopro e a palavra divina como forças criadoras; também na tradição celta, o sopro tem propriedades mágicas; os feiticeiros zulus africanos fazem do sopro na orelha de um doente, com um chifre de boi, um ato mágico que expulsa os espíritos malignos causadores de enfermidades. Enquanto o Sopro Divino, seja ele do próprio Deus ou de um ser que esteja naquele momento divinizado, tem o poder de curar doenças, eliminar a morte e até insuflar a vida; o sopro humano, por vir de um ser impuro, pode macular aquilo que ele toca. O mesmo acontece com a saliva, ou qualquer excreção, divina e humana: cuspir na cara de alguém é considerado um insulto indesculpável. Essa é uma das razões (apenas uma das razões) pelas quais um iniciado do candomblé ao espirrar, perto de alguém hierarquicamente superior a ele, pede-lhe a bênção. Afinal, supõe-se que a pessoa com muitos anos de iniciação já tenha conseguido manter fixada sua essência divina, permanecendo mais tempo em estado divinizado.

Labirinto – Falar em **odu Ọfun** é pensar em provas iniciáticas, é pensar em labirinto: um entrecruzamento de caminhos, onde se deve buscar o caminho correto que levará à saída da prisão ou ao centro onde está salvaguardado o tesouro – a essência divina de cada um. “É que o labirinto... deve, ao mesmo tempo, permitir o acesso ao centro por uma espécie de viagem iniciatória, e proibi-lo àqueles que não são qualificados” (CHEVALIER, p. 530). Esse centro só é alcançado com a iniciação. Um processo em que o aspirante precisa passar por uma série de provas, simbolizada pelos desvios do labirinto. As provas iniciáticas têm como objetivo impedir que pessoas ainda não purificadas e preparadas energeticamente entrem em contato com tão grandioso poder, o que só iria prejudicar a elas próprias. “A trans-

formação do eu, que se opera no centro do labirinto e que se afirmará à luz do dia no fim da viagem de retorno, no término dessa passagem das trevas à luz, marcará a vitória do espiritual sobre o material e, ao mesmo tempo, do eterno sobre o perecível, da inteligência sobre o instinto, do saber sobre a violência cega” (CHEVALIER, p. 532).

É muito conhecido o mito de Teseu, rei de Atenas, que com a ajuda de um fio entregue para ele por sua amada Ariadne conseguiu entrar e sair do labirinto onde vivia o Minotauro – monstro metade homem, metade touro – que ele conseguiu matar. Antes de Teseu, muitos jovens tentaram entrar no labirinto, matar o monstro e retornar, mas nenhum deles levou consigo um fio entregue por um grande amor, o qual representa o auxílio espiritual fundamental para que se retorne à origem e reencontre a luz. A dança de Teseu é também chamada de “a dança dos groux” (ver **Èdá-Èlémi**), um dos animais representativos do **odu Òfun Méjì**.

Òrọ = Palavra – Ponto forte das pessoas regidas pelo **odu Òfun**, mas que é também a perdição delas. A palavra possui grande poder. Para os povos africanos, a força da palavra dá movimento ao que está estático. Quanto mais **àṣẹ** o iniciado tem, mais força ele terá naquilo que diz. Suas palavras são armas poderosas que só devem ser usadas para seu próprio bem e para o bem geral, mesmo assim, com cautela e consciência. **Èfún** é o nome que os **yorubá** dão às palavras proferidas por iniciados, significando palavras mágicas, representação do “Sopro do Deus”. Se a palavra para o iniciado (e, principalmente, para os regidos por **Òfun**) é um algo precioso, o silêncio (**àilahun**) é tão quanto. Em silêncio precisou ficar **Oṣàlá** preso durante sete anos, para poder ouvir a si próprio.

■ Fontes Bibliográficas

BARROS, José Flávio Pessoa de & SILVA MELO, Marco Antonio & VOGEL, Arno. *A Galinha d'Angola – Iniciação e Identidade na Cultura Afro-Brasileira*. Pallas. Rio de Janeiro: **1993**.

BARROS, José Flávio Pessoa de & NAPOLEÃO. *Ewé Òrìṣà – Uso Litúrgico dos Vegetais nas Casas de Candomblé Jêje-Nagô*. Pallas. Rio de Janeiro: **1993**.

BENISTE, José. *Dicionário Yorubá-Português*. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro: **2011**.

BENISTE, José. *As Águas de Oxalá*. 2ª ed. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro: **2003**.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. 11ª ed. José Olympio. Rio de Janeiro: 1997.

DETHLEFSEN, Torwald & DETHLEFSEN, Rüdiger Dahlke. *A Doença como caminho*. Cultrix. São Paulo.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Nova Fronteira. Rio de Janeiro: 1987.

MOREIRA, Ana. *Focus - Antologia Poética*. Organização de Ivan de Almeida. Cogito. Salvador: 2011.

OXALÁ, Adilson de. *Igbadu: A Cabaça da Existência – Mitos nagôs revelados*. 2ª ed. Rio de Janeiro: 2001.

RODRIGUÉ, Maria das Graças de Santana. *Orí Àpéré ó – O Ritual das Águas de Oxalá*. Summus. São Paulo: 2001.

UYLDERT, Mellie. *A Magia dos Metais – Os segredos ocultos do mundo mineral*. São Paulo: Pensamento: 1990.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Ewé – O uso das plantas na sociedade iorubá*. Companhia das Letras. São Paulo: 1902.

Direitos desta edição reservados à Assembleia Legislativa do Estado da Bahia.
Nenhuma parte pode ser duplicada ou reproduzida sem a expressa autorização.

Coordenação editorial

Paulo Bina e Délio Pinheiro

Assistentes editoriais

Alexsandro Mateus dos Santos

Bira Paim

Gelson Barbosa

Capa, Designer Gráfico e Foto

Rose Vermelho

Impressão e acabamento

Empresa Gráfica da Bahia

S237 Santos, Maria Stella de Azevedo.

Ofun. Maria Stella de Azevedo Santos, Graziela Domini Peixoto. / Salvador, 2013.

124 p. (Odu Adajo – Coleção de destinos ; v. 1)

ISBN

1. Religião. 2. Candomblé. 3. Cultura afrodescendente. 4. Odu. I. Peixoto, Graziela Domini. II. Título.

CDU: 299.6

Este livro foi composto em tipografia Myriad e YorubaOK.
Impressão e acabamento em Salvador, Bahia, em setembro de 2013.